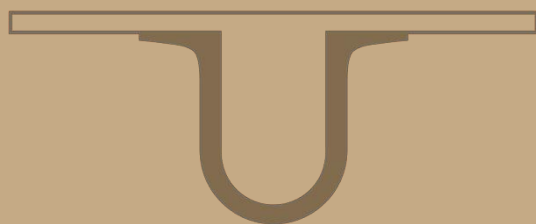




UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Maria Júlia da Costa Pereira

OS FESTIVAIS DE CINEMA E A SUA ORGANIZAÇÃO

ESTÁGIO NO FESTIVAL CAMINHOS DO CINEMA PORTUGUÊS

Relatório de Estágio do Mestrado em Estudos Artísticos, orientado pelo Professor Doutor Sérgio Dias Branco, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Maio de 2019

FACULDADE DE LETRAS

OS FESTIVAIS DE CINEMA E A SUA ORGANIZAÇÃO

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Os Festivais de Cinema e a sua Organização
Subtítulo	Estágio no Festival Caminhos do Cinema Português
Autor/a	Maria Júlia da Costa Pereira
Orientador/a(s)	Professor Doutor Sérgio Dias Branco
Júri	Presidente: Fernando Matos Oliveira
	Vogais:
	1. Doutora Mariana Vinagre Liz
	2. Doutor Sérgio Dias Branco
Identificação do Curso	2º Ciclo em Estudos Artísticos
Área científica	
Especialidade/Ramo	Estudos Fílmicos e da Imagem
Data da defesa	18-07-2019
Classificação do Relatório	16 valores
Classificação do Estágio e Relatório	16 valores



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Agradecimentos

Este relatório é o resultado de muito trabalho que não teria sido possível sem a paciência e o empenho de várias pessoas.

Tenho que agradecer, antes de tudo, ao Vítor Ferreira e ao Tiago Santos pela oportunidade deste estágio e por me terem possibilitado uma grande aprendizagem no festival.

Agradeço também ao meu orientador, Professor Doutor Sérgio Dias Branco, que sempre me guiou e me ajudou a melhorar o meu trabalho.

Finalmente, agradeço à minha família e amigos que me deram todas as condições para me concentrar neste trabalho.

RESUMO

Este relatório surge como resultado do estágio curricular referente ao Mestrado de Estudos Artísticos vertente de Estudos Fílmicos e da Imagem da Faculdade de Letras de Coimbra.

Depois de várias conversas com o meu orientador sobre o âmbito do trabalho, decidi escolher o tema “Festivais de Cinema e a sua Organização”.

O estágio curricular realizou-se no festival Caminhos do Cinema Português em Coimbra, com uma duração de 6 meses.

O trabalho que desenvolvi foi bastante abrangente e trabalhava paralelamente com as várias áreas de coordenação do festival.

O trabalho de investigação permitiu avaliar o nível de organização do festival tendo em conta a sua programação, gestão de espaços, recursos humanos, logística e recursos financeiros. Os festivais de Cinema e a sua Missão Social surgem como outro importante ponto de análise, já que o festival organiza atividades para crianças, jovens e séniores, tendo sempre a preocupação de programar filmes fora dos padrões comerciais e que de outra forma não seriam vistos.

Ao chegar ao fim do período de estágio sinto-me bastante mais autónoma, com maior capacidade de resolver imprevistos e gerir meios. Consegui perceber como funciona, na prática, o funcionamento de um festival de cinema. Sem dúvida que esta primeira experiência no mundo profissional me abrirá portas num futuro emprego na área, já que adquiri uma relevante experiência profissional.

Palavras-chave: cinema, organização, missão social, festivais, Caminhos do Cinema Português.

ABSTRACT

This report comes as a result of the curriculum internship related to the Master of Artistic Studies study of Film Studies and Image of the Faculty of Letters of Coimbra.

After several conversations with my advisor on the scope of work, I decided to choose the theme "Film Festivals and their Organization".

The curricular internship took place at the Caminhos do Cinema Português festival in Coimbra with a duration of 6 months.

The work I developed was quite comprehensive and worked in parallel with the various areas of coordination of the festival. The research work allowed to evaluate the level of organization of organization of the festival taking into account its programming, space management, human resources, logistics or financial resources. The film festivals and their social mission are another important point of analysis, since the festival organizes activities for children, young and old, always having the concern of programming films that are out of commercial standards and that otherwise could not see.

As I reach the end of the internship period, I feel much more autonomous, more able to solve unforeseen problems and manage means. I was able to see how a movie festival works in practice. Without a doubt, this first experience in the professional world will open doors for me in a future job in the area, since I have acquired a relevant professional experience.

Keywords: cinema, organization, social mission, festivals, Caminhos do Cinema Português.

ÍNDICE

Capítulo 1	1
1.1.Contextualização e Objetivos do Estágio	1
1.2. Descrição do Local de Estágio	2
1.3.Os Festivais de Cinema e a sua Organização	4
1.4.Estrutura do Relatório de Estágio	4
Capítulo 2	6
2.1.Definição do papel do estagiário no festival	6
2.2. Principais Tarefas Realizadas	7
2.2.1. Pré -Festival	8
2.2.2. Durante o Festival	9
2.2.3. Pós-Festival	12
Capítulo 3	13
3.1. Os Festivais	13
3.2. Os Festivais de Cinema	14
3.3. Os Festivais e o Cinema Independente	17
3.4. Os Festivais e o seu Público	19
3.5. Os Festivais de Cinema e o seu Impacto	22
3.6. Os Festivais e o Cinema Português	25
3.8. Os Festivais em Portugal	41
3.9. A Organização dos Caminhos do Cinema Português	43
3.3.1. As Seleções Competitivas	43
3.3.1.1. Jurados e Premiados do Festival	45
3.3.3. Cinemalogia	45
3.3.4. Simpósio	45
3.3.5. MasterSessions	45
3.3.6. Voluntariado	46
3.3.7. Financiamento e Patrocínios	47
3.3.7. Infra-Estruturas	47
3.3.8. Potencialidades e Constrangimentos	48

3.3.9. Principais Aprendizagens	52
3.3.10. Filme “Horizonte Artificial”	54
Capítulo 4	57
4.1. O festival de cinema e a sua vertente social	57
4.1.1. Caminhos Júniores	66
4.1.2. Caminhos Juvenis	66
4.1.3. Caminhos Séniores	67
Conclusão	68
Bibliografia/Fontes Consultadas	70
ANEXOS	74
ANEXO I – Plano de Estágio	75
ANEXO II – Contacto Escolas e Lares	79
ANEXO III – Ofício Cerimónia Abertura	82
ANEXO IV – Picta para Vídeo de Voluntariado	84
ANEXO V – Inscrição Sophia Estudante	86
ANEXO VI – Relatório do Festival	92

CAPÍTULO 1

1.1.Contextualização e Objetivos do Estágio

Este relatório surge como resultado do estágio curricular referente ao Mestrado de Estudos Artísticos na Faculdade de Letras de Coimbra.

Depois de frequentar o 1º ano de mestrado na vertente da Imagem e Estudos Fílmicos, onde aprofundei questões teóricas fundamentais para a minha formação, decidi desenvolver a parte prática do curso.

Um estágio curricular permitiria que eu desenvolvesse competências importantes e um conhecimento mais realista de como funciona o mundo profissional. Pensei desenvolver o meu estágio num meio que, apesar de me ser desconhecido, me despertava muita curiosidade, os festivais de cinema.

Dado que a política de estágio da Universidade de Coimbra permite ao aluno escolher a entidade acolhedora pensei no festival dos Caminhos do Cinema Português, em Coimbra.

Quando contactei os Caminhos do Cinema Português para sondar sobre um eventual estágio futuro, foram bastante céleres na resposta positiva, permitindo que todo o processo se desenrolasse rapidamente. Depois disso, tive apenas que aguardar a resposta do Gabinete de Estágios da Faculdade de Letras onde frisei a importância da entidade acolhedora no panorama cultural, que vai muito além do cinema nacional.

Depois de estabelecido um protocolo entre as duas instituições – a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e os Caminhos do Cinema Português – foi estabelecido que o objetivo fundamental do estágio era trabalhar para a autonomia e versatilidade do estagiário que facilite, um dia, a entrada no mercado de trabalho.

Depois de uma conversa com o meu orientador de estágio Dr. Tiago Santos, onde conversámos abertamente sobre o plano de trabalho que me seria atribuído, ficou decidido que esse plano iria incidir sobre as funções de Secretariado de Produção onde fui responsável pela ligação da Direção do festival a todos os coordenadores de atividades e também pela gestão de voluntários, como mais abaixo explicarei.

Iniciei o estágio no dia 19 de setembro e finalizei no dia 19 de fevereiro, um total de 6 meses, tendo que fazer no mínimo 390 horas. Ao longo desses 6 meses, participei ativamente na produção da 24ª edição dos Caminhos do Cinema Português, que se realizou de 23 de novembro a 1 de dezembro de 2018.

Ao longo destes seis meses, desenvolvi tarefas que abrangem as várias vertentes do festival e que me deram uma visão de como funciona a organização de um festival.

Como estagiária tive o privilégio de acompanhar o festival ainda no seu início: desde a obtenção dos primeiros patrocínios, das decisões na programação, das candidaturas dos voluntários, da formação das equipas, dos imprevistos da produção. Tudo isto terá um forte impacto na minha formação académica e profissional e vai demonstrar-se bastante útil quando, mais para a frente, encontrar situações que exijam a resolução de imprevistos.

Para além do Estágio Curricular, o festival apostou também na minha formação, oferecendo-me a frequência nos módulos do Curso de Cinema – Cinemalogia que mais me interessaram. Essa formação teórico-prática, em conjunto com a experiência profissional que adquiri no estágio, irão revelar-se fundamentais no meu futuro profissional.

1.2. Descrição do Local de Estágio

O local do meu estágio foi o Centro de Estudos Cinematográficos, que fica no primeiro piso da Associação Académica de Coimbra. O Centro de Estudos Cinematográficos é uma das mais antigas secções culturais da AAC e tem como missão promover uma aproximação entre o cinema e os estudantes. É o CEC que promove, anualmente, o festival Caminhos do Cinema Português.

“Os Caminhos do Cinema Português são um festival generalista de cinema focado na cinematografia contemporânea portuguesa, sendo um evento singular em Portugal, pela forma como promove a exibição, discussão e a prática cinematográfica – através da realização de secções competitivas, secções paralelas, retrospectivas cinematográficas e ações pedagógicas e de formação profissional no plano teórico-prático. Os Caminhos do Cinema Português pretendem ser aquilo que o nome transmite: a súpula dos diferentes caminhos que a cinematografia nacional percorre. Não existe um só caminho, disso nos damos conta quando os podemos enumerar, a saber: cinema de autor, cinema comercial, cinema para crianças e a vídeo arte. O cinema português enquadra-se nos mais variados escalões etários e registos estilísticos de que a história do cinema nos pode dar conta.”

(Retirado de: <https://www.caminhos.info/inicio/contextualizacao-historica/#.XGGEo9L7Qy4>)

Os Caminhos do Cinema Português realizaram-se, pela primeira vez, em 1988 sob forma de mostra de cinema, sendo organizado em parceria com a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e o Centro de Estudos Cinematográficos/AAC.

A primeira edição contou com uma programação privilegiada onde foram exibidas obras de realizadores consagrados, tais como Paulo Rocha, Luís Filipe Rocha, João César Monteiro e Manoel de Oliveira.

Manteve o formato de mostra de cinema durante as três primeiras edições até 1990. Nessa altura, os Caminhos do Cinema Português sofreram uma pausa de sete anos e só voltam a surgir com a quarta edição em 1997, já com o formato de festival.

A partir de então, o festival afirmou-se como o maior em contexto universitário e o único que se dedica ao cinema português. Ainda nessa quinta edição do festival, foi criado um júri para a atribuição dos prémios e já houve uma consulta ao público para que este também pudesse votar. Em 2010, surgiu a ideia de criar os primeiros prémios técnicos do cinema nacional. No ano seguinte, em 2011, foi realizada pela primeira vez o curso Cinemalogia — Da Ideia ao Filme, como forma valorização do serviço pedagógico. Paralelamente ao curso de cinema, outras atividades foram criadas para enriquecer o festival: as Mastersessions, que consistem num debate com oradores específicos sobre determinado tema, e as Fusões no Cinema, que resultam num simpósio internacional sobre cinema.

O festival tem ganho ao longo do tempo novas apostas e seleções que enriquecem a programação do festival e atraem novos públicos.

A Seleção Ensaios, por exemplo, premeia jovens estudantes que inscrevem filmes produzidos em contexto académico. Outro exemplo, é a Seleção Júniores que se destina a crianças do 1º Ciclo; muitas vezes é nesta atividade que muitas crianças têm a sua primeira experiência com a sétima-arte.

Devido às seleções competitivas, o festival consegue premiar conteúdo profissional e académico. O festival tem vindo a colocar em competição, tanto conteúdo profissional ou académico. A Seleção Ensaios, premeia trabalhos feitos em contexto académico, dando uma oportunidade de visibilidade e reconhecimento aos seus realizadores.

Atualmente, o festival encontra-se em grande crescimento e isso é visível no nível de adesão que teve esta última edição.

“A nossa vigésima quarta edição vem (com)provar a vivacidade da cinematografia nacional numa edição em que recebemos 326 propostas nacionais num total de 726. Destas, foram programadas 167 – 21,92% de aceitação – com 99 obras nacionais presentes nas duas secções competitivas: Caminhos e Ensaios, bem como numa nova secção paralela – ‘Outros Olhares’. Esta edição é ainda reveladora do espírito de cooperação dos nossos cineastas com o universo de língua portuguesa, através do significativo número de coproduções em competição.”

(Retirado de: <https://www.caminhos.info/inicio/contextualizacao-historica/#.XGGEo9L7Qy4>)

Neste momento, os Caminhos do Cinema Português é um festival multifacetado que propõe um conjunto de atividades diversificado e capaz de atrair público cada vez mais diferenciado. Isso é e notório no número de participantes que vai aumentando de ano para ano. Entre 2008 e 2014, o festival contou com 700 espectadores, no ano de 2017, na vigésima terceira edição o número subiu para os 1000 espectadores.

1.3. Os Festivais de Cinema e a sua Organização

Os festivais de cinema e a sua organização são o tema da minha reflexão teórica neste relatório. Para além de descrever a importância que têm os festivais de cinema, ao valorizarem uma programação diversificada das restantes distribuidoras, vou falar também da organização desses eventos. Ou seja, vou analisar a forma como organizam os seus recursos humanos, logística e espaços. Depois do meu estágio, nos Caminhos do Cinema Português, darei o exemplo prático de como é que o festival se organiza.

Para isso, vou recorrer a autores como Walter Benjamin ou Joel Black. No livro *The Reality Effect: Film Culture and the Graphic Imperative*, Black baseia a sua reflexão no facto de o século XXI ser o único na história em que foi sendo completamente registado em meios audiovisuais. Neste momento, qualquer pessoa no mundo tecnologicamente avançado tem acesso a uma câmara de filmar, pode até ser no telemóvel, e é capaz de gravar algo.

1.4. Estrutura do Relatório de Estágio

Este relatório de estágio pretende relatar a minha experiência como estagiária no festival Caminhos do Cinema Português, registando assim todas as experiências vividas e aprendizagens realizadas.

Este documento, obrigatório para a avaliação da estagiária, assinala todas as dificuldades que senti no processo de adaptação na entidade acolhedora assim como todos os desafios superados.

O meu estágio foi orientado pelo Professor Doutor Sérgio Dias Branco, docente no Mestrado de Estudos Artísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Na entidade de acolhimento, o responsável pela orientação do meu estágio foi o Doutor Tiago Santos, vice-diretor do festival Caminhos do Cinema Português.

O relatório encontra-se dividido em 5 capítulos. Início o relatório com uma breve contextualização dos objetivos e apresentação do local de estágio. O capítulo seguinte pretende clarificar o papel da estagiária na instituição assim como fazer uma apresentação das tarefas realizadas durante os 6 meses, fazendo uma distinção das tarefas que foram realizadas no período pré festival, as que foram realizadas durante e por fim as tarefas que foram realizadas de pós produção. No capítulo 3, pretendo apresentar um trabalho de pesquisa e reflexão sobre a organização dos festivais de cinema, incidindo na análise da minha experiência na organização dos Caminhos do Cinema Português, referindo as suas potencialidades e também aquilo em que ainda pode melhorar.

O capítulo que se segue diz respeito à preocupação que o festival tem em colmatar necessidades sociais na região em que se insere, propondo todos os anos programação especial para os mais velhos (Caminhos Séniores) ou escolhendo os filmes tendo em conta as necessidades dos públicos mais jovens (Caminhos Júniores).

O capítulo final surge em forma de conclusão e concentra toda a reflexão realizada por mim referente ao período de estágio. É a altura em que a própria estagiária avalia o seu percurso e evolução durante os seis meses na entidade acolhedora. Esta reflexão terá em conta as dificuldades que senti, os objetivos atingidos e os desafios superados.

CAPÍTULO 2

2.1. Definição do papel do estagiário no festival

O meu horário foi negociado com a instituição acolhedora, uma vez que é um festival que acontece em novembro, e que há meses com mais trabalho – onde trabalhei a tempo inteiro – e outras alturas em que havia menos trabalho – onde trabalhei a tempo parcial.

Como já referi, durante os seis meses do meu estágio, ocupei o cargo de Secretariado de Produção. Trata-se de uma função bastante abrangente e transversal que me permitiu chegar a quase todas as outras áreas do festival. Colaborei em áreas tão distintas como a divulgação, a programação, o curso de cinema ou o acolhimento. Durante os 6 meses, foi responsabilidade minha marcar reuniões com voluntários ou comunicar com instituições-chave como por exemplo o Ministério da Cultura; tive que contactar várias vezes o Ministério porque a Doutora Graça Fonseca aceitou fazer parte no nosso quadro da Comissão de Honra.

O papel de Secretária de Produção é muito importante porque é um meio de união entre as várias áreas de coordenação, permitindo que tudo funcione em harmonia. Muitas vezes funcionava como um meio de comunicação, fazendo circular a informação de uma forma mais rápida por toda a equipa. Também senti que era o Secretariado de Produção que comunicava com a direção, estabelecendo um diálogo entre todos. Era a minha função fazer o levantamento daquilo que era necessário e tentar solucionar essas faltas.

Eu, pessoalmente, nunca tinha percebido a importância da pessoa que está responsável pelo Secretariado de Produção. Era a minha responsabilidade manter a coesão e comunicação da equipa. A maioria das vezes, era também eu o ponto de comunicação com o exterior, porque respondia aos e-mails e telefonava para os diferentes sítios. A nível externo, era necessário que fosse capaz de trabalhar com modelos hierarquizados, que é o que acontece a muitos dos espaços onde o festival irá decorrer como é o caso do Teatro Académico Gil Vicente, da Casa das Caldeiras e do Mini Auditório Salgado Zenha.

Segundo o meu orientador me informou, a seguir à Direção Geral do evento, esta é uma das tarefas de maior responsabilidade dentro da produção, pois assegura que tudo funcione de uma forma coesa, resolvendo qualquer tipo de contratempo. Foram exatamente estes contratempos que desenvolveram a minha capacidade de improvisação em situações de stress.

Durante o meu tempo de estágio, desenvolvi a capacidade de gerir o stress e de tomar decisões sob pressão.

Como já referi anteriormente, acompanhei a formação das várias equipas de perto e vi o festival a crescer de dia para dia. Cabe ao responsável pelo Secretariado garantir boas condições de trabalho a todos para que possam trabalhar para um objetivo único – a produção do festival.

Depois de definir qual foi o meu papel enquanto estagiário no festival Caminhos do Cinema Português, registo quais foram as minhas principais tarefas.

2.2. Principais Tarefas Realizadas

Enquanto estagiária no festival, era minha responsabilidade auxiliar as várias áreas de coordenação e a própria direção.

Uma das minhas principais tarefas passava pela gestão de candidaturas dos voluntários. Para realizar as candidaturas, os candidatos preenchiam uma ficha com a informação pessoal e com as áreas em que teriam interesse em ajudar como por exemplo, acolhimentos, programação, curadoria, júniors, produção, comunicação, design, fotografia, etc. Normalmente, a área escolhida estava relacionado com a experiência profissional de cada um. Muitos voluntários colaboravam em várias áreas ao mesmo tempo. Assim que recebia as candidaturas tinha que as reencaminhar para o coordenador de cada área. Depois, tinha que marcar uma reunião com todos os voluntários de uma determinada área para os informar da organização do trabalho no festival. Essa reunião era dirigida pelo coordenador, que conhecia nesse momento a equipa com quem ia trabalhar e nessa altura tomava nota da disponibilidade de cada um. Fiz tabelas com a disponibilidade de cada voluntário para ser mais fácil ao coordenador gerir o trabalho de cada um. Houve áreas, como a apresentação de sessões, bilheteira e produção em que era eu que contactava e geria o trabalho de cada um por não haver coordenador.

Fiquei responsável por aceitar as inscrições dos sócios do CEC, assim como aceitar os pagamentos das quotas e passar os recibos.

Os Caminhos do Cinema Português desempenham um importante papel social e, por isso, geri as candidaturas deste projeto no Prémio de Voluntariado Universitário, promovido pelo Banco Santander, e no Prémio Boas Práticas de Envelhecimento Ativo e Saudável, onde

promovemos a atividade Caminhos Sénior. Um dos principais requisitos para concorrer ao Prémio de Voluntariado Universitário, era publicar um vídeo de alguns segundos onde se apresentava o projeto Sénior. Coube-me a mim escrever o texto, pensar numa ideia e filmar esse vídeo.

O festival Caminhos do Cinema Português também tem um curso de cinema, “Cinemalogia – Da Ideia ao Filme,” e como resultado do curso os formandos realizam uma curta-metragem. Coube-me a mim inscrever esses filmes em concursos como o Prémio Sophia Estudante ou em festivais.

Ainda como auxílio à atividade Cinemalogia, fui eu que geri as inscrições no curso de cinema, contactei os formadores dos módulos, esclareci dúvidas sobre o funcionamento do curso e realizei os pagamentos no secretariado.

Já referi anteriormente que era minha responsabilidade auxiliar nos contactos com outras instituições, assim como com os jurados do festival, algo que por vezes exigia muito tempo por se tratar de algo burocrático.

Como Secretária de Produção, fiquei responsável por contactar a Comissão de Honra. Redigi um texto com uma breve contextualização do festival, imprimir e enviei para cada entidade por CTT. A Comissão de Honra é algo de demora muito tempo a ser tratado porque esse pedido dá entrada em secretarias do Governo ou da Câmara Municipal e isso leva o seu tempo. Tive que ligar constantemente para as entidades a pedir um feedback do pedido e pedi também um pequeno texto para colocar no nosso catálogo.

Particpei ativamente na organização e prestação de contas do festival, geri todos os recibos, discriminei os pagamentos por bancos e organizei a folha das contas.

Organizei uma tabela com todos os apoios e patrocínios que nos cederam para que visualmente isso ficasse ao alcance de todos. Assim, era mais fácil a consulta, já que disponibilizava também o contacto da entidade. Isso facilitou, também, a organização para o envio dos convites para o festival.

Durante o estágio, realizei inúmeros pedidos de patrocínios e de parcerias e desenvolvi muito a minha capacidade de negociação.

Todos os dias, fazia também a gestão do e-mail geral do festival e da base de dados, sendo necessário estar sempre atualizada.

Como Secretária de Produção, cabia-me a mim a gestão das encomendas junto dos fornecedores gráficos e a constante comunicação com o responsável pela distribuição do material de divulgação.

Na área da comunicação, auxiliei a coordenadora na gestão de um clipping digital, onde conseguimos reunir as notícias referentes aos Caminhos do Cinema Português na nossa base de dados.

Depois de enumerar as minhas tarefas gerais, pode-se perceber como elas foram abrangentes. Eu, enquanto estagiária, tive que me adaptar a esta incrível versatilidade.

2.2.1. Pré-festival

Durante os meses de setembro e outubro, uma das principais tarefas a desempenhar foi a marcação de grupos. Depois de enviar e-mail com a programação para as escolas e lares ou IPSS, liguei para todos para assegurar que tinham recebido a informação e para fazer o convite de uma forma um pouco mais pessoal para virem ao festival. Fui eu que geri as inscrições dos grupos, recebi os comprovativos de pagamento e emiti os recibos. Esta tarefa foi algo que foi sempre feito até a data do festival. Consegui duas voluntárias para me ajudarem, que ligavam incansavelmente para as escolas ou instituições.

Em relação à programação do festival, era minha responsabilidade falar com as produtoras ou realizadores para pedir os filmes para projeção, receber os filmes e todo o material de divulgação.

Também foi minha função enviar a informação sobre o festival para o Painel de Turismo da Câmara Municipal de Coimbra, garantindo que durante o festival o evento fosse divulgado.

Tive que fazer um levantamento de todos os formadores da Cinemalogia e obter a sua morada de forma a ser possível enviar os convites para o festival.

Uma das tarefas mais aborrecidas passou pela gestão e organização da nossa base de dados. Tive que ordenar todos os nossos contactos por categorias: festivais, parceiros, escolas, produtoras, etc. Colocámos todos esses contactos numa só página de forma a facilitar a sua consulta no futuro.

Uma das minhas funções passava também pela escrita e envio de ofícios para a obtenção dos Altos Patrocínios e da Comissão de Honra. Escrevi os ofícios, certifiquei-me de

que as moradas estavam atualizadas e enviei por correio para todos. Em relação à Comissão de Honra, era minha tarefa pedir os textos que mais tarde seriam colocados no nosso catálogo.

Um mês antes do início do festival, foi-me pedido para fazer um levantamento da disponibilidade dos hotéis em Coimbra durante os dias do festival. Informaram-me que dia 23 de novembro, o primeiro dia do festival e dia da cerimónia de abertura, estes estavam esgotados porque ia haver uma conferência na cidade que terminava nesse dia. Passei essa informação à direção, houve uns dias em que apenas se pensou na resolução desse contratempo. Mas como não se encontrou nenhuma alternativa, adiou-se a cerimónia de abertura para o dia 24 de novembro. Com esta alteração, a programação do festival teve que ser redefinida e tivemos que informar todos os convidados desta alteração.

Uma das atividades planeadas, era a realização de três Mastersessions durante o festival e foi necessário convidar os oradores e tratar de todas as questões de acolhimento. Como é natural, houve várias trocas de última hora mas tudo correu pelo melhor.

Assim que as parcerias e os patrocínios se encontravam fechados fiquei responsável por convidar essas entidades para as nossas cerimónias de abertura e de encerramento. Liguei pessoalmente para os nossos patrocinadores a perguntar se vinham às cerimónias.

No dia 24 de novembro, dia da cerimónia de abertura do festival, foi necessário convidar os apresentadores e pensar numa performance. Inicialmente, contactei uma escola de dança para uma performance, mas depois de algumas incompatibilidades percebi que era melhor desistir dessa ideia.

Fiquei responsável por preparar e enviar todos os packs de divulgação para os municípios parceiros. Essa tarefa exigia tempo e pessoas. Tive uma voluntária a trabalhar comigo só nessa tarefa, de forma a conseguir terminá-la o mais depressa possível.

2.2.2. Durante o festival

Durante os dias do festival, assegurei o funcionamento do secretariado durante o horário de expediente. Abri o CEC todos os dias às 9h00. Durante os dias úteis do festival, decorreu a atividade Caminhos Júniores às 9h30 e eu tinha que estar no CEC a prestar apoio a essa atividade. Como essa atividade decorreu sempre no TAGV, nunca houve muito trabalho, tirando a necessidade de guardar o material logístico.

Conseguimos o apoio da Pastelaria Monumentais, e todos os dias às 8h30 tinha que ir lá recolher pães e bolos para a nossa alimentação durante o festival.

Por diversas vezes, houve necessidade de ir às compras, por carência de material de escritórios ou de alimentação. Para facilitar tudo, optámos também por ter sempre queijos ou fiambre no frigorífico para as pessoas colocarem no pão.

Como na preparação do festival tinha sido eu a contactar os lares e IPSS a convidar para a atividade Caminhos Sêniores, achámos que fazia sentido ser eu própria a receber os grupos sêniores que vieram assistir ao filme *Soldado Milhões*; certifiquei-me de que as portas do TAGV abriam mais cedo de forma a ninguém ter que esperar em pé.

Durante os dias de montagem, garanti que o espaço do TAGV estava disponível e assegurei as carências de mão-de-obra durante esse período. Essa gestão de recursos humanos foi feita durante todos os dias do festival.

Coordenei a gestão dos grupos inscritos, garantindo a comunicação entre o festival e o Teatro Académico Gil Vicente. Recebia as inscrições, informava do valor a pagar e, mais tarde, passava o recibo às instituições.

Apesar que não ser a minha função, auxiliei a equipa de acolhimento na receção dos convidados e nos pedidos de acreditação. Houve mesmo alturas em que fiquei responsável por marcar o alojamento e as refeições dos convidados.

Geri toda a parte logística; sempre que era necessário alguma coisa, tentava resolver a situação.

Durante os dias festival, fiz um levantamento das disponibilidades dos voluntários inscritos em assistência de sala e apresentação de sessões. Para cada sessão do festival, quer no TAGV, quer no miniauditório ou nos cinema Alma Shopping, eram necessários no mínimo dois voluntários: um a fazer a venda dos bilhetes e o outro a fazer uma pequena apresentação. Eu tinha que preparar as sessões no dia anterior. No caso dos voluntários que iam para o Alma Shopping era necessário levá-los para lá no carro do festival. Assegurava que as sessões tinham tudo para funcionar: caixa de dinheiro, folha de contas, boletins de voto, etc. Nessa situação eu tinha que arranjar um voluntário com carta de condução que estivesse disponível. Muitas vezes, essas pessoas estavam ocupadas com outros transportes e por isso tinha que ser eu a fazer essa tarefa.

Os transferes dos jurados também seguiam este sistema. Criei uma folha onde estavam identificados todos os serviços de transferes que seriam necessários. No dia anterior,

consultava essa folha e via quais eram os jurados que iam precisar de transporte no dia a seguir para o assegurar.

Auxiliei na realização das Mastersessions, garantindo a presença dos oradores assim como a satisfação de todas as necessidades logísticas. Era necessário preparar a Sala do Carvão, preparar a projeção, assegurar que todos os oradores dispunham de copos e garrafas de água. Foram destacados dois voluntários por sessão, eles garantiam que o debate não excedia o tempo previsto e ainda faziam circular uma folha de presença para que depois todos possam receber um certificado. Depois, esses voluntários ainda tinham que limpar e arrumar a sala.

Apesar de o CEC ter contratado uma empresa de limpezas, houve um fim-de-semana do festival em que essa limpeza não aconteceu. Como são dias de muito trabalho é normal haver muito lixo nas salas. Tive que ser eu a assegurar essa limpeza: chão, mesas, despejar lixos.

No final do penúltimo dia do festival, depois da reunião dos jurados, foi-nos transmitido quem eram os vencedores deste ano. Organizámos uma grande equipa, que ficou a trabalhar durante toda a madrugada para que se assegurasse que todos os vencedores eram avisados para garantir o máximo de presenças para a sessão de encerramento, que seria no dia a seguir.

Criámos, antes de mais, na nossa base de dados, um documento onde estavam descrito os vencedores. Depois, foi necessário reunir todos os contactos. Começámos a ligar para alguns ainda naquela noite e, na manhã seguinte, terminámos esse trabalho. Possivelmente, essa foi uma das noites mais difíceis do festival, toda equipa já estava muito cansada mas trabalhámos muito para que a informação sobre os premiados chegasse às pessoas.

Negociámos com as outras secções da AAC, para que nos cedessem as suas salas para resolver questões logísticas. Graças a esse apoio, conseguimos espaço para guardar o material e espaço de trabalho. O Grupo Ecológico cedeu a sua sala, utilizamos esse espaço para a receção dos convidados e como sala de reuniões de jurados. A Secção do Fado, também cedeu a sua sala que foi utilizada para guardar todo o material do CEC que estava a ocupar espaço. Também o CIAAC nos cedeu uma sala onde aconteceu o módulo de Reportagem Foto-Vídeo de Eventos, dirigido por João Bacelar.

Contactei os jurados de cada seleção, para fazer um levantamento das suas disponibilidades, de forma a garantir a reunião de jurados que determina os galardoados. Foi muito difícil conseguir gerir todas as agendas. Houve um jurado que só vinha a Coimbra durante três horas e queria que a reunião fosse durante esse período. Mas para outro jurado, essas horas eram completamente impossíveis. Por isso, a verdade é que houve uma seleção em

que os jurados não se reuniram todos. Apenas dois deles se encontraram, chegaram a um parecer, e depois contactaram os outros de forma a reunir mais opiniões.

Fiz a gestão das senhas de alimentação cedidas pelos SASUC garantindo que todos os voluntários se alimentassem. Lamentavelmente, essas senhas não chegaram para todos e tivemos que priorizar quem trabalhava mais horas. Houve muitos voluntários que se queixaram disso porque quando se inscreveram, na nossa página, estava escrito que eles teriam direito a alimentação. Essa gestão das senhas foi uma ordem da direção que todos tivemos que cumprir.

Outra tarefa que me coube foi o apoio ao Prémio do Público. Um voluntário ficou responsável por contar os votos do prémio do público. Como essa contagem é confidencial, arranjámos uma sala só para isso que estaria trancada e a chave estaria comigo.

Auxiliei o funcionamento do módulo de Reportagem Foto-Vídeo de Eventos, dirigido por João Bacelar, do curso de cinema, garantindo o acesso à sala e ao material logístico (projeter, colunas, etc).

2.2.3. Pós Festival

Este é o momento de limpar o CEC e deitar fora tudo o que já não é preciso e escolher aquilo que se quer guardar como arquivo (folhas de voto, bilhetes, flyers, etc.)

Depois do término do festival, é necessário enviar os prémios a todos os vencedores que não estiveram presentes. É também necessário devolver as cópias dos filmes aos realizadores ou produtoras.

Nesta altura é feito um levantamento estatístico e um relatório da 24.^a edição dos Caminhos do Cinema Português.

São analisados todos os convites que vieram devolvidos e atualizadas as moradas dessas entidades na base de dados.

No final do festival, estava na altura de enviar um certificado participação a todos os voluntários. Enviei a todos o certificado com um pequeno texto de agradecimento pela participação no festival.

Nesta altura, há sempre uma preocupação em consolidar a documentação de suporte para a realização de relatórios de atividades e contas.

CAPÍTULO 3

3.1. Os Festivais

Os eventos culturais, mais propriamente os festivais surgiram como uma forma de afirmação de um coletivo. Sempre houve a necessidade de encontro de um determinado grupo. Muitas vezes, essa necessidade de encontro era associada ao lado lúdico. Os indivíduos procuram, mais do que tudo, distrações para ocupar o seu tempo livre.

No divertimento em grupo, do mesmo modo que na religião, o indivíduo “desaparece” no grupo e passa a ser dominado pelo coletivo. Nesses momentos, apesar ou por causa das transgressões, são reafirmadas as crenças grupais e as regras que tomam possível a vida em sociedade. Ou seja, o grupo revigora periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade.

(Amaral, 1998, p. 14)

Rita Amaral no seu artigo “As Mediações Culturais da Festa” analisa a necessidade de pertença a um grupo. Segundo a autora, num coletivo o indivíduo deixa de afirmar-se para que haja uma dominação do grupo, sendo que é a vontade do grupo que importa. Esse comportamento, vai valorizar o grupo, que a partir dali funciona enquanto unidade.

Esta carência de pertença a um determinado grupo é muito antiga e está associada aos rituais que estiveram na base da construção da sociedade contemporânea. Esses rituais, religiosos ou não, que muitas vezes estavam ligados à necessidade de satisfação de necessidades espirituais e emocionais dos seus praticantes, são transversais a todas as sociedades humanas.

No Egipto, os festivais eram formas ritualizadas de homenagear várias entidades (divindades e governantes, por exemplo) com abundância de comida e bebidas para toda o público. Já nessa altura, este tipo de festividades ocorria ciclicamente, obedecendo a calendários específicos, ligados aos ciclos lunares e à mudança de estações.

Também na Grécia os festivais ocorriam com o mesmo carácter cíclico e eram patrocinados pelo governo da cidade (Pólis). Envolviavam, além de rituais religiosos, atividades desportivas e culturais: jogos, música, teatro e dança. Um destes festivais, o de Olímpia, deu

origem aos Jogos Olímpicos que perduram até hoje. Nos dias de festival não se trabalhava. Como constituíam celebrações pacíficas, nesses dias também não se guerreava. Constituíam assim um momento de trégua. Concluímos assim que, pelo menos durante esses dias, os gregos sobrepunham as atividades religiosas, desportivas e culturais à própria guerra.

Já nessa altura os festivais incentivavam as economias locais das cidades onde se realizavam e promoviam o intercâmbio dos vários povos do mundo helénico.

No Império Romano, os festivais tornaram-se muito numerosos e pouco significativos.

Na Idade Média, não encontramos grandes referências a festivais; as atividades de lazer (torneios, saraus, romarias) eram diferenciadas e com públicos específicos. As atividades desportivas (com exceção das ligadas à guerra) parecem ter sido esquecidas.

Durante a Revolução Francesa, os festivais voltaram a adquirir importância nacional:

pode concluir-se que a camada dirigente da Revolução Francesa estava profundamente identificada com a cultura da Grécia e de Roma. Vendo em tais sociedades realizações ideais, essa camada dirigente adequa a própria atuação pela dos heróis e governantes da Antiguidade Clássica, tenta moldar a vida do seu país pelos modelos da Grécia e de Roma e procura dotar a França com várias das instituições que nelas encontravam.

(Ferreira, 2010, p.205)

Segundo o autor José Ribeiro Ferreira, os festivais públicos nacionais inspirados nos modelos gregos, constituíam para os revolucionários uma importante componente da educação dos cidadãos. Já nessa altura se considerava os festivais culturais como uma forma de educação não formal.

No Egipto e na Grécia, os festivais eram um grande acontecimento, que envolvia toda a população e em que era pedido aos artistas para mostrarem os seus talentos. Atualmente, os festivais modernos já não contam com o mesmo nível de participação do público.

Neste momento, os festivais de cinema ainda encaram muito preconceito por serem considerados para um público elitista. Esse tipo de preconceito, se não for quebrado, vai continuar a afastar o público destes eventos. É necessário chamar a atenção de quem nos rodeia, para a importância do festival e temos que despertar a curiosidade dos indivíduos para que eles sintam necessidade de participar.

Com esta breve contextualização histórica sobre a origem dos festivais conseguimos compreender que a participação nestes eventos era algo desejada por toda a população, onde todas as pessoas se divertiam e conviviam umas com as outras. Nos festivais, criavam-se espaços de criação artística. Eram um espaço de liberdade para os artistas mostrarem as suas habilidades e todo o convívio que existia era em volta disso.

Na obra *The Festivalization of Culture*, os autores fazem uma contextualização histórica dos festivais como forma de afirmar a identidade cultural. Sempre houve festivais pois estes eram importantes para assinalar acontecimentos religiosos, sociais ou étnicos. Os encontros culturais surgiram, não só como uma atividade lúdica, mas também como forma de explorar a identidade cultural de um grupo.

In a world where notions of culture are becoming increasingly fragmented, the contemporary festival as developed in response to processes of cultural pluralization, mobility and globalization, while also communicating something meaningful about identity, community, locality and belonging. For the most part, festivals balance the dual needs of representing the local within a broader context of rapid social change.

The contemporary festival therefore becomes a potential site for representing, encountering, incorporating and researching aspects of cultural difference. The contemporary festival therefore becomes a potential site for representing, encountering, incorporating and researching aspects of cultural difference.

(Bennett, Taylor & Woodward, 2014, p.1)

Os festivais surgiram como uma manifestação cultural, algo que é verdadeiramente necessário a um grupo coletivo. A necessidade dessas demonstrações está ligada ao sentimento de pertença e afirmação de um determinado grupo.

Segundo os autores, a realização de festivais culturais, fortalece o sentimento de pertença a um determinado grupo para além de condensar, num único evento, uma pluralidade cultural.

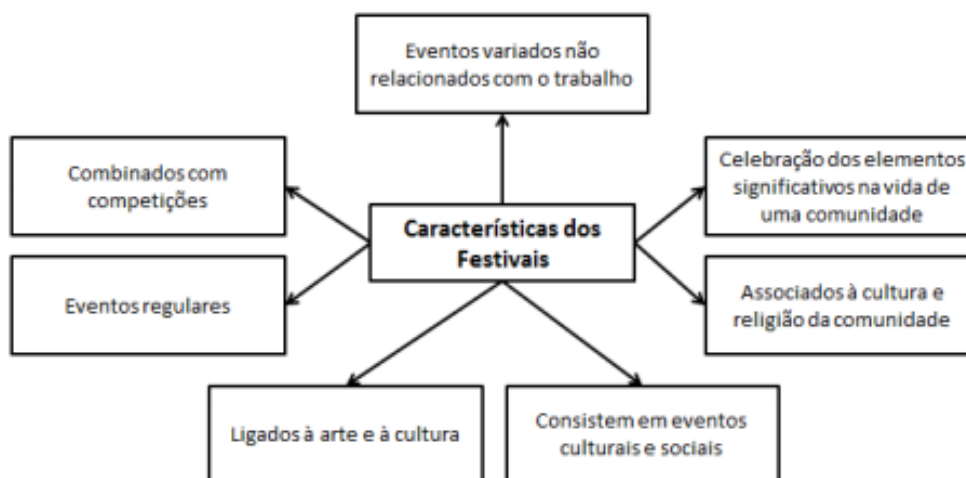
3.2. Os Festivais de Cinema

Os festivais de cinema dão a conhecer ao público obras a que de outra forma não teriam acesso para além de desenvolverem um compromisso social no meio onde estão inseridos. São também um local de aprendizagem e discussão. Um festival de cinema vai muito além da exibição dos filmes ao contrário do que acontece nos grandes cinemas. Um festival traz uma pluralidade de aprendizagens inerentes a uma discussão crítica. O público é convidado a participar em debates, workshops, formações que serão umas importantes na missão pedagógica do festival.

Quando consideramos a existência de um festival, é normal ter em conta diversos fatores. Segundo o autor Carlos Almeida, na sua tese “O Papel dos Festivais de Cinema Portugueses na Atração de Turistas”, considera que um evento para se considerar um festival tem que ser um acontecimento anual ou bianual que se foca numa exibição da cultura local:

Para ser considerado um festival, um evento tem de cumprir com pelo menos um (e preferencialmente mais do que um) dos seguintes critérios: uso da palavra festival no nome do evento; o facto de ser um evento irregular, único, anual ou bianual; ter ênfase na celebração, promoção e exploração de algum aspeto da cultura local; ou ser um ponto inusual de convergência para pessoas com uma determinada atividade cultural, ou com uma identificação com uma subcultura específica. (Almeida, 2016, p.10)

Segundo o autor, os festivais são eventos que seguem estas setes características: um festival tem que ter um compromisso com a cultura local, normalmente, estão associados a prémios e competições que estão invariavelmente ligados à celebração da arte e da cultura. A grande maioria das vezes é apresentada como um evento lúdico que não está ligado com o trabalho de quem o procura.

Figura 1 – Características dos Festivais

Fonte – Almeida, Carlos Alberto Calheiros da Silva. (2016).

Para além do valor cultural de um festival de cinema, o evento contribui para um crescimento económico no local onde está inserido. Para além da criação de vagas de emprego que é consequência da criação de um evento cultural, os festivais atraem também turistas. Isso vai valorizar o trabalho da indústria hoteleira e dos restaurantes.

Neste momento, com o crescimento do número de festivais, há cada vez mais turistas de festivais. São movidos pela curiosidade de participar no maior número desses eventos e são capazes de deixar bastante dinheiro pelos sítios por onde passam. Esses indivíduos viajam pela Europa, pelo mundo, em busca dos festivais mais atrativos. Essa busca vai contribuir para que o destino turístico seja valorizado e que se desfrute de tudo aquilo que o local promete culturalmente.

O turismo de festivais não surge apenas como uma aposta num determinado evento. Os indivíduos que escolhem este tipo de turismo, estão não só a apostar num destino mas também na oferta cultural daquele sítio.

Penso que o problema em Portugal, é não se considerar que a cultura seja capaz de mover massas de turistas e ser um fator de atração. Caso isso tivesse sido levado em conta, a cultura em Portugal, seria muito mais apoiada por causa da receita que depois gerava. Um evento como um festival é um investimento num local, esse investimento não é apenas com a valorização cultural nem do saber histórico, mas também um investimento económico.

O valor cultural do local onde o evento é realizado é incalculável. Esta experiência pode afetar o saber empírico daqueles indivíduos e a sua capacidade de saber através da arte. Uma aprendizagem através da cultura e da arte fica ligada aquele local durante muitos anos, ou talvez para sempre. E quanto mais abrangente for esse experiência mais êxito terá. Penso que esse é o grande objetivo em conseguir público de diferentes gerações: para que cada um desses grupos tenha uma experiência plena desse encontro cultural – e que mude algo em cada um dos indivíduos, quer tenha 8 anos ou 80. O suposto é que cada indivíduo saia transformado desse encontro e que haja uma mudança, ainda que mínima, na vida deles.

Esse investimento no local e na educação através da arte não é muitas vezes contabilizado quando chega a hora de medir o impacto de um determinado festival. Esse impacto é muito abrangente e diz respeito a diversas áreas: cultura, arte, educação, economia e turismo. Para se fazer uma avaliação mais real desse impacto seria necessário esperar muitos anos para perceber realmente o que se modificou com a realização de um festival.

Penso que esta consciência, a pouco e pouco, está a modificar-se porque estamos a acompanhar uma altura em que há um crescimento do número de festivais. Mas mesmo assim, essa diferença é mínima. Ainda não há consciência do público em procurar esses festivais por causa da sua importância e do seu valor cultural.

3.3. Os Festivais e o Cinema Independente

Se o cinema é uma obra de arte com alta capacidade de reprodução que move multidões, então, o cinema é um meio de controlo social. As grandes indústrias cinematográficas como Hollywood, têm o grande poder de controlar a sociedade. Essas indústrias têm um grande poder de decisão no mundo atual. Não será esta uma forma de manipulação? Impõem a sua visão ao mundo e como monopolizam a grande parte dos meios de distribuição não têm muita concorrência que a contraponha. A indústria de Hollywood tem o poder de decisão sobre as obras cinematográficas. Depois, as grandes distribuidoras monopolizam para o cinema americano comercial o mercado das salas de cinema. Perante isto, pouco ou nada sobra, na política de distribuição, para obras de cinema de autor de produção independente. O mesmo se passa em relação ao cinema europeu ou fora dos padrões *mainstream*. Numa sociedade de filmes *mainstream*, torna-se urgente a procura de um espaço que promova o encontro com novos géneros cinematográficos. Os festivais de cinema nascem

como resposta a essa necessidade cultural. Sendo assim, os festivais de cinema, criam uma programação diversificada e dão acesso ao público a filmes que dificilmente veriam.

O cinema que contraria os padrões *mainstream* – como por exemplo o cinema de baixo orçamento ou de autor – surge com oposição à capacidade de manipular massas. Essa manipulação acontece, muitas vezes, como uma estratégia de marketing, em publicitar produtos, apenas porque a personagem X ou Y as estão a utilizar. Ao fim de muitos anos, em que a indústria de Hollywood lidera o mercado cinematográfico, são eles que têm o poder de decidir aquilo que merece ser produzido ou não, apenas tendo em vista o mercado e não a qualidade do projeto. Por isso, um festival de cinema surge como algo necessário e urgente na nossa

Os festivais de cinema têm uma grande responsabilidade na exibição de obras cinematográficas.

Antes de mais nada, um festival deve fazer a diferença no local onde está inserido. Toda a população em redor poderá ser alvo das atividades promovidas. O crescimento económico que resulta do investimento cultural deste evento é uma grande oportunidade para o local onde está inserido.

Devemos ter em conta que os festivais surgiram com a necessidade de criar ocasiões de encontro entre os vários indivíduos de uma forma a que haja uma identificação entre todos. A presença de um festival num local vai fortalecer a necessidade de pertença a um grupo e a sua necessidade de criarem algo.

Essa necessidade de criação, surge como algo inevitável, já que é lá que acontecem as partilhas do conhecimento do grupo. Este encontro cultural, acontece dando aos indivíduos uma oportunidade de troca de experiências.

Desde sempre que os festivais de cinema estão ligados às exibições das habilidades dos indivíduos e que esse acontecimento fortalece o valor cultural do local. Felizmente, os festivais mantêm esse formato até hoje, surgindo como um espaço de mercado onde há a oportunidade de conhecer novas pessoas e ideias.

Os festivais de cinema surgem da necessidade de criar um espaço de exibição para filmes fora dos grandes circuitos comerciais. Também aqui acontece haver uma necessidade de união entre pessoas com gostos culturais e interesses semelhantes. Esses eventos culturais oferecem ao indivíduo uma experiência completamente diferente daquela que está habituada com o cinema.

A missão de um festival de cinema é sensibilizar o público para a importância das atividades culturais e para a importância de fruir de bens culturais. Para além da concretização e das opções de mercado que diferem entre os dois sistemas – o cinema independente e cinema de Hollywood – também as opções de marketing e o dinheiro que se investe neles é diferente.

A autora Liliana Pacheco, na sua obra *Marketing, Recepção e Crítica Cinematográfica na Era Digital*, analisa a crítica cinematográfica numa era digital e virtual.

Todos os anos, os estúdios de Hollywood lançam meia dúzia de filmes que esperam que se transformem em filmes eventos. Estes têm orçamentos de produção homéricos e outro tanto para marketing. Aliás, há mesmo uma proporção em que 20% dos filmes lançados um ano arrecadam 80% do box Office. Já aos filmes independentes, muitas vezes é mais difícil entrarem no mercado do que o financiamento para serem produzidos. A audiência característica dos filmes independentes é normalmente constituída por um público com uma faixa etária superior aos 30 anos, que são mais indiferentes à publicidade e ao marketing, e têm menos tempo livre. Os distribuidores de cinema independente também costumam trabalhar com uma economia de escala diferente: muito do seu público está nos festivais de cinema. O público do cinema pode ser classificado por idade, por atitude em relação ao cinema (entusiastas, espectadores sociais, relutantes e não-espectadores) e também por zona – urbanos ou rurais, sendo que a oferta disponível varia muito consoante esta característica.

(Pacheco, 2012, p.358-359)

Muitas vezes, ao planear o circuito que um filme independente, já estamos a contar com o percurso desse filme em festivais. Ainda conseguimos que o filme tenha um percurso internacional onde concorre a premiações. Neste momento, temos festivais que exigem que os filmes sejam estreias (se não mundiais, pelos menos, europeias). A tarefa da produção é avaliar quais são os festivais para onde é possível enviar o filme. Temos sempre um conjunto de festivais que se consideram prioritários, por estes serem os que têm mais público e visibilidade.

Estamos numa altura em que cada vez há mais preocupação em acompanhar os circuitos dos filmes nos festivais. O público começa a mostrar-se curioso em relação aos

prémios atribuídos a um determinado filme e é isso que leva a que haja uma procura para assistir ao filme.

Como um sistema de mercado diferente, o cinema independente está completamente dependente dos festivais para exibições e prémios que os valorizem.

O cinema independente encontra nos festivais o espaço de que necessita para o encontro com o seu público, incluindo momentos de discussão.

As escolhas de filmes de um programador de um festival de cinema querem acima de tudo passar uma mensagem e marcar uma posição. Nada num festival é escolhido ao acaso. Muitas vezes essas escolhas dependem muito do contexto social onde está inserido mas principalmente do público. O programador deve conhecer as necessidades do seu público para conseguir antever o material que lhe vai interessar. Os festivais que se demarcam das distribuidoras *mainstream* exibem filmes aos quais normalmente o público não tem acesso. É essa mais valia que irá fidelizar o público, fazendo com que ele confie na programação dos festivais ano após ano. A responsabilidade para essa tarefa está na programação e na curadoria.

Na obra *Film Festivals: History, Theory, Method, Practice*, os autores sublinham a importância da curadoria e referem que atualmente esse conceito está deturpado:

The concept of curating has become an increasingly chic way of describing any form of selection that shows off taste. Digital influencers curate weekend getaway wardrobes. Nightclubs curate guest lists. Bloggers and online sites curate content. But curating is more than simply selecting or arranging a series of objects according to one's taste. From the Latin "to care", one of the first uses of the word curate is found in the eighteenth century. A curate is a cleric, a spiritual guide responsible for the care souls. This connotation of curate and caretaking carries forward today. In a museum context, curators are entrusted with the care of artwork and the artist's vision. Curators mediate between artists and various stakeholders, like museums, galleries, and collectors, to build the framework in which audiences see and engage with artwook in such a way than can resonate within broader cultural, political and social contexts.

(Valck, Kredrell & Loist, 2016, p.182)

Os próprios autores das obras, assumem que hoje em dia o papel da curadoria já não é exclusivamente artístico. A curadoria ultrapassou as barreiras dos festivais ou museus e parece ser utilizada também para outro tipo de eventos, onde o objetivo é mostrar os gostos e a identidade de uma determinada pessoa (influenciador digital ou não). A curadoria pretende ser algo muito mais do que isso. O curador é alguém com sensibilidade artística e com capacidade de mediação que consegue gerir a visão do autor com o próprio mercado do festival. Para além da sensibilidade artística, o curador tem também conhecimento teórico sobre aquilo que trabalha. Será o próprio curador a criar uma imagem do festival que será algo importante quando se fala em circuitos alternativos de distribuição de cinema.

Será que há um determinado género de filme que é selecionado para festivais? Todos os filmes selecionados para os festivais são considerados quase como tendo um género próprio, apesar de se enquadrarem nos vários géneros (curtas, documentários, académicos, entre outros).

O facto de o festival de cinema funcionar como um circuito alternativo de distribuição dá possibilidade ao programador de apostar em filmes experimentais ou de baixo orçamento, sem que isso seja um risco para a programação do festival. Como indicam Valck, Kredell e Loist:

Critics judge films based on their technical and narrative mastery, often referencing and established historical canon of cinema. Distributors hunt for films the will attract large audiences and turn a profit in the marketplace. Agents look for new directorial and acting talent to represent. Festivals are generally nonprofits or the exhibitions arm of parent nonprofit organization and do not make commission on the films they select.

(2016, p.183)

Ainda na obra *Film Festivals: History, Theory, Method, Practice*, estes autores analisam o facto de os festivais de cinema funcionarem sem fundos financeiros e devido ao trabalho voluntário. E que muitas vezes o trabalho de um programador de um festival de cinema muitas vezes não é devidamente reconhecido. Em Hollywood, é mais valorizado o retorno financeiro de um filme do que propriamente a sua qualidade. Aquilo que lhes interessa são filmes que chamem muito público a partir de campanhas de publicidade e marketing. Se houvesse alguma forma de saber quantos bons filmes já ficaram por realizar por causa destes critérios seria

interessante. Os festivais de cinema, que surgem por oposição, prometem uma programação diferente. Alguns festivais conseguem estreias de filmes no próprio festival de forma a garantir a exclusividade do público. Para além disso, os festivais também promovem encontros com o público e os intervenientes dos filmes (realizadores, produtores, atores, etc.).

Deve haver uma consciência por parte dos realizadores que, ao estabelecerem um diálogo com os espectadores, não perdem a sua identidade enquanto autores. Ao fazerem isto as suas obras não perdem qualidade apenas ganham a confiança do público.

Ainda sobre a temática do cinema europeu, Alessandra Meleiro na sua obra *Cinema no Mundo - Indústria, Política e Mercado: Europa*, foca a sua análise na comparação do cinema nacional europeu:

De certa forma, a situação atual da indústria cinematografia europeia – termo que compreende as diferentes indústrias nacionais de cinema da Europa – é um misto de promessa e frustração. No decorrer dos últimos dez anos, o velho continente testemunhou um nível surpreendente de atividades, em que investimentos e produção dispararam, e indústria e Estado uniram forças para promover os filmes europeus de forma mais incisiva do que nunca. Ao mesmo tempo, os males endêmicos do cinema europeu persistem, por tanto as tentativas de combater a dominação de Hollywood raramente são bem-sucedidas.

(Meleiro, 2007, p.17)

A autora reflete sobre as várias falhas do sistema comercial do cinema europeu. Segundo ela, o cinema nacional é demasiado autoral e “que se caracteriza com a celebração como o diretor como o principal (e, às vezes, o único artista) responsável por filmes que raramente atraem público em número suficiente para pagar os investimentos feitos” (Meleiro, 2007, p.17). Falta também um investimento em toda a parte que gere a distribuição e o *marketing*. Como forma de dar resposta a essa questão, a autora sugere que se devia trabalhar com o objetivo de conseguir parcerias de distribuição e de coproduções financeiras. “Nessa categoria vale mencionar que os grandes estúdios americanos não só contribuem com financiamento para filmes europeus, por meio de divisões específicas, como também os estúdios europeus investem em filmes de Hollywood” (Meleiro, 2007, p.22). Hollywood monopoliza o mercado não dando espaço para mais diversidade.

Quando se analisa as duas partes da questão, é necessário compreender que para a resolução do problema é necessário haver um acordo e um trabalho conjunto.

O sistema de distribuição e de produção em Hollywood funciona de uma forma bastante diferente do sistema europeu. Mas se todos tivermos interesse na interação entre estes dois polos distintos, vai haver uma aprendizagem comum. O trabalho deve focar-se nas potencialidades que os sistemas americanos e europeus têm. Esta aprendizagem comum vai enriquecer a indústria.

Não podemos ter uma visão preconceituosa em relação ao cinema da Europa e da América, porque em ambos os sistemas temos pontos a aprender e que podem levar a um crescimento comum.

Num festival de cinema, existem filmes que, por opção do realizador ou produtor, nunca estreiam numa sala de cinema e fazem apenas o seu circuito pelos festivais. Isso faz com que as pessoas que queiram ver o filme tenham que se deslocar a um festival. Desta forma, estamos a romper com o cânone da monopolização do cinema pela parte das grandes distribuidoras e estamos também a ganhar público que de outra forma não iria ao festival.

É normal encontrar num festival de cinema estreias de filmes, workshops ou masterclasses e isso atrai vários tipos de público: atores, produtores, realizador, jornalistas.

Atualmente, como o crescimento dos mercados dos festivais do cinema, valoriza-se o prestígio dos festivais que atraem cada vez mais artistas, como refere Wong:

The agency that stars have in these festivals becomes complex in conjunction with discussions figure of the auteur and the less visible roles of producers and agents. In contemporary festivals, Hollywood and global stars have become more calculating about the value of their appearance. It was rumors that inaugural Rome festival paid “an outrageous amount” to have Nicole Kidman show up though thought this worthwhile in terms of press and support.

(2011, p.135)

Pagar a presença de estrelas de cinema, para atrair publicidade, parece algo desesperado para os festivais que se colocam à margem do mercado das grandes distribuidoras. Apesar de terem um circuito diferente, utilizam exatamente a mesma estratégia que elas utilizam quando querem atrair a publicidade. Não será esta uma estratégia para

conseguir para os festivais o público de filmes *mainstream*? Caso contrário, porque pagam então a presença a estrelas de cinema conhecidas de todos? Não será também uma forma de manipulação?

O grande objetivo dos festivais de cinema, já deixou há muito tempo que se centrar só na exibição de filmes alternativos. Neste momento, os festivais preocupam-se também com grandes campanhas de comunicação e gestão de redes sociais. O que permite que a informação dos festivais chegue ao máximo de pessoas possíveis.

Segundo a autora Cindy Ying-yuk Wong, “Other peoples are less visible in global public eye, but have always managed intense local visibility, especially in more freewheeling word of distribution that followed the demise studio system and the rise of new independents in production and distribution (p.135)”. Apesar de tudo, há festivais de cinema que não são tão conhecidos mas que fizeram a diferença conseguindo um mercado de distribuição livre no contexto onde estão inseridos.

Cada vez mais, os festivais ganham visibilidade e cada vez mais os seus prémios são acompanhados com interesse no mundo inteiro. Há cada vez mais festivais de cinema e isso revela um interesse em relação a este tipo de evento cultural.

As pessoas são criaturas de hábitos. Para quem vê frequentemente cinema e vai muitas vezes às salas de cinema de grandes distribuidoras, é difícil sair da sua zona de conforto e ir assistir a um filme num festival. Mas quando há um filme específico que não estreia no cinema então obrigatoriamente esse público vai ao festival e provavelmente volta.

A realização de um festival de cinema só é possível devido ao trabalho voluntário. Lamentavelmente, a grande maioria dos festivais só pode pagar o serviço a um número limitado de pessoas. A grande maioria dos voluntários são estudantes universitários que vêm aí uma oportunidade de participar num festival para melhor entender como funciona o mercado de trabalho. Então, muitas vezes, o voluntariado serve como uma aprendizagem prática daquilo que aprendem na escola. O voluntário dá o seu tempo livre e o festival em troca dá a experiência profissional. Sendo assim, há aqui uma troca mútua satisfatória.

Nos festivais de cinema são os voluntários que fazem grande parte do trabalho e desenvolvem até papéis de coordenação. Claro que esse trabalho de coordenação devia apenas ser desempenhado por um profissional remunerado já que ele terá que gerir o trabalho dos outros voluntários. Se isso acontecesse, havia sempre uma equipa de coordenação fixa e coesa de ano para ano. No entanto, sabemos que um festival de cinema que não tem grandes apoios

financeiros não consegue pagar a todos os colaboradores envolvidos mas muitas vezes um voluntário não tem experiência necessária para gerir as várias áreas do festival.

Inevitably a film festival engages a vast quantity of volunteers and interns. They form a special category of precious labor force, with particular aspirations and potential.

Ideally, their cooperation is a mutually rewarding exchange of give and take, profitable for both parties concerned. The focus is to stimulate their intrinsic motivation, because the pecuniary cooperation is minimal non-existent. For the film festivals management the deployment of volunteers and interns provides a unique direct connection to the perceptions of their loyal audiences and the views of upcoming young professionals.

(Bosma, 2015, p.75)

Segundo este autor, já que os voluntários não recebem uma contrapartida financeira, deve haver uma troca de experiências. Os voluntários procuram uma experiência profissional que lhes facilite contactos e aprendizagens e, por sua vez, o festival necessita da colaboração do voluntário numa área específica para realizar o evento. Para que tudo corra bem, essa troca deve ser clara. No final do festival, todos os voluntários recebem um certificado de participação que comprova a sua colaboração no festival.

Felizmente, parece haver sempre pessoas interessadas nesta experiência o que permite a realização de festivais de cinema apesar de tudo. A grande limitação do voluntariado é que não há possibilidade de ter sempre a mesma equipa de trabalho de ano para ano. E isso, associado ao facto de haver poucos contratados, limita o número de pessoas que se mantêm de ano para ano.

Felizmente, há festivais como o IndieLisboa que conseguem manter as mesmas pessoas em cargos de coordenação de ano para ano. Assim, há um maior rigor na realização do festival. Isso permite que haja um aprimorar do trabalho de cada um em vez de ser necessário aprendê-lo sempre do zero.

Os festivais foram sempre uma forma de manifestação cultural, mas foi em 1932 que foi inaugurado pela primeira vez o Festival Internacional de Cinema de Veneza, que se mantém até hoje, sendo o mais antigo do mundo. Atualmente, o festival está na sua 74ª edição e é um dos mais prestigiados da Europa.

3.4. Os Festivais e o seu Público

A procura do público por festivais de cinema foi fortemente analisada durante anos por diversos autores. A autora Milena Moreira Araújo, na sua dissertação “Motivação da Audiência dos Festivais de Cinema: Um Estudo Exploratório em Portugal”, procurou encontrar uma motivação comum na amostra de público que escolheu analisar. Segundo a autora, não há uma motivação comum porque mesmo quem procura o mesmo festival de cinema tem motivações completamente distintas. Isso é resultado do contexto social e emocional de cada indivíduo. Para uns, a ida a um festival pode significar uma oportunidade de socialização, para outros pode ser um escape à rotina do seu dia-a-dia.

A decisão de ir a um festival é uma ação direta despoletada pelo desejo de responder a uma vontade. É importante saber as razões de idas a festivais por três razões principais: adequar a oferta à necessidade, gerar satisfação e perceber os processos de decisão dos frequentadores de festivais (...) cada festival tem as suas especificidades e as motivações dos frequentadores dependem de diferenças que variam de festival para festival, logo, os visitantes não podem ser tratados de forma homogénea. Por outro lado, até num mesmo festival, diferentes visitantes têm diferentes motivações.

(Araújo, 2013, p.12)

Um grande fator que está ligado á motivação do público é a curiosidade. Muitas vezes, as pessoas vêm aos festivais apenas por pura curiosidade, porque querem descobrir como funciona e porque nunca tiveram a oportunidade de ir a nenhum. Este fator de interesse vai permitir que haja uma quebra do fator de distanciamento que afasta o público deste tipo de eventos culturais.

Os festivais de cinema podem atrair públicos completamente aleatórios. Se por um lado temos os fãs, que participam apenas pela paixão pelo cinema e que procuram ali um espaço de encontro para o cinema de autor, por outro lado podemos encontrar pessoas que nem têm o hábito que ver cinema, mas estão curiosas para aprender mais e por isso estão ali. Vêm no festival e na sua programação uma oportunidade de aprendizagem e uma estimulação no hábito de ver cinema. Muitas vezes, o público gosta de ver filmes mas não sabe o que ver.

Quando isso acontece, há uma confiança na programação dos festivais que tem a função de educar esses indivíduos para que ganhem mais autonomia.

A confiança no trabalho dos festivais, vai muito além da exibição dos filmes, mas também nas outras atividades paralelas (*MasterClasses, workshops, discussões, etc.*) que vão provocar a discussão e reflexão do público.

A autora Cindy Ying-yuk Wong, na obra *Films Festivals : Culture, People and Power on the Global Screen*, refere que, para muitos realizadores, ganhar prémios em festivais é o seu grande objetivo e isso vai influenciar o modo como os filmes são feitos. Para esses autores, as suas escolhas são influenciadas por esse objetivo. Apenas há a realização de filmes que se enquadram nas escolhas de um festival de cinema. Escreve ela:

This reminds me of a more cynical conversation cited by a programmer dealing with a videographers from Nigeria's burgeoning Nollywood DVD market who was told, "Just tell us what kinds of film you want for the festival and we will make them". Winning prizes at festival might be the ultimate goal (for both art and business), but there few well-known film festival and not that many prizes or even openings to spread around. For most filmmakers, to be in the realms of competition is a long-term process that takes place over many films (again, the auteur as career blinds films over time).

(Wong, 2011, p.66)

Neste caso, é claro para todos de que se trata de uma estratégia de mercado. Já que o realizador se foca também na ambição comercial do seu filme. É muito importante criar um objeto artístico que se destaque pela sua qualidade mas também pela preocupação com a visibilidade perante o público. Ou seja, mesmo o cinema fora dos padrões *mainstream*, se vê manipulado pelo objetivos comerciais.

Sobre isso Wong acrescenta, "For some, this marketing function denotes antagonistic goals within the festival world, while others respond that however strong cinefilia may be, films mean little if they not seen" (p.129).

Isto é claramente uma estratégia de mercado que contraria tudo o que os festivais defendem até agora. Mas os filmes, mesmo aqueles que circulam em circuitos alternativos, precisam de público. Infelizmente, vivemos num mundo onde há grande preconceito em relação aos filmes populares que atraem grandes massas. Então, quando se vai a um festival,

espera-se à partida que haja um claro contraste com essa ideia. No entanto, e neste caso, o objetivo de um filme *mainstream* e de um que não o é, é semelhante: conseguir atrair o público para as salas de cinema, ou neste caso para os festivais, e conseguir os prémios. Mas infelizmente, o público que assiste cinema independente é uma pequena minoria. Esse público não consegue obter grandes números de bilheteira comparados aos filmes *mainstream*. Por isso, o cinema independente continua ainda sem o destaque que merece porque é engolido pelos recordes de bilheteira dos *blockbusters*.

A existência de festivais temáticos demonstra de uma forma mais acentuada a carência de programação alternativa.

Felizmente, estamos numa altura em que há cada vez mais festivais de cinema pelo mundo e isso sublinha o facto de haver mais festivais inseridos em várias categorias ou géneros. Já temos festivais só para filmes nacionais, documentários, curtas-metragens ou filmes de animação. Também há festivais que se demarcam da componente técnica dos filmes e assentam apenas num tema, como por exemplo os festivais LGBT ou feministas.

A procura de festivais com estas temáticas só prova que atualmente ainda há uma grande urgência em falar sobre esses temas. O cinema tem a capacidade de provocar reações, capacidade crítica e de mostrar ao público outras realidades diferentes daquela que é a nossa.

Então o público que assiste aos filmes nesses festivais temáticos vai estar aberto a refletir sobre a temática e, quem sabe, a se mostrar mais tolerante com os outros.

O papel do programador num festival não se prende apenas no contacto com realizadores ou produtores a tentar que eles inscrevam os seus filmes no festival. Ele cria uma linguagem cultural que irá provocar uma sensação de identificação com o público que assiste.

3.5) Os Festivais de Cinema e o Seu Impacto

Apesar de um festival de cinema ser um evento cultural muito importante, ele não recebe os apoios financeiros que suportem o seu funcionamento. Um festival é um grande evento que mobiliza muita gente e, por isso, é bastante dispendioso. Os fundos financeiros que são atribuídos a um festival apenas cobrem parte das despesas e é por isso que a grande maioria do trabalho é feito por voluntários.

The marketing of a festival expresses itself also on facilitation of commercial activities, such as a film market for professionals, a co-production fund, the distribution of festival films and also the offering of educational programmers. A film festival costs money and needs a large budget, but it raises money as well. In the short term, the local economy profits through the increase of tourist business and valuable city marketing.

(Bosma, 2015, p.71)

Segundo Peter Bosma na sua obra *Film Programming - Curating for Cinema, Festivals, Archives*, a realização de um festival de cinema é cara mas valoriza o mercado turístico local. Um festival traz muitas pessoas novas para um local que vão necessitar de alojamento, alimentação, transportes. Isso acentua o facto de um festival não ser apenas uma demonstração cultural necessária no local onde ocorre mas também uma forma de valorizar economicamente esse local. Para além disso, a realização de um festival possibilita sempre novas vagas de emprego. Isto acontece paralelamente ao próprio mercado do festival.

Ou seja, as entidades locais deviam ceder mais apoio económicos a festivais de cinema por este se revelar uma importante mais-valia para o lugar, não só culturalmente mas economicamente. Este apoio financeiro podia ser visto como um investimento no próprio local.

Ainda segundo Bosma, um festival surge para facilitar as atividades comerciais, um local de encontro onde os profissionais se encontram e discutem sobre a produção ou distribuição de filmes. Um festival de cinema ao premiar os filmes está a reconhecer o trabalho dos autores mas também a criar oportunidades através da sua visibilidade.

Um festival, como atividade cultural que é, é também uma mais valia no contexto onde está inserida porque vai criar uma oportunidade económica de relevo. Infelizmente, os apoios económicos cedido a um festival não chegam para cobrir todas as despesas de um evento desta dimensão. Infelizmente, as atividades culturais ainda não são uma prioridade e em situações críticas a nível económico o setor das artes é o primeiro a ser esquecido por se achar que não é prioritário. Lamentavelmente, não se vê que uma atividade como um festival de cinema consegue aumentar a atividade económica do local. Não se deve apenas olhar para o evento cultural de uma só perspetiva, há que observar todas as facetas do festival e perspetivar o seu impacto: cultural, social e económico. Penso que o impacto social e económico, é fácil de quantificar, no entanto, o seu impacto cultural é mais difícil. Por isso, Pedro Costa conclui:

As atividades culturais, neste contexto, devem ser vistas não apenas como um meio para a promoção do desenvolvimento, nestas várias dimensões (porque criam emprego e valor económico, permitem a requalificação de espaços urbanos, a participação e expressão das populações, a integração de segmentos sociais excluídos,...), mas igualmente como uma dimensão final dos processos de desenvolvimento (por possibilitarem promover a qualidade de vida e o bem-estar, por permitirem a afirmação de identidades e especificidades territoriais, por preservarem a memória coletiva, por consubstanciarem a expressividade criativa,...)

(Costa, 2001, p.2)

Costa, no seu artigo “Cultura e competitividade territorial: o caso do cinema português”, analisa o impacto das atividades culturais nas mais variadas dimensões. Para além do importante fator económico e da criação de emprego, as atividades culturais permitem a requalificação de espaços urbanos. Isto porque são eventos que atraem muitas pessoas e normalmente há um investimento em infraestruturas das cidades. Há uma preocupação em investir nas infraestruturas ou requalificação de parque das cidades para que possam acolher os eventos culturais.

Paralelamente a isso, há o fator de integração social, já que os eventos culturais dão a possibilidade a segmentos sociais excluídos de assistirem. Muitas vezes, num festival de cinema há um sentimento de identificação com as obras que são exibidas. Por exemplo, pode haver um dia que seja dedicado exclusivamente a obras de temática LGBT. Para alertar para este dia, podíamos avisar as associações LGBT desta atividade de forma a conseguir o público que tenha interesse ou se identifique com a causa. Outro exemplo podem ser os refugiados ou desempregados, porque o procedimento seria igual.

Outro fator analisado por Costa é a participação e expressão da população. Isso porque um festival de cinema não se limita à exibição de filmes, eles oferecem outras atividades pedagógicas abertas à comunidade que pode ser uma oportunidade de a população ter acesso a workshops ou debates.

O impacto das atividades culturais num determinado local será visível no aumento da qualidade de vida. Ou seja, uma cidade que promove atividades culturais tem uma população mais feliz, com um maior bem-estar, e isso muitas vezes é determinante quando se trata de atrair novos moradores para uma cidade. “Estas ideias associam-se frequentemente à

discussão das questões mais amplas da relação entre cultura e identidade, das representações sobre o espaço e o território, e do seu papel no desenvolvimento.” (2002, p.35), comenta Costa.

As atividades culturais são importantes, também, na construção de uma identidade local e na afirmação criativa. Muitas vezes, são um espaço para as pessoas criarem algo, uma oportunidade de visibilidade para uma cultura e uma região. São também uma forma de potenciar locais típicos ou tradições:

Numa sociedade caracterizada pela facilidade de circulação de informação, pelo aumento progressivo do sector dos serviços e pela crescente desmaterialização dos bens e dos processos produtivos, o conhecimento, a criatividade e o saber tornam-se a base das novas atividades económicas e, particularmente, daquelas suscetíveis de criarem maior riqueza de melhor capacitarem para o desenvolvimento. Paralelamente, os valores estéticos e simbólicos, bem como os atributos culturais semióticos dos bens e serviços consumidos, adquirem nas sociedades atuais uma relevância crescente.

(Costa, 2002, p.22)

Os festivais de cinema estão em constante crescimento porque cada vez mais se toma consciência das potencialidades de uma atividade cultural desta dimensão. Mas mesmo assim, e com todas estas implicações, continua sempre a não haver financiamento para isso.

Os festivais que vão surgindo são o resultado dessa manifestação cultural, uma necessidade de pertença a algo. Talvez essa necessidade venha da procura de uma programação diferente da que é proposta pelas grandes distribuidoras, ou talvez na procura em nos identificarmos com algo ou a necessidade de pertença a algo que transcende tudo e todos.

De uma forma ou de outra, o importante é que a população continue a responder a esses apelos e a criar cultura na sua cidade.

Os festivais são, para além de demonstrações culturais, uma afirmação de uma identidade coletiva e de pertença a um local. Desde sempre que os festivais acontecem porque há uma necessidade de encontro de um grupo e de partilha de experiências. Os cinemas têm-se revelado uma necessidade de o ser humano se identificar com uma realidade e de vivenciar histórias que não são as suas mas sim das personagens.

Os festivais, enquanto eventos culturais, valorizam o território onde estão inseridos. Essa valorização vai muito além da aposta económica daquele local; vai muito além da potencialização do turismo e das unidades hoteleiras ou da criação de vagas de emprego. Os eventos culturais aumentam o património histórico e cultural de um local e isso é muito importante.

Numa época de crescimento para os festivais, conseguimos ver que felizmente já há muitos locais, fora das grandes cidades, que produzem culturalmente e que promovem o festival.

Em cidades mais pequenas, a valorização cultural e histórica de um festival duplica porque a grande maioria das vezes é o único evento que acontece ali. Ou seja, pessoas que não tinham acesso a filmes antes do festival, agora podem vê-los.

Para o acesso aos eventos culturais crescer, será necessário haver mais apoios públicos às artes e à cultura e, conseqüentemente, mais produção de filmes nacionais.

3.6. Os festivais e o Cinema Português

No ano de 2018, foram 35 longas-metragens de produção nacional a estrear em Portugal; conseguindo um número de 285.594 espectadores. Desses 35 filmes, apenas 26 filmes foram apoiados. Nesse ano, estrearam 404 longas-metragens de produção internacional que contou com o número de 78.677.429,69 espectadores.

Esta discrepância nos dados revela, claramente, a falha que o cinema português tem em chegar ao seu público. Infelizmente, ainda existe um grande preconceito em relação ao cinema nacional. Há muitas pessoas que dizem que é difícil de entreter, outras dizem que é parado. Como explica Luís Nogueira:

A este respeito, é recorrente uma divisão de opiniões acerca de uma estética do cinema português ou mesmo de uma ontologia sendo que ontologia e estética têm, neste caso, com muita frequência, tendência a confundir-se: não nos têm faltado os discursos sobre o que o cinema português deve ser. Assim, temos de um lado os detractores da generalidade do cinema português, acusando-o por vezes de forma mais preconceituosa ou mais sustentada de pecados fatais contra a notoriedade, a aceitação e a

popularidade: o artificialismo teatral, a lentidão narrativa, a erudição petulante, o elitismo exclusivista.

(2010, p.2)

O cinema português vive ainda este preconceito que o impede de alcançar a popularidade que merece.

No artigo do Jornal Público intitulado *Tabu vs Amália: alguns números sobre o cinema português*, há uma análise comparativa entre dois filmes: *Tabu* de Miguel Gomes e *Amália* de Carlos Coelho da Silva.

Nesse artigo, o autor faz uma análise sobre a capacidade de exportação do cinema português.

Nos sectores da distribuição e exibição, parece claro que o atual estado de coisas se deve a uma gritante falta de regulação e de arbitragem por parte do Estado: ao permitir uma concentração do mercado distribuidor e exibidor num esquema que favorece alguns grupos de interesse e a sua conseqüente monopolização; ao não garantir quotas para a distribuição e exibição de cinema português ou de outras cinematografias minoritárias no circuito comercial;

(Cunha, 2018)

Segundo o Paulo M. Cunha, é necessário haver uma intervenção do Estado para regular o mercado de distribuição e exportação do cinema português porque “o cinema português não pode concorrer em mercado aberto com cinematografias de paradigmas industriais” (Cunha, 2018).

O autor compara a produção, montagem financeira e capacidade de exportação de dois filmes tão distintos como *Tabu* e *Amália*.

Para o filme *Tabu* conseguiu-se organizar uma co-produção com outros países: Portugal, Brasil, França e Alemanha. Desta forma o filme foi exibido nestes países por estarem envolvidos na sua produção. O filme foi muito bem recebido por parte da crítica, o que contribuiu para a presença do filme em 70 festivais. *Tabu* torna-se assim o filme português com mais exportação internacional.

O filme *Amália*, foi realizado em co-produção com a RTP, e foi um filme comercial que ambicionava a exportação. Dessa forma, o filme foi um fracasso já que só conseguiu exportação em dois países europeus.

Este é um exemplo claro de que o cinema de autor é que tem a maior capacidade de exportação.

No seu artigo “«Um centro na margem»: o caso do cinema português”, o autor Jacques Lemièrre refere que o cinema é a mais internacional de todas as artes. Isso deve-se ao facto de o cinema ter uma linguagem universal capaz de ser interpretada em todo o mundo.

A análise da produção, da criação e da recepção cinematográfica deve, por fim, confrontar o paradoxo seguinte: por um lado, o cinema é «a mais internacional das artes», segundo a expressão do cineasta Sergueï Eisenstein ; por outro, um laço forte e específico une o cinema ao quadro nacional, laço que podemos identificar a partir de um certo número de sinais.

(Lemièrre, 2006, p. 733)

O autor analisa este laço que une o cinema ao contexto do nosso país. Há uma preocupação de aproximar os vários géneros cinematográficos do cinema nacional ao cinema popular americano. Se por um lado temos a linguagem audiovisual como algo universal, por outro, será a nossa estratégia de distribuição do cinema nacional que nos afasta do resto do cinema. Daí se poder concluir:

Apesar desta notória valorização de uma estratégia de apoio à produção cinematográfica virada para a singularidade, a integridade e a liberdade artística dos autores portugueses não provocar as consequências desejadas, poderíamos ter a expectativa de que num outro nível, o do vigor comercial do cinema luso, os factos fossem distintos. E, porém, tudo parece ser ainda pior.

(Nogueira, 2010, p.5)

O mercado de distribuição e de recepção do cinema português merece ser analisado com muita atenção. O fracasso comercial do cinema nacional obriga-nos a tentar perceber o que é que precisa de ser alterado. No cinema português, há uma grande demarcação entre o cinema mais comercial e o cinema de autor. Ao analisar a lista dos filmes nacionais mais vistos de

sempre, vamos encontrar (apenas com raras exceções) filmes de comédia feitos claramente dentro dos padrões *mainstream* dos grandes êxitos comerciais e muitos deles feitos por realizadores de cinema de autor. Um dos filmes que é uma exceção nesta lista é “Os Maias” de João Botelho. Isto acontece porque a obra de Eça de Queirós é leitura obrigatória na escola e o filme surge como um complemento a esta aprendizagem.

Esta lista de filmes prova que o público vai ao cinema ver comédias com um ritmo televisivo e até preferem que os atores desses filmes sejam aqueles que eles conhecem pelo seu trabalho nas novelas.

Essa preferência acontece porque não há uma identificação com o cinema de autor. Esse desconhecimento deve ser contrariado com a existência de festivais de cinema que aproximam muitas vezes os indivíduos daquilo que não conhecem.

O cinema de autor português não está fechado sob si próprio, também ele ambiciona chegar ao seu público.

Então, há um público diante do seu cinema com uma diferente abordagem à imagem do cinema português, diferente da irradiada pelos realizadores, críticos ou cinéfilos, contraditória ou, mesmo, antitética da do público. Porque incluir o público no processo de produção é assumir um sistema industrial muitos realizadores continuaram a negar essa parte da equação, insistem em contar uma história muito pessoal a um público que não conhecem, que nem sabem se existe, dificultando a relação do espectador com um objeto cujas imagens e diálogos lhe provocam estranheza. Assim subsiste o conflito entre a produção nacional - com objetivos de internacionalização - que a maioria dos espectadores não entende e facilmente entra em generalizações como a de que todo o filme português é mau.

(Fino, 2015, p.112-113)

A autora Ágata Marques Fino, no artigo “Produção, Indústria e Cinema Português” explica que o cinema português se encontra fechado na sua própria história. Para muitos realizadores, assumir que têm que incluir o público na parte da produção é quase como se tivessem a tornar o seu filme mais comercial e por isso não querem fazê-lo.

A análise da autora sugere ainda que há uma preferência em perpetuar o cinema português sem público do que abrir a história para o espectador. Isto porque os autores estão demasiado agarrados à sua criação para conseguirem alterar este facto.

Esta ideia de que o cinema português não se esforça por encontrar um caminho até ao público é contrariada pela análise de Maria do Rosário Lippi Bello que afirma que é o público que não consegue acompanhar os seus realizadores por considerar a experiência altamente castradora.

A autora Maria do Rosário Lippi Bello afirma que por vezes o público “comum” não consegue acompanhar as obras dos realizadores portugueses porque sente que essa experiência é sufocante. Mas no entanto há nesse público também um desejo de aproximação ao cinema. O público quer encontrar no cinema português algo com o que se identifique.

Então vale a pena pôr a hipótese de que o público português não acompanhe os seus realizadores no persistente desejo de auto-reflexão e auto-crítica que o nosso cinema tão vincadamente transmite. Essa tendência, que parece por vezes assumir contornos quase psicanalíticos, é porventura sentida como sufocante e “intelectualizante” pelo público “comum”, desejoso de encontrar no cinema português outros focos de interesse pessoal – quer devido a um (eventualmente censurável) instinto alienante, quer a uma (eventualmente saudável) vivacidade cultural, apreciadora de outros mundos, outros universos, outras histórias ou Histórias, não necessariamente especulares...

(Lippi Bello, 2009, p.12)

Esse preconceito em relação ao cinema português surge quando este é comparado com o cinema de Hollywood.

João Mário Grilo afirma que o cinema de Hollywood não é o cinema que se faz na América. Neste momento, o seu conceito já está tão espalhado que os seus padrões são utilizados para fazer cinema em todo o mundo. Lamentavelmente, é comum verificar que o cinema de Hollywood tem padrões a que “todas as cinematografias parecem ser forçadas a obedecer para poderem sobreviver” (Grilo, 2006, p.9).

Ao contrário do que se pensa, porém, o cinema americano – ou, melhor, o cinema de Hollywood – não é o cinema que se faz na América. Bem pelo contrário, o conceito de nação é, mesmo, irrelevante para o cinema americano que, na verdade, se faz um pouco em todo o mundo e tem os seus agentes bem implantados no mundo político, no universo da produção e da distribuição, nas escolas de cinema – que repetem, até à insensatez tecnocrata, as fórmulas americanas de produzir e realizar cinema – e, principalmente, nas salas de cinema. É exactamente este sentido hegemónico da produção cinematográfica americana que faz dela uma arma fortíssima na submissão dos imaginários nacionais e, até, transculturais e transnacionais que se lhe opõem. (Grilo, 2006, p.8)

Mas nós, portugueses, resistimos a ser “colonizados” pelo sistema de Hollywood e por toda a sua ideologia. O cinema português tem percorrido o seu próprio caminho de afirmação seguindo os seus próprios ideais e paradigmas. Mas no entanto esta recusa afasta o cinema português de público que tem o sistema de Hollywood muito consolidado.

O cinema português retrata a realidade do nosso país, insistindo na importância da memória e da afirmação de uma cultura. João Mário Grilo afirma ainda que será essa resistência ao sistema de Hollywood que vai permitir-nos manter a nossa identidade cultural.

É pois neste projecto – velho, podre, concentracionário e *estrangeiro* – de domesticação da subalternidade que o nosso pior centrismo quer inscrever o nosso cinema, transformando o que era a manifestação genuína de um país numa réplica à escala do grande espectáculo americano. Para o presente, isso terá, por consequência, sabermos um pouco menos quem somos; para o futuro e para este presente que a história necessariamente designará como passado, teremos menos hipóteses de sabermos o que fomos e como e porque fomos dessa forma. Roubando-nos os olhos, o Império rouba-nos a alma, pondo no lugar das nossas vacilantes utopias uma colecção esfarrapada de imaginários de importação (narrativos e formais) prontos a vestir, a consumir e – seu supremo desígnio – prontos a reproduzir-se e a reproduzir-nos. (Grilo, 2006, p.10)

É esta resistência que o cinema português mantém há muitos anos que permite que haja uma manifestação clara da nossa cultura popular.

Ainda há muito aquele preconceito de que o cinema português é difícil de entender mas isso justifica-se porque ele contraria o sistema habitual.

O realizador João Botelho diz-nos que “o cinema é muito caro para ser só arte” (*Diário de Lisboa*, 1-II-1985). Aqui há uma consciência de que o processo criativo do cinema é diferente das restantes artes. Por isso tem que haver uma preocupação de planear, desde o início, o processo de distribuição que será percorrido. O cinema português não sobrevive apenas enquanto arte e deve ser preparado todo o seu processo comercial.

Em 2010, o filme mais visto desse ano foi *A Bela e o Paparazzo* de António Pedro Vasconcelos com 98.792 espectadores, gerando uma receita de 435.131,69€. Com uma produção claramente comercial, o filme bateu recordes e faz parte do *ranking* do ICA de filmes mais visto entre os anos de 2004 a 2019. Ainda nesse ano, o *Filme do Desassossego* de João Botelho contou com 16.375 espectadores gerando 65.435,30€ de receita, ocupando o terceiro lugar da lista dos mais vistos daquele ano.

Este exemplo é a prova de que o *Filme do Desassossego*, um filme de autor e que muitos acham um filme de difícil compreensão, foi um dos mais vistos do seu ano. Então talvez, o problema do cinema de autor português não seja do público mas do seu plano distribuição pouco eficiente. Infelizmente, temos muitos filmes em Portugal de que o público nunca ouviu falar. É necessário traçar um plano de publicidade e distribuição que seja eficaz para que os filmes cheguem ao conhecimento do público. O cinema português não tem público porque o público não tem conhecimento daquilo que se faz em Portugal. É uma grave falha do sistema de distribuição. A informação sobre o filme tem que chegar aos espectadores para depois eles escolherem o que querem ver.

Os eventos culturais são necessários para que haja um contacto, desde cedo, com objetos artísticos. A arte aproxima-se de cada um de nós consoante as sensações que nos faz sentir. Muitas vezes é comum a estranheza envolver os objetos artísticos.

Quantas vezes já não presenciámos uma obra de arte da qual não conseguimos perceber o significado? Quantas vezes questionámos o valor de uma obra de arte? Ou pensamos para nós “então mas isto é arte”? Isto acontece porque, perante um objeto artístico que não nos convence, achamos que podemos questionar a legitimidade da obra de arte.

O cinema é talvez a arte que mais se preocupa com essa aproximação do real. Com os vários géneros cinematográficos, o cinema reflete uma consciência clara da necessidade da aproximação do seu público. Desta forma, a experiência cinematográfica apresenta-se demonstrando uma forte vertente estética e lúdica. Anatol Rosenfeld desenvolve esta ideia:

O filme, como arte, se transforma em meio de expressão – usando como veículo a cinta de celuloide. E, como meio de expressão peculiar e inconfundível, o filme, feito de luz, imagem e movimento, invade o terreno da arte. Por isso, o filme, quando simplesmente reproduz uma peça teatral de valor estético, não é uma obra de arte – é apenas veículo de comunicação e reprodução que fixa, multiplica e divulga uma obra de arte por meios mecânicos. Todavia, quando se apodera da mesma peça, refundindo-a, recriando-a segundo seus próprios meios de expressão, deixa de ser um simples veículo e transforma-se, eventualmente, em arte genuína.

(Rosenfeld, 2002, p.34-35)

No seu livro *Cinema: Arte e Indústria*, Rosenfeld explica que o cinema, com todas as potencialidade do audiovisual, é uma arte autêntica. No entanto, esse fator tem que ser explorado para que não se trate de uma simples gravação. O vídeo sempre foi utilizado em contexto de gravações mas isso não chega para se fazer cinema. Para o cinema acontecer é necessário recorrer a todos os elementos criativos e técnicos ao nosso alcance. É necessário desconstruir paradigmas ou narrativas. É necessário utilizar todos os meios para contar uma história.

Rosenfeld diz que o cinema deve resultar numa “síntese maravilhosa de autoexpressão individual e de comunicação social” (2002,p.39). Segundo ele, o cinema deve ser realizado com o intuito de alcançar o seu público mas também encontrar uma estratégia de mercado.

As pessoas que trabalham na indústria do cinema precisam de obter os lucros do seu trabalho. Não podemos pensar que o cinema por ser arte não pode ser um objeto de venda. Em outras áreas artísticas, há autores que são pagos pela venda das suas obras e com o cinema não pode ser diferente.

Se queremos os nossos objetos artísticos valorizados e queremos que continue a haver criação artística tem que haver uma contrapartida económica para quem faz arte. Se o público

se sente valorizado com as experiências, as pessoas que trabalham para ela devem sentir-se recompensadas.

3.2. Festivais de Cinema em Portugal

Em Portugal, fora das grandes cidades de Lisboa e Porto, os festivais acontecem com o objetivo de haver uma descentralização da cultura e com isso, haver espaço para uma troca cultural. Essa troca cultural vai revelar-se muito importante para o saber empírico daquele local e para a educação dos hábitos culturais das pessoas em redor. Penso que é muito importante para os indivíduos de determinada comunidade aprender através dos exemplos. Se um indivíduo assistir aos seus familiares e amigos a irem a estes eventos culturais é normal para ele que queira ir também. Por isso, é cada vez mais importante educar culturalmente através das crianças já que serão elas os espectadores do futuro. Se levarmos essas crianças a um festival de cinema já estamos a quebrar nelas o fator de distanciamento e a criar, possivelmente, um hábito para o seu futuro.

As crianças são um público muito honesto porque ainda não desenvolveram a sua capacidade de dissimulação. É muito fácil perceber se a experiência com o cinema está a resultar. Se a criança gostar da experiência, vai sentir-se curiosa para experimentar mais coisas. Isso é fundamental para a criação de hábitos culturais e quebrar o distanciamento que normalmente afasta as pessoas.

Em Portugal, os festivais de cinema, assim como as outras atividades culturais, são geridas pela Inspeção Geral das Atividades Culturais. Cabe ao IGAC proteger e salvaguardar a criação artística e a propriedade intelectual e também supervisionar os espaços culturais de forma a assegurar que tudo decorre em condições. Quando se planeia um evento da dimensões de um festival de cinema, é necessário submeter o projeto ao IGAC para que seja atribuída uma classificação etária e emitida uma licença. Isso é importante porque assegura os direitos autorais dos autores dos filmes e verifica se o festival tem ou não autorização destes para exibir os seus filmes.

Os festivais de cinema ganham cada vez mais espaço e maior dimensão em Portugal e isso vê-se no aumento de público que têm de ano para ano. Os festivais surgem nas mais variadas temáticas e centrando-se sempre na missão de exibir filmes menos conhecidos dos grandes circuitos. Eis os exemplos mais relevantes:

- Os Caminhos do Cinema Português, em Coimbra apenas premeia o cinema nacional, em contexto profissional ou académico.
- O festival Bragacine, fundado em 2003, é o festival de cinema independente mais antigo do país.
- O IndieLisboa centra-se, também, na premiação de cinema independente.
- O festival Black & White, organizado pela Universidade Católica do Porto, premeia filmes que utilizem a estética do preto e branco.
- O festival CINANIMA acontece anualmente em Espinho e foca o seu trabalho no cinema de animação. Está neste momento na 43ª edição.
- O DocLisboa é um festival que se centra exclusivamente em documentários e foi fundado há 17 anos.
- O Faial Film Festival foi criado em 2006 nos Açores; aceita filmes de todo o país mas tem uma premiação do melhor filme regional, ou seja, o Melhor Filme Faialense.
- O Festibérico é um festival bienal de cinema português e espanhol, que premeia os filmes ibéricos.
- O Festival de Cinema Luso Brasileiro acontece em Santa Maria da Feira, anualmente,
- O FESTin – Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa- centra-se nas criações lusófonas e promove a itinerância de forma a valorizar o contacto entre as várias culturas.
- O Festival Temps d’Images acontece em Lisboa e foca-se no cruzamento da criação artística contemporânea.
- O Festival Internacional de Cinema de Tróia, em Setúbal, têm vindo a trabalhar com filmes de países com pouca criação cinematográfica.
- O MOTELX é o Festival Internacional de Cinema de Terror de Lisboa. Vai já na sua 12.ª edição,
- O Fashion Filme Festival, em Lisboa, pretende trabalhar um contexto inovador os Filmes da Moda e apreciá-los com uma visão única e artística.
- O Queer Lisboa é o Festival de Cinema Gay e Lésbico de Lisboa e é o mais antigo da cidade.

- O festival Olhares do Mediterrâneo – Cinema no Feminino pretende exibir filmes de países do Mediterrâneo onde as mulheres tiveram um trabalho relevante.
- O Lisbon & Estoril Film Festival é um festival que acontece em Lisboa. É um festival que se encontra em constante crescimento, por exemplo, no ano de 2011 o evento contou com a presença de 45.146 espectadores.
- O Fantasporto é atualmente, o maior festival de cinema em Portugal; fica na cidade do Porto e foi criado em 1981.

Em relação a curtas-metragens destacam-se principalmente dois festivais :

- O Festival de Curtas de Vila do Conde é um festival que premeia curtas-metragens dos mais variados géneros (nacionais, internacionais, académicos, documentários, experimental, vídeos musicais e animação); neste momento encontra-se na sua 27ª edição;
- O FIKE – Festival Internacional de Curtas Metragens de Évora, criado em 2003.

3.9. A Organização do festival Caminhos do Cinema Português

O festival Caminhos do Cinema Português premeia filmes nacionais e é uma oportunidade para o público conhecer as novidades cinematográficas.

O festival conseguiu, nesta edição, o seu maior número de público de sempre, com uma programação diversificada e com atividades que promovem o discurso crítico. O festival recebeu 762 candidaturas de filmes e exibiu, ao longo de 56 sessões, 167 filmes. O festival conseguiu um total de 99 filmes portugueses programados.

3.9.1. As Seleções Competitivas

Os Caminhos do Cinema Português têm, neste momento, duas seleções competitivas:

- A Seleção Caminhos premeia as obras nacionais de produção profissional dos vários géneros cinematográficos.

- A Seleção Ensaios foca-se em obras realizadas num contexto académico e pretende dar um espaço de visibilidades aos seus criadores.

Com o objetivo de alargar a experiência do público e facilitar o acesso a um vasto número de obras e géneros cinematográficos, existem outras seleções paralelas, não competitivas.

- Outros olhares – Esta seleção pretende valorizar novas formas e linguagens cinematográficas, onde são procuradas formas inovadoras que derrubem o “cânone”.
- Mundiais – Nesta seleção, procura-se apresentar obras dos diversos géneros cinematográficos (animação, documentário e ficção) e de diversas durações.
- Júniores – Esta seleção é dedicado a crianças do pré-escolar e do 1º ciclo, que muitas vezes têm nesta atividade o seu primeiro contacto com o cinema. A programação desta seleção tem sido, maioritariamente, curtas-metragens.
- Juvenis – Esta seleção têm como público-alvo jovens do 3º Ciclo, Ensino Secundário e Escolas Profissionais do distrito de Coimbra. Os filmes exibidos pretendem desenvolver a reflexão e o sentido crítico dos alunos.
- Séniores – Esta seleção tem como principal foco colmatar as falhas culturais que neste momento vivem as comunidades séniores. Foram contactadas vários lares e IPSS do distrito de Coimbra com o objetivo que proporcionar aos indivíduos séniores, a grande maioria como muitas dificuldades de locomoção, uma tarde cultural e de convívio.
- Seleção das Competições – Esta seleção apresenta-se como um espaço onde as obras das seleções competitivas são repostas de forma a dar a oportunidade ao público de as ver.

3.9.1.1. Jurados e Premiados do Festival

Os jurados da XXIVª edição, foram Catarina Alves Costa, Isabel Ruth, Sukayna Najmudin, Diogo Amaral, Joana Pais de Brito, João Cabral, João Rui Guerra da Mata, José Cid, Marcantonio del Carlo, Marco Martins, Nuno Garcia, Nuno Gonçalves, Tomás Baltazar, Fátima Lacerda, Vasco Câmara, Luís Ismael, Ricardo Esteves, Konrad Domaszewski, Tiago Cerveira e Benedita Pereira.

Em relação aos premiados deste festival destaca-se “O Cabaret Maxime” de Bruno Almeida, que ganhou o Grande Prémio do festival, o Prémio de Melhor Realizador, Ator Secundário, Banda Sonora Original e Direção Artística.

Leonor Teles, com o seu filme *Terra Franca* ganhou o Prémio de Longa-metragem de Ficção e, também, o Prémio D. Quixote, atribuído pelo júri FICC.

O filme *Até que o Porno nos Separe* de Jorge Pelicano, que teve a sua estreia nacional no festival, ganhou o Prémio de Melhor Documentário e o Grande Prémio do Público.

O Prémio de Melhor Curta-Metragem foi atribuído ao filme *Anteu* de João Vladimiro que ganhou também o Prémio de Melhor Comunicação e Promoção.

Fernando Rodrigues ganhou o Prémio de Melhor Ator no filme *Por sua Testemunha* de João Pupo, Valerie Bradell vence o Prémio de Melhor Atriz com o filme *Maria* de Catarina Neves Ricci e foi atribuído a Rita Martins o Prémio de Melhor Atriz Secundária pelo filme *Aparição* de Fernando Vendrell.

3.9.3. Cinemalogia

Os Caminhos do Cinema Português oferecem, desde 2011, um curso de cinema promovido em parceria com a Universidade Aberta. Na XXIV edição, o curso terá 31 módulos num total de 460 horas.

Este curso de formação cinematográfica tem uma vertente teórica que depois resulta num exercício prático final – a realização de um filme. Os módulos vão trabalhar, etapa a etapa, cada fase desde o processo criativo até à montagem do filme.

O curso funciona em período pós laboral e pretende ser acessível tanto para o público em geral, que nunca estudou cinema, como para os profissionais da área.

Os filmes que resultaram das outras edições do curso de cinema são: *Esperança* (2013) de Pedro Branco, *Paloma* (2014) de Nuno Portugal, *Caminhos para a Infelicidade* (2014) de Paulo D’Alva, *Nunca é Tarde* (2015) de Luís Matos e Artur Serra Araújo, *Banho de Paragem* (2016) de Nuno Rocha e *A Costureirinha* (2017) de Telmo Martins.

3.9.4. Simpósio

Nesta edição do festival, decorreu o 5.º Simpósio Internacional Fusões no Cinema, nos dias 23 e 24 de novembro de 2018, em São João da Madeira. O Simpósio foi organizado em parceria com a Unidade de Desenvolvimento dos Centros Locais de Aprendizagem (UMCLA) da Universidade Aberta de forma a poderem ser analisadas as atuais práticas artísticas.

O Simpósio pretende reunir comunicações de oradores/docentes/investigadores sobre as seguintes temáticas: “as fusões das artes no cinema”, “cinema e tecnologia”, “cinema, investigação e educação” e “cinema e televisão”.

3.9.5. MasterSessions

As MasterSessions surgem como um lugar de discussão e debate de temas pertinentes na programação do festival, onde há a possibilidade de dinamizar momentos de interação com o público. O festival tem a função de exibir os filmes e sente também necessidade de promover uma discussão crítica sobre aquilo que é exibido.

Nesta edição do festival, foram dinamizadas três MasterSessions, em parceria com o LIPA – Laboratório de Investigação e Práticas Artísticas da Universidade de Coimbra, todas moderadas pelo Professor Doutor Sérgio Dias Branco.

No dia 26 de novembro, o tema proposto para a discussão foi “A representação da crise no cinema português nos festivais de cinema europeus” e os oradores convidados foram Filipa Reis, Paulo Cunha, Saúl Rafael.

No dia 28 de novembro, o tema da MasterSession foi “Novas Propostas Formais do Cinema Contemporâneo”. Os oradores convidados para a conversa foram Alexandre Oliveira, Ana Isabel Soares e Fausto Cruchinho Pereira.

No último dia das MasterSessions, o tema proposto foi “O Valor de uma Marca do/no Cinema Português”. Foram convidados os oradores Edson Athayde, Jorge Pelicano e Luís Filipe Menezes.

3.9.6. Voluntariado

Os Caminhos do Cinema Português é um festival realizado maioritariamente por voluntários, já que o número de pessoas contratadas para aquele trabalho é muito reduzido. Por muito bom que fosse conseguir contratar pessoas especializadas, mesmo que apenas para os cargos de coordenação, devido às limitações financeiras do festival isso não era possível.

As candidaturas para o voluntariado no festival estão abertas todo o ano. Ao inscrever-se o candidato deve escolher qual a área em que quer colaborar.

Para a última edição, o festival recebeu cerca de 170 candidaturas de voluntários. Para assegurar a distribuição do trabalho é escolhido um coordenador por área – que fará a gestão do trabalho entre os voluntários e assegurará a comunicação com o secretariados e/ou direção.

Os Caminhos do Cinema Português acolhem os seus voluntários da melhor forma possível, tentando ao máximo assegurar a sua carência na alimentação. No entanto, se o festival tivesse mais recursos poderia pelo menos colmatar outras carências básicas dos voluntários como o alojamento e o transporte, que até ao momento não conseguem ser asseguradas.

Sabendo a precariedade em que se encontram os festivais de cinema e os seus voluntários, é necessário haver uma consciência de que neste tipo de trabalho há uma troca de valores e conhecimentos. O voluntário dá o seu tempo livre e trabalho e o festival dá a experiência de trabalho e os conhecimentos.

Infelizmente, é este sistema que funciona em todos os festivais de cinema o que dificulta por vezes as contratações de voluntários que se destacaram pelo bom trabalho. E isso não tem nada a ver com a falta de mérito de quem ali trabalha.

As pessoas que fazem parte deste grupo de trabalho do festival têm, por isso, outras ocupações (aulas/trabalhos) e, apesar de fazerem tudo para conciliarem os horários, às vezes isso torna-se uma tarefa muito difícil. É um problema que se resolvia se aquelas pessoas pudessem ser pagas pelo seu trabalho e ter o tempo todo disponível para o festival.

3.9.7. Financiamento e Patrocínios

Os Caminhos do Cinema Português recebe, para a realização do festival, um apoio financeiro do Instituto Português do Audiovisual no valor de 31 197.00 euros. É este o principal financiamento que o festival recebe. Paralelamente, a Câmara Municipal de Coimbra apoia o projeto com a doação de uma verba de 7 500 euros. Por sua vez, a Universidade de Coimbra disponibiliza 23 400 euros ao festival e a Chama Amarela faz uma doação de 250 euros.

Uma das principais preocupações da produção do festival foi encontrar patrocínios ou renovar parcerias anteriores. É fundamental encontrar parcerias que apoiem o festival para que a sua realização decorra com sucesso. Nesta edição do festival as nossas principais parcerias foram: SASUC (disponibilizou 672 euros em senhas de alimentação para uso dos voluntários que trabalharam no festival), Águas de Penacova (deu 150 euros em águas), Europcar (cedeu dois carros para uso do festival), CISION, Singular Print, Look Bar AAC, Fred Perry, Tuna

Académica da Universidade e Teatro dos Estudantes de Coimbra. A grande maioria destas entidades parceiras deu-nos apoio logístico, cedendo material sempre que necessário. A Cinemundo, Notícias de Coimbra, Diário de Coimbra, Antena 1 e RTP contribuíram com o apoio media cedendo espaço para promoção do festival. Por fim, falta falar dos parceiros de divulgação como por exemplo a CP - Comboios de Portugal.

A receita do festival passa também por aquilo que ele fatura na bilheteira do TAGV ou em outros espaços, nas inscrições do curso Cinemalogia ou no Simpósio. São estes apoios que ajudam a fazer frente às despesas da realização do festival.

3.9.7. Infra-Estruturas

Durante os dias do festival, os Caminhos do Cinema Português exibiu filmes em espaços diversos. A sala do Teatro Académico Gil Vicente, exibiu os filmes da Seleções Caminhos, Júniores e Séniores. Este ano, uma parceria com os Cinemas NOS permitiu que as Seleção Ensaios e a Seleção de Competições fosse exibidas no cinema Alma Shopping. No mini auditório Salgado Zenha, foram projetados os filmes dos Outros Olhares e Mundiais. O facto de haver várias sessões ao mesmo tempo, mas em lugares distintos, fez com que tivesse de haver uma gestão mais complexa dos recursos humanos. A bilheteira e a assistência de sala e apresentação das sessões dessas salas de exibição foram asseguradas pelos voluntários.

3.9.8. Potencialidades e Constrangimentos

Alguns dos jurados desta edição queixaram-se de uma falta de comunicação entre eles e o festival, alguns queixaram-se até de não receberem os filmes para visionamento. Para colmatar esse problema, devia haver a preocupação por parte do festival de seguir os seus jurados mais de perto. Sempre que é enviado um e-mail com filmes para alguém, o festival deveria confirmar a receção do mesmo e ir contactando os jurados durante o período de visionamento dos filmes, para perguntar como está a correr o processo. Isto facilitaria o controlo do trabalho dos jurados e permitiria que estes fizessem parte de todo o processo.

Durante o meu período de estágio, tentei ter uma gestão coesa entre as várias áreas de coordenação. Penso que o festival vai precisar, no futuro, de um acompanhamento mais personalizado aos jurados para garantir que todos vêem os filmes. Num festival de cinema que

premeia duas seleções, é mesmo necessário que todos os jurados assistam aos filmes para depois haver uma avaliação mais justa. Infelizmente, isso não aconteceu este ano. Tivemos jurados que aceitaram o convite mas que em cima da hora nos informaram que não estavam disponíveis para ver os filmes.

Perante esta recusa, o Festival tentou ter uma atitude coesa e chegar a um acordo com esses jurados. Para não haver ninguém melindrado, manteve-se o nome desses jurados na lista do festival mas eles não votaram para o prémio porque não viram os filmes. Esta situação aconteceu apenas para evitar conflitos entre os jurados.

O compromisso de ser jurado no festival é algo sério e que exige dedicação e rigor. A meu ver, não pode haver uma ambição de colocar um jurado que traz visibilidade ao festival por ter o seu nome associado. É preferível que a pessoa que aceite ser jurada seja dedicada e veja os filmes mesmo que não seja tão popular para o público.

Na última edição, o festival passou por graves falhas técnicas. Alguns dos filmes exibidos foram passados dessincronizados. Isto deve-se ao facto de a instituição de acolhimentos do festival, o Teatro Académico Gil Vicente não ter DCP, equipamento essencial para a exibição de filmes. A preocupação essencial do festival, neste momento, passa por assegurar uma resposta para este problema. Porque o festival trabalha todos os dias numa situação precária que obriga a buscar formas alternativas de exibição que, infelizmente, deram problemas. É lamentável que o Teatro Académico Gil Vicente não tenha ainda uma DCP quando exhibe filmes semanalmente.

Estas falhas técnicas comprometeram a imagem do festival. Um festival de cinema tem que ter como sua principal missão a exibição de filmes para os apaixonados do cinema. O amor ao cinema deve ser então o foco principal deste evento. Deve haver uma preocupação em resolver os possíveis problemas técnicos que possam comprometer uma exibição. Mas por outro lado, penso que quando se tratava de receber jurados populares, ou jantares em restaurantes ou escolhas de alojamentos, não havia uma contenção de custos tão grande. Acho que o grande problema foi não se dar prioridade ao que era realmente essencial, como as exibições, e ter-se dado demasiada importância a algo que era secundário. O festival foi demasiado ambicioso na imagem que quis passar para fora e no entanto não conseguiu resolver um problema de exibição.

Acredito que se houvesse mais pessoas contratadas e remuneradas a trabalhar nas áreas especializadas não teria havido tantos problemas a nível técnico. Se houver trabalho

especializado, há uma resposta muito maior aos problemas que venham surgindo e isso possibilita que tudo se realize com mais eficácia.

Infelizmente, isso também passou aos nossos convidados, porque um dos realizadores premiados fez um vídeo que enviou à direção, em que se queixava exatamente desta má gestão e esse vídeo foi passado na cerimónia de encerramento do festival.

A meu ver este foi o grande problema da edição deste ano mas acredito que se aprenda com os erros e que para o ano tudo seja diferente. Eu sei que é muito importante a imagem que passamos lá para fora, será isso que irá trazer cada vez mais público ao festival.

Um festival como os Caminhos está em constante crescimento e acredito que conseguirá colmatar estas falhas na próxima edição já que tudo o que acontece surge em contexto de aprendizagem e as críticas devem ser apreciadas para que todos melhorem.

Para a divulgação desta edição conseguimos parceiros de divulgação em municípios como Tondela ou Ferreira do Zêzere. A nossa parceria como a Câmara Municipal de Coimbra ou os SMTUC fizeram uma grande diferença na divulgação do festival. A nossa informação estava, literalmente, por todo o lado, e isso funcionou muito bem a nosso favor.

Um das coisas mais complicadas de aconteceu durante o festival, foi que as senhas de alimentação cedidas pelos SASUC, infelizmente, não chegaram para todos os voluntários. A página online do festival, na secção das inscrições para o voluntariado, informa que quem trabalhar como voluntário terá direito a alimentação. Lamentavelmente, isso não aconteceu; as senhas eram geridas pela direção e eram cedidas a quem trabalhavam mais horas. Eu percebo que esse tenha sido o critério de seleção quando já se sabia que as senhas não seriam suficientes para todos. Mas tenho muitas pena que isso tenha acontecido. Foi muito injusto porque muitos deles tiveram que pagar a sua própria alimentação do seu bolso. Ou seja, o apoio para a alimentação dos voluntários foi um fracasso e não cumpriu o que prometeu a quem se inscreveu. O festival não tinha dinheiro para comprar essas senhas aos SASUC e por isso esses voluntários não tiveram direito a alimentação.

Nós tivemos casos de voluntários de fora de Coimbra que, para trabalhar durante o festival, tiveram de arranjar alojamento na cidade. Isto é muito aborrecido, porque o festival só acontece devido ao esforço dos voluntários. Esta é uma situação constrangedora mas sei que a direção do festival não teve culpa. O apoio dos SASUC é imprescindível e sem a sua ajuda não seria possível de todo conseguir alimentação durante o festival. Muitas vezes, durante a ausência de alguém da direção, era eu que geria as senhas de alimentação e quando tinha que

recusar esse pedido ouvia as reclamações dos voluntários. Claro que eles tinham razão porque estavam ali a trabalhar e não lhes davam o direito à alimentação. Cada um estava a dar o tempo que tinha livre, uns tinham mais para dar e outros menos. Será que esta situação levou a que muitos voluntários se sentissem menos importantes? Ou que o seu trabalho não estava a ser valorizado? Seria bom, na próxima edição do festival, tentar conseguir um número maior de senhas de alimentação, negociando as contrapartidas, e se isso não for possível, arranjar uma alternativa. Aquilo que não deve acontecer é os voluntários não se sentirem bem-vindos nem o seu trabalho valorizado.

Outra coisa a apontar durante o festival foi a receção dos jurados. Assim que os jurados chegavam, era-lhes dado um saco com o mapa da cidade, um horário dos autocarros e um passe para os mesmos. Apesar disso, houve muitos jurados que pediram constantemente boleias no carro do festival quer seja para o hotel quer seja para o restaurante. O festival, durante os dias do evento, tinha disponíveis dois carros, um apenas destinado a logística e o outro para os transferes. No entanto, esse carro não chegava para os pedidos de todos. Claro que o ideal era que tivéssemos mais um carro, destinado apenas ao acompanhamento dos jurados mas isso não foi possível porque o festival não tem verbas suficientes. O festival contou com o apoio da EuropCar para a cedência dos dois carros de serviço de forma gratuita. Foi um grande apoio que concederam ao festival e que resolveu imensas questões de logística. Muitas vezes, era difícil encontrar um voluntário que tivesse carta de condução e quisesse conduzir os carros do festival. Talvez numa próxima edição fosse melhor arranjar duas pessoas para conduzir esses carros e serem sempre eles. É mais organizado e menos confuso para os jurados, que assim já conhecem a pessoa.

No penúltimo dia do festival, depois da reunião dos jurados (que acaba muito tarde), são revelados os vencedores da edição. É nessa altura que toda a equipa trabalha incansavelmente durante a madrugada para avisar todos os vencedores e garantir o máximo de presenças na cerimónia de encerramento, a decorrer no dia seguinte. Esta é uma noite bem longa e houve pessoas contactadas que se incomodaram com o adiantado da hora. Penso que esta situação é muito aborrecida mas durante essa madrugada tudo é feito a contrarrelógio para garantir, já na manhã seguinte, o máximo de confirmações para se poder tratar de alojamentos e transportes.

No dia 30 de novembro, foram exibidos na sessão da noite no TAGV, quatro filmes de temática LGBT, sendo que um deles era estreia nacional. A nossa equipa de comunicação fez um

levantamento de todas as associações LGBT em Coimbra e informou-os desta sessão. Conseguimos a presença de dois diretores dessas associações e depois seguiu uma nota de imprensa a informar sobre essa sessão temática. Essa informação circulou pela imprensa e redes sociais. A sessão foi um sucesso, bastante emocional, talvez até mesmo a melhor do festival. Várias pessoas que participaram nela, apenas conheceram o festival por causa da divulgação que essas associações LGBT fizeram nas suas redes sociais. Ficámos muito felizes pela forma como tudo correu naquele dia. Tivemos sala cheia, quatro excelentes filmes e vários discursos emocionados. Quem sabe se no futuro não se poderá repetir esse exemplo de sucesso, em outras sessões temáticas? E tentar também convidar outras associações locais? Penso que esta é uma oportunidade de trazer ao festival pessoas que de outra forma não viriam, pessoas que vêm porque se identificam com o tema.

Durante o período do festival, o espaço do CEC fica completamente atulhado de material logístico. É impossível guardar todo esse material lá e ter espaço de trabalho para todos. No entanto, a gestão de se faz dos espaços da AAC é muito boa e permite que tudo corra com sucesso. Conseguimos negociar com a sessão do Grupo Ecológico a cedência da sua sala para que lá se pudesse fazer a receção dos convidados, e assim deixar a sala do CEC vaga para poder ser utilizada como sala de trabalho. Conseguimos que o CITAC e a secção de Fado nos cedesse espaço para guardar o nosso material logístico. O CIAAC cedeu-nos também o seu espaço para uma formação do curso de Cinemalogia durante o festival.

Essa gestão das infraestruturas da AAC correu muito bem e permitiu que tivéssemos espaço para trabalhar e guardar o nosso material. Assim tivemos salas disponíveis para todas as reuniões dos jurados. Houve espaços que se tornaram imprescindíveis na receção de convidados. Penso que este é um exemplo de sucesso e que deve ser reforçado nas próximas edições do festival.

A programação do festival é algo que tem sido aprimorado ao longo das várias edições. O festival recebeu nesta edição 762 candidaturas de filmes e desse número foram selecionados 167, ao longo de 56 sessões. É realmente um grande número de filmes que são distribuídos pelos vários espaços do festival. Há várias sessões a decorrer à mesma hora e isso dá ao público muito mais possibilidade de escolher.

Esta quantidade de filmes exibidos a um ritmo alucinante permite ao público aproveitar o máximo de sessões. É visível que a programação é feita por alguém que ama o cinema e que quer dar ao público a possibilidade de ver o maior número possível de bons filmes. Acho

mesmo que o festival está de parabéns pela quantidade de filmes que avalia e que escolhe selecionar. São realmente muitos filmes e as sessões têm o tempo ideal de concentração do público. Apesar de ser um festival que premeia o cinema português, as outras seleções dão uma alternativa a quem deseja ver cinema internacional. O festival oferece filmes transversais a vários gostos cinematográficos e públicos e penso que isso justifica o facto de, nesta edição, o festival ter tido o maior número de espectadores de sempre. Penso que esta capacidade de ser transversal é algo que pode ser um exemplo para outros festivais. Apesar de ele ser feito em contexto académico, tem um trabalho exemplar a nível social. Nas sessões planeadas para séniores, foram claramente tidos em conta o interesse do público sénior, aquilo que lhe pode interessar falar e também a duração dos filmes (não podem ser muito longos). Escolher filmes para exibir nas sessões que façam parte do Plano Nacional de Cinema também foi uma forma de aproximar os jovens em idade escolar do festival. É realmente muito bom conseguir que os jovens venham ao festival.

A gestão das redes sociais revelou importantíssima num festival que é realizado em contexto académico e em que a grande maioria do público são jovens estudantes. Nesta edição, essa gestão foi feita de uma forma muito inteligente e demonstrou ter bastante sucesso. Para além da divulgação, foram realizados concursos que tiveram bastante adesão.

3.9.10. Principais Aprendizagens

Durante o meu período de estágio, aprimorei a minha capacidade de organização e gestão de dados. Diariamente armazenava na base de dados toda a informação recebida devidamente identificada para que qualquer pessoa pudesse ter acesso a essa informação. Também aprendi a gerir o material do CEC e organizar todo o material. Muitas vezes havia a necessidade de emprestar o nosso material a outras entidades e eu tinha a tarefa de assinalar num documento os dados da entidade e dar o material. Sempre fui uma pessoa organizada a nível pessoal, e usei essa minha qualidade para me destacar nessa tarefa. No entanto, achei um pouco mais desafiante trabalhar na organização da base de dados. Mas penso que esse desafio é uma mais-valia na altura de entrar para o mercado de trabalho.

A utilização de vários programas informáticos foi talvez uma das maiores aprendizagens que fiz. Considero-me uma pessoa que não utiliza muito o computador para trabalho e por isso tive de aprender do zero a grande maioria das tarefas informáticas. Infelizmente, como já disse

anteriormente, isso pode ter atrasado um pouco o processo de trabalho, já que eu estava a aprender. Tendo a função de Secretária de Produção, a maioria das minhas tarefas eram no âmbito informático. Por exemplo, tinha que recorrer diariamente a um site na internet que armazena todas as candidaturas de voluntários ou inscrições de grupos, fazer o download dessa informação e coloca-la na base de dados do festival. Isso era algo totalmente novo para mim mas a que me habituei ao fim de algum tempo .

Outro exemplo, foi a edição do nosso website. Sempre que havia alguma alteração na equipa ou função, eu tinha que editar essa informação na página online. O festival tem toda a informação das edições dos anos anteriores armazenadas e era necessário, muitas vezes, ter acesso a esse material. Aprendi também a fazer essa pesquisa online e a consultar esse arquivo até lá colocar o material. Toda esta aprendizagem a nível informático levou algum tempo e teve de ser orientada pelo meu orientador de estágio no festival. Apesar de a grande maioria das pessoas não precisar de fazer aprendizagens a este nível, elas vão dar-me ferramentas para a minha vida pessoal e profissional no futuro. Sinto-me, neste momento, uma pessoa muito mais capaz e autónoma a nível de trabalho informático.

Neste momento, tenho uma visão mais clara do cinema português e de quem trabalha nele. Inicialmente, não era capaz de identificar as pessoas que trabalham no cinema em Portugal para além de alguns atores e realizadores. Mas o meu trabalho no festival contribuiu para que conhecesse as várias produtoras e distribuidoras em Portugal assim como os seus trabalhos. Durante o meu estágio, conheci pessoas de todas as funções dentro do cinema: produtores, técnicos de som, argumentistas, diretores de fotografia, realizadores, atores.

Esse contacto não se deveu apenas ao festival em si mas também ao curso de cinema. Como Secretária de Produção tive que contactar os vários formadores e sempre que havia alguma desistência, eu fazia trabalho de pesquisa e propunha outro nome.

No festival, aprendi como tratar de todos os assuntos burocráticos e que entidades contactar para determinado fim. Se no futuro voltar a trabalhar num festival, já terei acesso a toda a lista de contactos com quem colaboramos e estarei a par dos processos burocráticos. Isso permitirá que todo o processo seja mais rápido porque eu já vou saber o que fazer.

Trabalhar no festival desenvolveu muito a minha capacidade de negociação. Em diversas situações houve necessidade de moderar informações entre as áreas de coordenação e a direção. Quando isto acontecia, muitas vezes havia decisões que não agradavam aos coordenadores do festival. Para não deixar as pessoas totalmente desconfortáveis e a sentirem-

se excluídas, tentava negociar essa decisão. Isso permitia que as pessoas notassem que as suas ideias eram tidas em conta e não se sentissem mal com isso. Neste momento, sinto-me uma pessoa com muito maior capacidade de negociação.

O festival fez com que eu conseguisse ter uma ação ativa na gestão de conflitos na equipa. O festival exige várias horas de trabalho e muitas vezes não havia muito tempo de descanso o que aumentava a probabilidade de conflitos. Para evitar que isso acontecesse teve que haver muito diálogo. Houve a preocupação de dialogar e perceber a origem do conflito para o poder resolver da melhor forma. A capacidade de ouvir e de dialogar foi fundamental para evitar discussões que muitas vezes atrapalham o funcionamento da equipa. Essa capacidade de gerir conflitos vai continuar a ser para mim uma ferramenta essencial quando se trabalha em equipa.

Aprendi, também, a desenvolver a minha capacidade de comunicação. No início do meu estágio, não tinha atenção e dava o mínimo de informação a quem me perguntava. Entendia que havia coisas que eram do domínio de todos e que isso era óbvio. Por causa disso, o meu trabalho complicou-se uma vez que recebia imensos emails e telefonemas para esclarecer situações. Ou seja, perdia o dobro do tempo a fazer as tarefas apenas porque o que me parecia óbvio não tinha sido dito. Neste momento, já sei que sempre que dou informação, ela tem que ser a mais detalhada possível; muito daquilo que para mim é óbvio, para os outros não é. Se eu tiver cuidado a fazer isso, ninguém irá depois pedir esclarecimentos. A capacidade de comunicar é fundamental nas áreas de produção porque isso determina que a informação chegue onde é suposto chegar.

Durante os seis meses de estágio, houve alturas em que foi necessário usar essa capacidade de comunicação para pedir cedência de espaços ou de material. Gosto de abordar as pessoas, falar com elas, perguntar algo sobre o seu trabalho e só depois dizer o que preciso. É importante demonstrar às pessoas com quem falamos que o seu trabalho é importante. É necessário acarinhá-las um pouco para que fiquem à vontade. Nesse aspeto, sempre fui assim. Não consigo fazer as coisas de outra forma. As pessoas que colaboram connosco são importantes e não gosto que se sintam usadas. Essa tarefa é uma das mais importantes da produção, não deixar de dar valor a quem nos ajuda para que essa ajuda possa vir mais vezes.

O festival Caminhos do Cinema Português disponibiliza a todos os colaboradores e voluntários os contactos dos profissionais e entidades envolvidas. Um dia, já no mundo profissional, esses contactos vão ser fundamentais para a construção de uma rede de contacto

e interagida. Com essa possibilidade, o festival torna-se assim um campo de treino para mais tarde as pessoas entrarem no mundo profissional e serem profissionais capazes.

No início do estágio, por ser a primeira vez que estava a trabalhar num festival, tinha um ritmo de trabalho muito mais lento. Mas penso que com o tempo essa barreira foi ultrapassada e no final já tinha uma capacidade de resposta muito maior.

Apesar da minha aprendizagem na FLUC, houve imensas coisas que eu não sabia sobre o cinema em Portugal, sobre a distribuição e sobre o trabalho nos festivais. Esse estágio permitiu que eu conhecesse melhor o cinema e o funcionamento dos festivais. Antes disso tinha uma noção muito pouco irrealista que como era o trabalho num festival de cinema.

A minha aprendizagem sobre cinema, foi muito além do trabalho no festival e focou-se também no processo de fazer um filme. Foi-me dada a possibilidade de ser formanda no curso de Cinemalogia 2018/2019 que tem com exercício final a realização de um filme. Desde dezembro, tenho frequentado esta formação que se revelou o complemento ideal para a minha formação na FLUC.

3.9.11. Filme *Horizonte Artificial*

O Curso de Cinemalogia decorre entre os meses de dezembro de 2018 a junho de 2019. Mesmo depois de o meu estágio acabar continuei a frequentar este curso porque foi nele que experienciei uma das aprendizagens mais exigentes do meu percurso: fazer um filme.

No módulo de Argumento, com a formadora Cláudia Clemente, foi pedido a cada formando que desenvolvesse uma *storyline* com uma ideia de uma história. Depois essa história cresceu para uma sinopse e, mais tarde, essa sinopse cresceu para um guião. Já com os guiões feitos, tivemos que votar naquele que iria ser realizado. Essa escolha baseou-se essencialmente em questões que facilitavam a sua produção.

O argumento de *Horizonte Artificial* conta a história de Álvaro, um escritor com pouco dinheiro, que está a atravessar um bloqueio criativo mas que se vê confrontado com uma proposta de Carraça, um produtor, que lhe pede para escrever uma novela para a televisão.

De módulo para módulo o filme aprimorou-se e foi uma oportunidade para que cada pessoa na equipa escolhesse aquilo que vai fazer baseado nas aprendizagens nos módulos.

No módulo de Direção de Arte, com a formadora Luísa Bebiano, foram decididas todas as questões em relação ao filme que incluíram a escolha da paleta de cores e a composição dos

décors. Também Carlos Gago, formador do módulo de Caracterização, nos orientou na escolha da caracterização das personagens. A construção das personagens, assim como os seus figurinos, foi definida pelas nossas formadoras Silvia Grabowski e Caterina Cucinotta.

Também o módulo de Direção de Produção foi fundamental para a execução do filme. Fizemos um levantamento de tudo aquilo que era ainda necessário fazer desde a *repérage* dos locais de filmagens até às cedências de direitos de autor.

O processo de *repérage* demorou vários dias e foi feito em repúblicas de estudantes, hotéis, bares, casas de residência artística. Durante esse processo, foram analisadas todas as condições de acessos aos locais, estacionamento e condições elétricas.

O casting para o filme foi realizado durante o módulo de Direção de Atores, orientado pelo formador Nuno Rocha. Foram dias com muitos castings e no final foram escolhidos três atores que se disponibilizaram a fazer a curta-metragem.

A rodagem do filme aconteceu entre os dias 13 a 17 de abril, durante as férias da Páscoa. Os locais que escolhemos para as filmagens foram a República Rás-Teparta, a Casa da Escrita, o quarto do Van-Gogh, o Jardim Botânico, a Casa-Museu Bissaya Barreto e o Penedo da Saudade.

O módulo de realização aconteceu durante os cinco dias de rodagem e foi orientado pelo formador Sebastião Salgado.

Durante a rodagem do filme, desempenhei algumas funções de Direção de Produção. Essa experiência deu-me uma ideia de como agir nas alturas de maior pressão. A produção de um filme exige sentido prático de improvisação e essa experiência vai revelar-se fundamental no meu futuro profissional. Apesar de as funções da equipa estarem definidas, houve possibilidade de experimentar rotatividade de tarefas e um pouco de outras coisas.

A experiência de fazer uma curta-metragem foi talvez uma das mais especiais neste percurso de aprendizagem nos Caminhos do Cinema Português. Houve a possibilidade de crescer enquanto futura profissional e de adquirir competências técnicas que se vão revelar fundamentais para o meu futuro.

Durante esta formação, foi-nos dado a oportunidade de visitar o *set* de rodagem do filme *O Ano da Morte de Ricardo Reis* de João Botelho que decorreu no mês de abril, no Hotel Astória. Com esse experiência, conseguimos perceber como funciona o trabalho durante uma rodagem e o ritmo com que é feito — foi uma importante ferramenta quando filmámos o nosso projeto.

CAPÍTULO 4

4.1. O festival de cinema e a sua vertente social

O cinema surge como uma sequência de imagens que, normalmente, contam uma história. Desde o início, o cinema já tenta fugir dos padrões tradicionais de contar uma história de uma forma linear e por isso é normal neste momento vermos isso desconstruído.

Como obra de arte, não há apenas uma perspectiva do que se vê, porque a reação que provoca em cada um de nós difere de pessoa para pessoa. O cinema funciona como uma ferramenta de aprendizagem:

Um filme e o cinema entendidos como uma obra de arte, constituem uma excepcional fonte de conhecimentos, de expressão e de leituras sobre vários temas e uma possível base para desencadear um frutuoso debate sobre uma imensidão de assuntos, sobretudo no campo educacional.

(Lopes, 2007, p.63)

Um filme abrirá o pensamento do seu público para questões críticas e novas perspectivas. Muitas vezes até é utilizado como uma ferramenta educacional complementar. Parece que aqui temos uma importante missão do cinema, que fomenta a curiosidade e a aprendizagem do seu público.

A percepção que cada um tem de cada filme é diferente e varia consoante as nossas vivências e princípios. Neste caso, o cinema serve como uma união onde há uma necessidade de discutir com os outros o que se viu num filme. A escuta das partilhas das outras experiências vai enriquecer e influenciar tudo que nós pensamos:

Por isso, o cinema é uma ágora de aprendizagem social, uma oficina de experimentação vital onde se pode refletir sobre as vidas dos outros, das suas relações e do que me convidam a contemplar; uma excelente ocasião para colocar em crise as nossas visões, crenças, prescrições e juízos antecipados, ocasião para esclarecer os dilemas éticos. O cinema não é uma escola moral em si, mas um local para a discussão de todo o tipo. (García García 2014, p. 35).

Em muitas escolas, o cinema é utilizado como uma ferramenta pedagógica que muitas vezes complementa aquilo que se ensina na sala de aula. Cada vez mais, o cinema é utilizado como ferramenta pedagógica e permite uma forma muito mais versátil de lecionar a matéria. Atualmente, temos o Plano Nacional de Cinema que seleciona várias obras cinematográficas nacionais de acordo com os vários anos escolares. Este projeto tem como principais objetivos dar acesso ao cinema aos jovens estudantes e também fomentar o diálogo cinematográfico nas escolas.

Um festival de cinema que exhibe esses filmes está a desenvolver uma importante missão social porque, não só disponibiliza filmes para exibição, mas também porque planeia atividades e sessões tendo em conta as várias faixas etárias. Como um só filme tem várias interpretações, isso resultará numa necessidade de diálogo e partilha de ideias em comum. Muitas vezes, quando se trata de festivais de cinema, essa discussão é promovida pela organização do evento. Há sempre a preocupação de dar a conhecer os vários intervenientes do filme para que a aprendizagem vá muito além do visionamento do filme.

Lamentavelmente, para muitos grupos sociais, a ida a um festival pode ser a única oportunidade de estar em contacto com uma sala de cinema.

O cinema tem a capacidade de despertar a capacidade de diálogo no seu público. Porque faz com que haja uma necessidade de identificação com o que se vê. Quando se vê um filme é normal haver uma identificação com as suas histórias:

Nessas histórias, mergulhamos e vivemos como se nosso corpo estivesse lá, incorporado àquelas personagens que experienciam na tela as mais fantásticas aventuras, dolorosos dramas, eletrizantes musicais, alegres peças de humor, envolventes melodramas, aterrorizantes suspenses e tramas de terror. Elas nos interpelam para que assumamos nosso lugar na tela, para que nos identifiquemos com algumas posições e dispensemos outras. Naquele momento, ocorre uma simbiose entre o corpo do espectador e a história vivida na tela; o tempo e o espaço tornam-se os mesmos representados na película.

(Fabris, 2008, p. 118)

A autora, no artigo “Cinema e Educação: Um Caminho Metológico”, explica que o cinema dá a oportunidade, a quem o vê, de fugir por uns instantes à realidade. Num instante, já

não é a nossa vida que importa mas sim a personagem do filme. De repente já nada interessa a não ser aquela história.

O cinema permite que existam duas vidas em paralelo para ser vividas: a minha (público) e a da personagem do filme. Assim podemos sentir a adrenalina de fazer algo que não temos coragem de fazer na vida real, como por exemplo, cair de para-quedas.

A aprendizagem que existe com o visionamento de um filme vai muito além da sua observação. Não se consegue isso com um olhar distante. Tem de haver uma proximidade com a história em que de repente já não há limites entre quem é a personagem e quem é o espectador.

Hugo Mauerhofer (2003), também analisa o sentimento de identificação do público em relação a esta alternativa cinematográfica. Segundo o autor, a identificação é tão grande que o realizador da obra vai manipular a atenção do espectador. A linguagem cinematografia servirá como principal foco de atenção para que a narrativa seja contada e isso vai condicionar a visão e interpretação do espectador. “No caso de pessoas de muita imaginação e sensibilidade, e consideravelmente reprimidas, os efeitos da experiência cinematográfica se refletem na postura, no andar e nos gestos” (Mauerhofer, 2003, p.379). Neste exemplo, consegue-se perceber que os efeitos desta experiência vão muitas vezes além dos efeitos psicológicos. Se estivermos a lidar com pessoas mais sensíveis é possível que a diferença seja visível também a nível físico. É uma mudança com efeitos bastantes notórios, já que contribui para que haja um desbloqueio de algo que estava reprimido no próprio indivíduo:

Todas as coisas que prezamos, como sonhos, aspirações, necessidades, etc; se projetam no mundo que nos cerca. Independente de qualquer projeção, o que importará é que em todas elas o sujeito, ao invés de se projetar, exteriorizar a importância dele para o objeto, acaba descrevendo o inverso: ele absorve a importância do objeto para si, para seu eu. Aqui vale ressaltar a atenção, que, quando voluntária, olha para onde quiser, para aquilo que lhe interessa. E assim, o sujeito integra o mundo afetivamente. No cinema ocorre o mesmo. O espectador se identifica com os sentimentos universais que têm seu objetivo próprio na narrativa. Qualquer história demanda de uma lei para envolvimentos espetatoriais que, sendo história, se torna impossível fugir de seu aspeto humanizado. Basta a condução do diretor para determinar o fim de seus

sentimentos. Com isso bem apurado, a facilidade de obter o resultado almejado na mente do espectador aumenta em 100%.

(Guerra Soares & Rocha Jr., 2017, p.7/8)

Durante a sua existência, o cinema, com a sua forma de contar histórias, transforma os seus espectadores passivos em sujeitos ativos. O espectador sofre as dores da personagem e esforça-se na resolução dos seus conflitos como se fossem seus.

Segundo Morin (2003), a sala de cinema escura ajuda a que o espectador fique num estado semi-hipnótico. É quase como se tudo não se passasse de um sonho. Será este estado, associado com a identificação do espectador, que acompanhará a personagem até ao seu clímax emocional. O espectador sairá em lágrimas da sala de cinema e, se a sua personagem tiver alcançado tudo o que sonhava, sairá também com uma sensação de felicidade e realização. É como se a vitória fosse igualmente do espectador e não só da personagem do filme.

No cinema há uma procura cada vez maior em aproximar a realidade representada com a realidade do nosso mundo. Isso acontece para que haja uma aproximação mais realista na abordagem do cinema para acentuar esse sentimento de identificação do indivíduo.

O filósofo Emmanuel Kant, no seu livro *Crítica da Razão Pura*, faz uma análise sobre a relação que o indivíduo tem com a realidade. “A matéria do conhecimento são as impressões que o sujeito recebe dos objetos exteriores, enquanto a forma exprime a ordem na qual essas impressões são colocadas” (Kant, 2000, p.77), escreve.

Na sua obra *A Distinção – Crítica Social do Julgamento*, Bourdieu analisa todo o processo dos hábitos culturais em todos os estratos sociais. Desde logo, o autor assume deixar de lado os fatores económicos e focar-se no contexto da educação. “Contra a ideologia carismática segundo a qual os gostos, em matéria de cultura legítima, são considerados um dom da natureza, a observação científica mostra que as necessidades culturais são o produto da educação.” (Bourdieu, 2007, p. 9).

O gosto pessoal, algo sempre considerado indiscutível, é analisado pelo autor como sendo algo que resulta da educação. Segundo um autor, esse gosto que mais tarde influencia o consumo de um indivíduo de bens culturais, é passado a essa pessoa inicialmente de forma empírica e depois através da escola:

Na verdade, trata-se de desmistificar afirmações da ordem do senso comum quando se assevera que o gosto sobre determinada matéria não se discute; mais do que isso, o gosto classifica e distingue; aproxima e afasta aqueles que experimentam os bens culturais. Mas, de que maneira as preferências culturais dos agentes são estruturadas? (Alves, 2007, p.2)

Através da análise do autor, podemos concluir que o nosso gosto pessoal reflete o contexto social onde estamos inseridos, o nossos valores e a nossa educação. Aquilo que nos aproxima de um determinado bem cultural é a convivência com ele. Isso vai não só criar hábitos culturais mas também a reflexão.

No caso do cinema, mais propriamente dos festivais, consegue-se perceber de que não basta exhibir os filmes. Tem que haver uma mudança de consciência, uma reeducação dos indivíduos que estão nestas circunstâncias para que aumente a procura pelos festivais de cinema.

Sempre se soube que através do hábito se consegue acabar com a estranheza inicial para com um determinado bem cultural e a partir do momento em que essa estranheza é quebrada há um apreciar muito mais autêntico dessa convivência. Muitas vezes, dizemos não gostar de algo que é para nós desconhecido e isso não é uma apreciação justa do valor desse bem cultural. Se quebrarmos essa barreira e mantivermos a cabeça aberta, vai ser mais fácil perceber o alcance e a importância dessa experiência.

A missão do festival de cinema passa por quebrar essa estranheza e criar atividades para atrair os vários grupos sociais. Desta forma, estamos a quebrar uma relação que até agora pode ser desconhecida e dar oportunidade das pessoas vivenciarem esse contacto de forma autêntica:

A família e a escola tomadas como mercados simbólicos, funcionam como espaços instituidores de competências necessárias aos agentes para atuarem nos diferentes campos. Desse modo, aquela classe ou fração de classe detentora de um elevado capital escolar – portanto, herdeira de um elevado capital cultural –, opõe-se a todas as classes sociais desprovidas desses capitais, pois os gostos são constituídos por capitais metaforicamente dissonantes.

(Alves, 2007, p.3)

Segundo o autor, há uma ligação entre os hábitos culturais, os gostos, a escolaridade do indivíduo e a educação dada pela sua família. Este fator faz com que haja uma grande diferença de identificação cultural entre as várias classes sociais. Por exemplo, segundo o autor, é normal um indivíduo gostar e beneficiar dos mesmos bens culturais que o seu extrato social. Aquilo que na verdade nos parece uma liberdade condicionada, torna-se num fator de discriminação e intolerância por parte das outras classes sociais.

Nas classes sociais mais desfavorecidas, os bens culturais escasseiam porque a família não educou nesse sentido e não tem acesso a esses bens. Não podem educar ninguém para uma realidade que nenhum deles vivenciou e, por isso, não é essencial.

É necessário que os festivais contribuam para facilitar o acesso de todos ao cinema. É preciso despertar a curiosidade dos indivíduos para que eles tenham interesse em vir a um festival. A programação dos festivais normalmente é bastante abrangente e isso possibilita uma maior aproximação do público.

Para quebrar este paradigma temos que fazer com que esse extrato social sinta que o cinema é essencial e que eles precisam dele. Tem que haver uma aproximação entre os dois agentes para que haja uma apreciação da experiência da vinda ao cinema. É normal negar algo que é desconhecido. Por isso é muito importante o trabalho de contactar todas as escolas, dar a conhecer a missão do festival, descrever todas as atividades com cuidado. Essa abordagem irá quebrar a ignorância em relação ao desconhecido e criar o hábito cultural nesses indivíduos.

Penso que esta análise de Bourdieu nos dá uma visão muito clara de como são criados os gostos pessoais e os hábitos culturais e de como será possível também encontrar um forma de reverter essa situação.

A pertença a um determinado grupo social, de onde se partilha os mesmos gostos culturais, contribuiu para que haja uma maior discriminação em relação aos gostos dos outros extratos sociais. Isso aumenta ainda mais a distância entre todos estes grupos sociais. Por causa disso, muitas vezes tudo o que vem da nossa cultura popular, como o folclore por exemplo, é visto por outros grupos como algo “parolo” mesmo que o folclore reflita a nossa identidade popular. As músicas tradicionais portuguesas que traduzem esse género musical, os seus instrumentos típicos, a sua dança e o traje popular traduzem o alcance que o folclore tem. No entanto, a promoção do folclore acontece maioritariamente fora das grandes cidades e muitas vezes por classes sociais baixas. Isto faz com que os outros extratos sociais tenham uma postura

de distanciamento e discriminação em relação a algo tão genuíno da nossa cultura popular. Nestes extratos sociais, acontecia muitas vezes inferiorizarem o folclore em relação a outros costumes culturais. Para eles era algo que representava anos e anos de tradições e que revelava muito do saber empírico de uma população. O folclore era considerado algo ultrapassado e fora de moda para esses extratos sociais.

Até que surgiram, recentemente, artistas, nas grandes cidades, que recorreram ao folclore como base para as suas obras. Isso é bastante visível na música, onde se voltou ao uso de vários instrumentos musicais populares e onde a música folclórica surge reinventada ou misturada com outros géneros musicais como o rock ou o fado, em bandas como Diabo na Cruz ou Deolinda. Também acontece nas artes plásticas, onde objetos da nossa cultura popular são reinventados e recriados como aconteceu com as obras de Joana Vasconcelos. Até na literatura isso se reflete porque surgiram autores como Valter Hugo Mãe, José Luís Peixoto ou Afonso Cruz que cada vez mais se inspiram em elementos tradicionais para escreverem os seus livros.

Com esta revolução da cultura popular portuguesa, mais em concreto do folclore, temáticas como as procissões, bailes de aldeia, danças tradicionais, trajes e outras coisas que refletem a vida e os hábitos do interior do nosso país, são o foco destes artistas.

Os mesmos extratos sociais que consideram o folclore ultrapassado recebem de forma entusiasta estes objetos artísticos que têm como base a inspiração no folclore. Se é algo ultrapassado porque é que os artistas sentem necessidade de recriar esse material? Com a abordagem destes artistas, o folclore é visto por esses grupos sociais como algo elegante que de repente passa a “estar na moda”.

Penso que este é um bom exemplo de como conseguimos muitas vezes negar as nossas origens, dizer que estão ultrapassadas mas depois perceber que toda a nossa cultura passou também por lá e que cresceu e progrediu para algo muito maior:

Vê-se então que a fronteira entre a legitimidade cultural (a “alta cultura”) e a ilegitimidade cultural (a “subcultura”, o simples “divertimento”) não separa apenas globalmente (estatisticamente) as diferentes classes, mas divide as diferentes práticas e preferências culturais dos mesmos indivíduos, em todas as classes da sociedade. Sejam quais forem suas características sociais (classe social, nível de diploma, (idade ou sexo), a mesma pessoa terá muitas probabilidades estatísticas de ter práticas e gostos

variáveis sob o ângulo da legitimidade cultural, segundo as áreas (cinema, música, literatura, televisão etc.) ou as circunstâncias da prática.

(Lahire, 2008, p.797)

Bernanrd Lahire, no artigo “Indivíduo e Mistura de Géneros: Dissonâncias Culturais e Distinção de Si”, analisa em detalhe este preconceito entre classes sociais. Um exemplo muito claro de que o autor fala é a chamada “alta-costura”, uma indústria que move muito dinheiro e que se destaca pelos grandes eventos. Fora da classes sociais privilegiadas, os trabalhos de costura também acontecem mas o seu valor não é considerado. O trabalho é o mesmo, aquilo que os distingue são os preços altos que a “alta-costura” cobra aos seus cliente e a abordagem ao seu trabalho.

Penso que esta disparidade entre os vários extratos sociais se mantém por questões de elitismo. As classes mais altas gostam de sentir que os seus consumos culturais são exclusivos. Sentem que fazem parte que um grupo restrito de pessoas que acedem a coisas às quais mais ninguém tem acesso e têm interesse que isso se mantenha assim. Os grupos sociais mais baixos não entendem estes bens culturais porque estão totalmente fora do seu contexto social. Sentem-se frustrados porque há realmente uma diferença entre as mesmas profissões que vai muito além no valor económico e moral.

Penso que compreender esta disparidade cultural é importante para que se possa analisar o acesso à cultura e à criação dos hábitos culturais. Cada individuo se identifica com os hábitos culturais da sua classe social. Os hábitos culturais criam-se com exemplos e com a oferta a que cada um tem acesso.

Se há uma divisão social e económica entre as classes sociais que gera um grande distanciamento, é normal que isso se reflita nos hábitos culturais.

É normal que as classes sociais mais altas tenham esse acesso facilitado a bens culturais e que tenham esse hábito deste sempre. Para as classes mais baixas, isso torna-se muito mais complexo. Se não houve esse acesso desde sempre, o indivíduo sente um distanciamento e têm tendência a afastar-se.

Como disse anteriormente, aquilo que afasta os indivíduos dos bens culturais é o elemento do desconhecido. O indivíduo não entende aquilo que não faz parte do seu contexto social e por isso se afasta. A meu ver é isso que contribui para o distanciamento cultural entre extratos sociais. São modos de vida diferentes, contextos diferentes, experiências diferentes.

Para chegar uma experiência autêntica, que tenha significado, de um bem cultural tem que haver uma predisposição de não deixar que essa estranheza se imponha.

Estamos, neste momento, a viver numa era em que tudo é filmado. Antigamente, o audiovisual era algo exclusivo do meio cinematográfico ou televisivo. Mas os avanços tecnológicos tornaram acessíveis para a maioria das pessoas o uso de máquinas de filmar. Isso permite que atualmente tudo seja registado em vídeo e que o meio audiovisual já não seja algo exclusivamente profissional.

O audiovisual deixou de ser algo exclusivo das salas de cinema e da televisão. Neste momento, podemos aceder a todo um universo de séries, filmes e vídeos na internet. Segundo a notícia *Cinemas portugueses perderam quase um milhão de espectadores em 2018* (Público, 2019) as salas de cinema em Portugal perderam quase um milhão de espectadores.

No ensaio *The Reality Effect: Film Culture and the Graphic Imperative*, Joel Black diz que o século XXI é o único em que a grande maioria dos seus acontecimentos estão filmados e registados em meio audiovisual.

If “much of what the world knows about the last 1000 years it has learned from artists,” does the fact the twentieth century was the first century not only to be subjectively and symbolically rendered in the traditional representational art forms (literature, sculptures, the graphic arts), but also to be objectively registered by the ostensibly more accurate audiovisual media mark a sea change in cultural and human history? Have the relatively new recording technologies somehow altered what we take for reality, so that reality is no longer what it used to be? And if so, how is such a transformation itself to be documented?

(Black, 2002, p.1/2)

A reflexão do autor sugere que o cinema, com a sua capacidade de registo, constrói uma memória social. Atualmente, muita gente tem acesso a máquinas de filmar. Isso prova que gravar o material audiovisual que era necessário para realizar um filme está agora mais acessível. Por exemplo, o filme *Tangerine* realizado por Sean Baker foi todo filmado com câmara iPhone. O filme conta as aventuras de duas prostitutas transgénero. Este filme é um exemplo perfeito daquilo que o autor descreve. Neste momento, há cada vez mais pessoas a usar o telemóvel para filmar os seus trabalhos.

Em Portugal, já temos festivais que premeiam exclusivamente filmes gravados por um telemóvel. A perceção que o público tem do mundo é aquilo que assiste através do cinema.

Os festivais de cinema têm a missão de chegar a públicos jovens ou séniores onde o acesso aos filmes é escasso. É importante criar o hábito, nas crianças por exemplo, de ir ao cinema desde pequenos. Nesta altura, em que as suas personalidades se encontram em formação, adquirem os hábitos que vão fazer parte deles a vida inteira.

Os festivais de cinema têm desenvolvido, cada vez mais, uma função social no contexto onde se encontram. Os grandes cinemas da cidade de Coimbra pertencem a grandes distribuidoras e estão nos dois maiores centros comerciais da cidade. Se quisermos fugir ao cinema *mainstream*, o Teatro Académico de Gil Vicente é o único sítio que exhibe filmes fora dos padrões comerciais. Claro que, paralelamente, também temos as “Sessões do Carvão – O Cinema Falado”, que são gratuitas, organizadas pelo LIPA/UC, que trazem uma programação diversificada. Ou também, as sessões promovidas pelo Fila K Cineclube que exibem filmes de forma gratuita para os seus sócios. Estes dois projetos mantêm uma programação que se opõe ao sistema *mainstream* que se encontra nos cinemas da cidade. Estes organismos trabalham conscientes da sua missão em divulgar as obras e linguagens cinematográficas. Perante este cenário cultural que é vivido em Coimbra, a presença de um festival de cinema que premeia o cinema nacional é urgente e fundamental. Podemos assim concluir que, para explicar a função social do festival, é preciso estar atento à área geográfica onde está inserido.

Os festivais de cinema, especificamente o festival Caminhos do Cinema Português, propõem uma programação alternativa, contrastando com a programação das grandes distribuidoras. O cinema, atualmente, é tão diversificado que consegue ser inserido nos mais diversos contextos. Se o trabalho das grandes distribuidoras recai sobre os filmes *mainstream*, que normalmente têm muita procura e afluência, os festivais de cinema tentam, cada vez mais, contrariar essa tendência apostando numa programação alternativa, mas que ao mesmo tempo seja atrativa para o público. A programação e a distribuição tornam-se assim fundamentais no acesso a obras cinematográficas que de outra forma seriam inacessíveis ao público.

Outra prova disso são os preços dos bilhetes de cinema. O preço do bilhete regular, numa sala de cinema, pode chegar até aos 7 euros. Nos Caminhos do Cinema Português, o preço variava entre os 2 euros (nos Júniores, Juvenis e Séniores) até aos 4 euros. Numa sessão do festival eram, por vezes, exibidos vários filmes.

Normalmente, existem três linhas de ação no cinema. A primeira diz respeito à produção dos filmes, o processo criativo que ele envolve. A segunda linha diz respeito à distribuição e a terceira e última é referente ao consumo das obras produzidas. Num festival de cinema, há o cuidado de facilitar ao público o contacto com esse processo. Ao promover, num festival de cinema, conversas com os criadores, atores, produtores e distribuidores está-se a tornar possível que aquelas pessoas tenham acesso a algo que lhes está vedado. Até ali, o público podia apenas aceder às obras culturais, não tendo acesso à discussão da forma como elas são feitas.

Os festivais de cinema têm um compromisso social com o local onde estão inseridos, e isso já vai além da programação dos filmes ou do contexto pedagógico envolvido. Estou a falar na criação de empregos, na valorização de espaços, na vinda de público de outras cidades. Isso também será uma mais-valia para as unidades hoteleiras que têm mais afluência durante os dias dos festivais.

Descrevo, mais abaixo, as atividades realizadas pelos Caminhos do Cinema Português que se focam na sua missão social.

4.1.1. Caminhos Júniores

A atividade Caminhos Júniores decorreu de 26 a 30 de novembro (durante os dias úteis do festival), no Teatro Académico de Gil Vicente, às 10h00. O público-alvo desta atividade eram as crianças do pré-escolar e do 1º ciclo das escolas de Coimbra.

Os filmes exibidos nesta atividade foram maioritariamente curtas-metragens que se inserem em outras seleções do festival.

Esta atividade será para muitas crianças a sua primeira experiência cinematográfica e o seu primeiro contacto com o funcionamento de uma sala de cinema.

O festival considera que esta atividade se tornou um serviço educativo fundamental para o contacto das crianças com o cinema nacional. Esta atividade será importante para definir os hábitos de consumo daquelas crianças dali para a frente.

A grande aderência das escolas a esta atividade só revela a falha que existe no ensino básico.

4.1.2. Caminhos Juvenis

A atividade Caminhos Juvenis aconteceu entre os dias 26 a 30 de novembro do 2018 no Teatro Académico de Gil Vicente, às 15h00.

A atividade tinha como público-alvo jovens do 3º ciclo, ensino secundário e escolas profissionais do distrito de Coimbra.

Os filmes programados nestas sessões foram: *O Homem-Pykante: Diálogos Kom Pimenta* de Edgar Pêra, *Aparição* de Fernando Vendrell, *Peregrinação* de João Botelho, *Soldado Milhões* de Gonçalo Galvão Teles e Jorge Paixão da Costa e, finalmente, *Pedro e Inês* de António Ferreira. Todas as sessões foram seguidas por uma conversa com os intervenientes do filme de forma a que os alunos conhecessem também o processo criativo de fazer um filme.

A programação desta atividade teve o objetivo de enriquecer disciplinas como o Português ou a História, dando a conhecer obras portuguesas de Fernão Mendes Pinto, Vergílio Ferreira, Alberto Pimenta, ou Rosa de Lobato Faria e personalidades históricas como é o caso do soldado Milhões.

Nesta programação especial, foram escolhidos filmes que despertassem uma opinião crítica e um pensamento reflexivo nos jovens.

4.1.3. Caminhos Séniores

A atividade Caminhos Séniores teve lugar no Teatro Académico de Gil Vicente, no dia 29 de novembro de 2018.

O filme *Soldado Milhões* de Gonçalo Galvão Teles e Jorge Paixão da Costa foi exibidos na sessão das 15h00 e estava também integrado na programação da seleção Caminhos, a mais importante do festival. A sessão foi gratuita para utentes de lares e IPSS do distrito de Coimbra.

Esta atividade focou-se em proporcionar aos participantes, na sua grande maioria com dificuldades de locomoção, uma tarde de animação e lazer. Teve o objetivo de fazer com que esse grupo saísse à rua e fosse até o cinema, dedicando-se a uma atividade cultural. Isso fez com que se estimulasse o diálogo dos participantes com uma sensibilidade diferente à própria arte decorrente das diferentes experiências e vivências da sua vida.

O festival Caminhos do Cinema Português, com o seu cariz sociocultural, contactou a maioria das IPSS's e instituições privadas da cidade de Coimbra, de forma a proporcionar a esse grupo sénior um dia diferente em que pudesse partilhar um interesse que nos é comum: o cinema português.

Sabemos que em grupos com esta faixa etária há um grande isolamento social, mas espera-se que as pessoas se integrem e se sintam confiantes para falar de arte e, mais especificamente, do cinema.

Este projeto pretendeu dar um acesso privilegiado aos cidadãos séniores a algo que muitas vezes lhes parece vedado. E não só pretendeu ser um momento de interação social mas também cultural. Porque é muito importante que os grupos séniores se sintam capazes de aprender algo ou ver algo novo e pensar sobre isso. A atividade Caminhos Séniores anseia ser esse espaço de interação e diálogo que eleve a sua autoestima e o seu sentido crítico.

A atividade Caminhos Séniores tem um importante papel social porque contribui para a inserção dos idosos no mundo do cinema.

CONCLUSÃO

Resta-me concluir as minhas reflexões sobre as dificuldades sentidas e os objetivos alcançados durante o meu processo enquanto estagiária dos Caminhos do Cinema Português.

Ao fim dos seis meses do estágio curricular, sinto-me bastante mais autónoma, com maior capacidade de resolver imprevistos e gerir meios. Consegui perceber, ao nível prático, o funcionamento de um festival de cinema. Sem dúvida que esta primeira experiência no mundo profissional me abrirá portas num futuro emprego na área, já que adquiri uma relevante experiência profissional.

Sou uma pessoa com algumas dificuldades a nível tecnológico. No entanto, para este estágio, a grande maioria das tarefas eram desempenhadas no computador. O facto de ter que aprender muitas coisas do zero contribuíram para que o tempo da execução das tarefas aumentasse.

Acredito que os objetivos do estágio tenham sido cumpridos, já que concluí com sucesso tudo aquilo a que me comprometi. Toda esta experiência foi acompanhada por uma reflexão teórica, que se encontra descrita no presente relatório.

A reflexão teórica aborda a importância dos festivais de cinema e a sua organização. Um dos aspetos relevantes no relatório, passa pela vertente social dos festivais onde abordo o exemplo dos Caminhos do Cinema Português.

Depois da experiência profissional, onde contactei diretamente jardins-de-infância, escolas, lares e IPSS, concluo a importância da missão social dos Caminhos do Cinema Português em proporcionar às pessoas a experiência única de entrar numa sala de cinema para assistir a um filme.

Os festivais desempenham uma importante missão social. É muito importante, assegurar atividades onde os grupos séniores possam participar. Nesta idade, já com muitas dificuldades de locomoção, os indivíduos tendem a isolar-se. O filme proposto para a atividade, *Soldado Milhões*, foi escolhido não só pelo tema que aborda mas também pela sua duração. O filme não é demasiado longo e assim assegura que o público sénior não se aborreça. Infelizmente, durante os contactos com os lares e IPSS, houve muita gente a dizer que os séniores de algumas instituições não gostam de sair. Isso deve-se ao fato de serem pessoas com graves problemas de locomoção e que não encontram acesso adequado que responda a

essas necessidades especiais. Por isso, penso que o número de participantes deste ano nos Caminhos Sêniores foi um sucesso.

Enquanto estagiária, aprendi que um festival de cinema é uma estrutura muito complexa e que exige trabalho e dedicação de várias pessoas. É desafiante ter que planejar um evento destes com a verba que nos é atribuída para esse efeito. Para contornar essa situação, é necessário haver muita criatividade na resolução do problema e também boa vontade. Apesar de sermos muito ativos na busca de patrocínios, grande parte das vezes temos que adaptar os nossos planos para que estes sejam possíveis de realizar dentro no orçamento. O festival só acontece devido ao esforço dos voluntários.

O trabalho no festival desenvolveu, também, a minha capacidade de resolver os imprevistos inerentes ao planeamento de um evento desta dimensão. Muitas vezes, planeávamos coisas que por falta de verba ou meios técnicos não era concretizável e coube-me a mim, algumas vezes, procurar alternativas viáveis.

Acredito que a experiência como estagiária nos Caminhos do Cinema Português me tornou uma pessoa muito mais versátil e com maior capacidade de resolver imprevistos. Como o meu trabalho no festival era bastante abrangente, já que fazia um pouco de tudo, considero que isso facilitará a minha entrada no mundo profissional.

Mesmo depois deste estágio, os Caminhos de Cinema Português continuaram a apoiar a minha formação. Tive a possibilidade de fazer os módulos de Cinemalogia que mais me interessaram e participar na rodagem do filme deste ano – *Horizonte Artificial*.

Essa experiência vai ser muito importante no meu futuro profissional e foi fundamental para consolidar a minha experiência profissional. A rodagem do filme permitiu-me perceber o ritmo alucinante em que se trabalha no meio profissional e deu-me experiência na resolução de problemas que possam aparecer durante a preparação de um filme.

À medida que o projeto do filme crescia, a equipa ia aprendendo o que tínhamos que fazer para concretizar este projeto. A aprendizagem prática do curso Cinemalogia revelou-se muito eficaz na execução do filme. Por isso, para além da aprendizagem realizada no trabalho do festival, o curso de Cinemalogia foi um complemento muito importante.

BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

Alves, Emiliano Rivello. (2007). “Pierre Bourdieu: a distinção de um legado de práticas e valores culturais”. [E-BOOK]. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/se/v23n1/a09v23n1.pdf>.

Almeida, Carlos Alberto Calheiros da Silva. (2016). “O Papel dos Festivais de Cinema Portugueses na Atração de Turistas”. (Tese de Mestrado, Universidade do Minho, Portugal). Retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/42910/1/Carlos%20Alberto%20Calheiros%20da%20Silva%20Almeida.pdf>.

Amaral, Rita. (1998). “As Mediações Culturais da Festa”. [E-BOOK]. Retirado de <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/9314/8008>.

Araújo, Milena Moreira. (2013). “Motivação da Audiência dos Festivais de Cinema: Um Estudo Exploratório em Portugal” (Tese de Mestrado, Lisboa School of Economics & Management, Portugal). Retirado de <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/11422/1/DM-MMA-2013.pdf>.

Bennett, Taylor & Woodward. (2018). “The festivalization of Culture” [E-BOOK]. Retirado de http://www.academia.edu/5280310/The_Festivalization_of_Culture

Black, Joel. (2002). “The Reality Effect: Film Culture and the Graphic Imperative” [E-BOOK]. Retirado de https://books.google.pt/books?id=9TqAAAAAQBAJ&pg=PA1&hl=pt-PT&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false

Bosma, Peter. (2015). “Film Programming - Curating for Cinema”. New York, West Sussex. Wallflower Press.

Bourdieu, Pierre. (2006). “A Distinção – Crítica Social do Julgamento” [E-BOOK]. Retirado de <https://pt.scribd.com/document/238771592/bourdieu-pierre-a-distincao-critica-social-do-julgamento-pdf>

Costa, Pedro. (2001). “Cultura e competitividade territorial: o caso do cinema português”. IV Congresso de Sociologia Português.

Costa, Pedro. (2001). “As atividades da cultura e a competitividade territorial: O caso a área metropolitana de Lisboa”. (Tese de Doutoramento, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa).

Danto, Arthur. (1998). “The End of Art”. Blackwell Publishing for Wesleyan University.

Fabris, Elí Henn. (2008). “Cinema e Educação: Um Caminho Metológico”. Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe. Jan/Julho. España y Portugal.

Ferreira, José Ribeiro. (2010). “A presença da Grécia e de Roma na Revolução Francesa: três aspectos”. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos; Imprensa da Universidade de Coimbra. Retirado de <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/31547/6/5-%20cidadania%20e%20paideia%20na%20gr%C3%A9cia%20antiga.pdf?ln=pt-pt>

Fino, Ágata Marques. (2015) “Produção, Indústria e Cinema Português”. Cinema em Português. Jornada VII. Universidade da Beira Interior.

García, Francisco García, “El cine como ágora: saber y compartir las imagines de un relato fílmico”. In: Alves, Luis Alberto; García, Francisco García; Alves, Pedro (orgs.), (2014), Aprender del Cine: narrativa y didáctica. Icono 14 Editorial, Madrid.

Grilo, João Mário. (2006). “O Cinema da Não Ilusão”. [E-BOOK]. Retirado de <https://www.worldcat.org/title/cinema-da-nao-ilusao-historias-para-o-cinema-portugues/oclc/493653335>.

Guerra Soares & Rocha Jr., (2017) “Atenção, entrega e identificação: o impacto do cinema no espectador através da afetividade em Triunfo da Vontade”. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba.

Kant, Emmanuele. (1781). “Crítica da Razão Pura” [E-BOOK]. Retirado de <https://www.marxists.org/portugues/kant/1781/mes/pura.pdf>.

Lahire, Bernanrd. (2008). “Indivíduo e Mistura de Géneros: Dissonâncias Culturais e Distingção de Si”. Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe. España y Portugal.

Lemière, Jacques. (2006). “«Um centro na margem»: o caso do cinema português”. *Análise Social*, vol. XLI (180), 2006, 731-765. Portugal. Retirado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n180/n180a03.pdf>

LOPES, J.S.M. (2007). “Educação e Cinema: Novos Olhares na Produção do Saber”. Porto: Profedições.

Luppi Bello, Maria do Rosário (2009). “A implosão do cinema português: duas faces de uma mesma moeda”. Universidade Aberta e Universidade de Coimbra. Retirado de <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1310/1/Implos%C3%A3o%20do%20cinema%20portugu%C3%AAs.pdf>.

MAUERHOFER, Hugo. (2003). “A psicologia da experiência cinematográfica”. *A experiência do cinema: antologia*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal.

Meleiro, Alessandra. (2007). “Cinema no Mundo - Indústria, Política e Mercado: Europa”. [E-BOOK]. Retirado de https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=aTjEBAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT14&dq=cinema+industria&ots=8Jkr0pBRIS&sig=UW-N8zw9p4KATuda9MvUYEqmqy0&redir_esc=y#v=onepage&q=cinema%20industria&f=false

Morin, Edgar. (2003) “A alma do cinema.” *A experiência do cinema: antologia*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal.

Nogueira, Luís. (2010). “A Difícil Visibilidade do Cinema Português. Um Inventário Crítico”. Universidade da Beira Interior. Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-nogueira-cinema-visibilidade.pdf>

Pacheco, Liliana. (2012). “Marketing, Receção e Crítica Cinematográfica na Era Digital”. *Estudos em Comunicação* nº 12, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal. Retirado de <http://www.ec.ubi.pt/ec/12/pdf/EC12-2012Dez-18.pdf>.

Reis, Ana Carla Fonseca. (2016). “Marketing Cultural e o Financiamento da Cultura”. [E-BOOK]. Retirado de <https://garimpodesolucoes.com.br/wp-content/uploads/2016/02/Marketing-Cultural-e-Financiamento-da-Cultura-Garimpo-de-Solu%C3%A7%C3%B5es.pdf>.

Ribas, Daniel & Cunha, Paulo M. (2018), “Tabu Vs Amália: alguns números sobre o cinema português”. Retirado de <https://www.publico.pt/2018/07/20/culturaipsilon/opiniao/tabu-vs-amalia-alguns-numeros-sobre-o-cinema-portugues-1838209>.

Rosenfeld, Anatol. (2002). “Cinema : Arte e Indústria”. [E-BOOK]. Retirado de <https://interartesufgd.files.wordpress.com/2015/11/lv-rosenfeld-cinema-arte.pdf>.

Valck, Kredrell & Loist. (2016). “Film Festivals: History, Theory, Method, Practice”. 2 Park Square, Milton Park, Abingdong, Oxon OX14 4RN. Routledge.

Vale, Ana Maria Carvalho. (2013). “Festivais de Cinema em Lisboa: Organizações e Relações com a Cidade”. (Tese de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa). Retirado de https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/7780/1/Tese_Festivais%20de%20Cinema%20em%20Lisboa_Ana%20M%C2%AA%20Vale.pdf

Wong, Cindy Ying-yuk. (2011). “Films Festivals : Culture, People and Power on the Global Screen”. Joyce Kimmer Avenue, Piscataway. Rutgers University Press.

“Cinemas portuguesas perderam quase um milhão de espectadores em 2018” (2019). Público. Retirado de <https://www.publico.pt/2019/01/09/culturaipsilon/noticia/cinemas-portuguesas-perderam-quase-milhao-espectadores-2018-1857239#gs.c8sCzwOa>

ANEXOS

ANEXO I – Plano de Estágio



Caminhos do Cinema Português - 2018/09
Plano de Estágio
Júlia Pereira

Os Caminhos do Cinema Português são um conjunto de actividades que culminam na forma do único festival generalista dedicado à filmografia nacional. É igualmente o maior festival realizado em contexto universitário. Iniciaram-se estes caminhos em 1988 na forma de mostra, realizando-se as três primeiras edições até 1990, sendo retomados sob a forma de festival em 1997. Desde então têm promovido a cinematografia nacional acompanhando o seu crescimento. Presentemente o festival é o único evento que coloca em competição não só a filmografia profissional e académica, mas também todos os contributos técnicos que permitem a materialização do cinema contemporâneo português. Para além da exibição os Caminhos promovem um conjunto de actividades de formação e investigação prática e teórica sobre a sétima arte.

A organização deste festival é uma organização mista entre uma estrutura hierarquizada constituída pela Direcção do Festival e responsável perante a direcção do Centro de Estudos Cinematográficos/AAC, com as funções de coordenação geral e tesouraria, que deriva numa estrutura de tipo reticular com diferentes coordenadores por cada actividade. Considera-se que este tipo de organização em que subjaz uma metodologia de projecto, permite a maximização de recursos com vista a maximização dos resultados. Esta estrutura de organização em rede com um coordenador é suficientemente flexível para que outras redes se juntem, em cada actividade, na prossecução de objectivos específicos dessa mesma actividade. Este tipo de organização, por oposição a uma metodologia de processo, permite criar um sentimento de pertença em toda a organização em que toda a equipa tem consciência a cada momento do que está a fazer e quais os objectivos que prossegue.

O Centro de Estudos Cinematográficos/AAC tem por base o valor da participação voluntária dos seus sócios no desenvolvimento das diversas actividades, pelo que todo o trabalho desenvolvido em prole do projecto será fruto de trabalho de voluntariado, somente sujeito a gratificações no que concerne as despesas de alimentação e transportes. A par desta organização voluntária existirá um serviço de Secretariado de Produção que assegurará a interligação enquanto estrutura permanente, em conjunto com os coordenadores de actividade.

A orientação da organização para a tarefa visa que exista uma estrutura operativa com uma finalidade na execução de objectivos específicos em cada actividade, que se enquadra com o organigrama reticular proposto, criando-se estruturas temporárias consoante a fase de desenvolvimento em que cada actividade se encontre, com funções tipificadas e que vão ser alvo de formação antecipada conforme previsto nos objectivos internos do projecto. A organização será avaliada pelos indicadores e mecanismo previstos nas fichas de actividade e no cumprimento do Cronograma de Gantt geral e de cada actividade. A nível externo a organização terá que trabalhar com modelos hierarquizados, no que concerne a alguns espaços onde as actividades irão decorrer, nomeadamente no Teatro Académico de Gil Vicente, na Casa das Caldeiras e no Mini-Auditório Salgado Zenha, pelo que existirá um coordenador interno, que fará a articulação entre a organização e estas estruturas hierarquizadas.

O plano de trabalho da estagiária Júlia Pereira incidirá sobre as funções de Secretariado de Produção sendo responsável pela ligação da Direção do festival a todos os coordenadores de actividade, bem como por assegurar o secretariado de expediente. A seguir à direcção geral do evento é uma das tarefas de maior responsabilidade dentro da produção do evento, sendo uma posição que obriga o domínio de uma língua estrangeira e ao domínio informático na óptica do utilizador. De forma resumida se apresentam as principais tarefas previstas para o tempo de estágio que não foram suprareferidas.

Tarefas Gerais

- Auxílio à gestão de Redes Sociais e Comunicação Digital
- Revisão e auxílio à elaboração de textos e material de divulgação
- Auxílio à gestão de inscrições de filmes, formandos e comunicações
- Contactos com instituições, Formadores, Jurados, Comissão de Honra, Parceiros e Produtores de Cinema ou outros.
- Inscrição de Produções do Festival em outros festivais
- Gestão da base de contactos do festival
- Gestão documental de parcerias do festival
- Auxílio à Gestão de Voluntários
- Auxílio Mensal à Prestação de Contas na AAC e ICA
- Auxílio à construção de clipping digital
- Gestão de Encomendas junto de fornecedores gráficos e de distribuição de divulgação

Setembro de 2018

Pré-Produção do Festival:

- Conhecimento do Evento, actividades, processos, organização documental
- Aprendizagem de metodologias
- Marcação de grupos
- Envio de informação para o Painel Electrónico da Praça do Turismo da CMC
- Auxílio à Elaboração de Parcerias e Patrocínios
- Auxílio à Programação - Gestão de Espaços, Filmes, Ecrãs e Pessoal
- Levantamento de todos os formadores que passaram pelo cinema.
- Início da escrita de relatório de estágio.
- Identificar possíveis linhas de apoio ao festival

Outubro de 2018

- Marcação de grupos
- Gestão e Recepção de Cópias de filmes e materiais de comunicação;
- Gestão, Coordenação de Tradução e Revisão de Textos para inclusão no catálogo e website.
- Auxílio à Elaboração de Parcerias e Patrocínios

Novembro de 2018

- Convites Protocolares
- Marcação de grupos

Produção do festival: 23 novembro a 1 de dezembro

- Coordenação de grupos, convidados e pedidos de acreditação
- Auxílio à coordenação de Espaços e Actividades
- Auxílio à gestão de tesouraria de cada sala de exibição
- Contabilização de Boletins do Prémio do Público
- Gestão de Bilheteira Electrónica

Dezembro de 2018

- Contactos e Marcação de Presenças de galardoados no festival
- Contabilização de Boletins do Prémio do Público

Pós-Produção do festival:

- Consolidação de documentação de suporte para elaboração de Relatórios de Actividades e Contas
- Gestão e Devolução de Cópias de filmes
- Tratamento estatístico da 24.^a edição

Janeiro de 2018

- Revisão Inicial do Relatório de Estágio
- Auxílio à Elaboração de Candidatura ao Programa “Training & Networks” do Programa MEDIA da Europa Criativa

Fevereiro de 2018

- Revisão Final do Relatório de Estágio
- Defesa de Estágio

Os meses de maior carga horária serão outubro, novembro e as duas primeiras semanas de dezembro. Durante o período público do festival é desejável, por se tratar de um estágio num evento público, que a estagiária consiga estar mais tempo que o horário laboral previsto com especial importância nos dias de abertura e encerramento. Após a devolução dos filmes seleccionados o horário de trabalho torna-se-á mais flexível e em função das tarefas a desempenhar.

Em suma, o perfil de Júlia Pereira vai ao encontro do pretendido para as funções de secretariado-geral, implicando contactos a todos os níveis de funcionamento do festival, sendo a oportunidade mais crassa para a estagiária aprender e evoluir do ponto de vista da produção cultural e da simbiose de disciplinas que nela intervêm.

A Estagiária

O Orientador
da Instituição Acolhedora

O Orientador de Dissertação

Lic. Júlia Pereira

MsC. Tiago Santos

Prof. Doutor Sérgio Dias Branco

ANEXO II – Contactos Escolas e Lares

Script Escola Secundária (para contacto telefónico)

Boa tarde, tenho o gosto de estar a falar com?

Daqui fala Júlia Pereira, do secretariado do festival Caminhos do Cinema Português. Temos estado a contactar algumas escolas com o escopo de divulgar algumas sessões de cinema que se enquadram no contexto do Plano Nacional de Cinema. Não sei se estou a falar com a pessoa responsável ou se é possível passar-me a chamada?

(repetir caso seja passada para responsável)

Temos presentemente sessões programadas que interessarão os estudantes dos vários anos do Ensino Secundário. Seja para os enriquecer na área do Português como de História, será a oportunidade de conhecerem melhor tanto artistas portugueses (Fernão Mendes Pinto, Vergílio Ferreira, Alberto Pimenta, Rosa de Lobato Faria) e até o famoso Soldado Milhões e a sua importância num contexto da Primeira Guerra Mundial.

Algumas destas sessões são seguidas de uma sessão de apresentação com perguntas e respostas, onde os estudantes poderão conhecer realizadores e actores que participaram nos filmes.

Eu poderia tratar da marcações de turmas, visto que se fizer pré-marcação apenas irão pagar 2 € por aluno (o mínimo são de 10 marcações). Como é óbvio, o professor de cada turma não pagará a entrada em filme.

Que lhe parece, Sr. X? Se desejar poderei enviar de imediato um mail com todas estas informações e com as sinopses dos filmes, para que seja mais fácil escolher.

Grupos e turmas acima de 10 pessoas, com a devida marcação prévia e respectivo pagamento, usufruirão de condições especiais face.

Até 7 de novembro as reservas têm um custo de 2€ por aluno, sendo que a partir da referida data até 16 de novembro se praticará o preço normal de 3€/aluno, sempre com isenção de pagamento para o professor/acompanhante do grupo marcado. O pagamento deverá ser feito através de transferência bancária (PT50.0036.0414.99106004966.66 - Banco Montepio). Agradece-se o envio de comprovativo e indicação de número de identificação fiscal para a emissão de recibo.

Segunda 26/11 - Homem Pykante, de Edgar Pêra (TAGV)

Terça 27/11 - Aparição, de Fernando Vendrell (TAGV)

Quarta 28/11 - Peregrinação de João Botelho (TAGV)

Quinta 29/11 - Soldado Milhões de Gonçalo Galvão Teles e Jorge Paixão da Costa (TAGV)

Sexta 30 /11 - Pedro e Inês de António Ferreira (TAGV)

E-mail Selecção Sénior

Ex.mo/a Sr./a. Director/a do Centro de Apoio Social de Mozelos

Os nossos cumprimentos.

Os Caminhos do Cinema Português - festival de cinema generalista de origem nacional - que decorre anualmente em Coimbra durante 8 dias, terá a sua XXIV Edição este ano entre os dias 24 de Novembro e 1 de Dezembro. Venho por este meio dar-lhe a conhecer as nossas propostas, incluídas na competição Selecção Caminhos, programadas como Selecção Sénior.

A Selecção Sénior procura colmatar a distância que muitas vezes se verifica entre a população mais velha e os restantes elementos da sociedade. Assim, a atividade em causa pretende contribuir como inserção cultural dos idosos no mundo do cinema, integração na sociedade, convívio social e, conseqüentemente, momentos de reflexão e discussão.

A sessão que ora apresentamos e convidamos foi pensada tendo em conta todos os aspetos relacionados com duração, dependências, mobilidade e temáticas.

O Soldado Milhões - Gonçalo Galvão Teles e Jorge Paixão da Costa será realizada no Teatro Académico Gil Vicente (Coimbra), no dia 29 de Novembro (pelas 15h00). Todas as sessões do festival serão acompanhadas, sempre que possível, por uma apresentação com perguntas e respostas sobre os filmes exibidos.

O filme programado encontra-se em anexo (.pdf).

IMAGEM CARTAZES

Grupos acima de 10 pessoas, com a devida marcação prévia e respectivo pagamento, usufruirão de condições especiais. Até 16 de outubro as reservas têm um custo de 2€ por pessoa, sendo que a partir da referida data até 26 de novembro se praticará o preço normal de 3€/pessoa, sempre com isenção de pagamento para o acompanhante do grupo marcado. O pagamento deverá ser feito através de transferência bancária (PT50.0036.0414.99106004966.66 - Banco Montepio). Agradece-se o envio de comprovativo e indicação de número de identificação fiscal para a emissão de recibo.

Se estiver interessado em reservar desde já a presença da sua escola ou grupo poderá fazê-lo através do formulário: <http://caminhos.info/politica-de-grupos>. As condições acima descritas aplicam-se igualmente a outras sessões do festival.

Qualquer questão que tenha, por favor não hesite em contactar-nos: 239 851 070 ou através do nosso mail grupos@caminhos.info

Reiterando os nossos cumprimentos,
Júlia Pereira

ANEXO III – Ofício Cerimónia de Abertura

COIMBRA, 13 DE NOVEMBRO DE 2018
NREF 16/D/CCP/18

EXMA. SENHORA XXX,

NA QUALIDADE DE DIRECTOR DO EVENTO E EM NOME DA ASSOCIAÇÃO CAMINHOS DO CINEMA PORTUGUÊS – ASSOCIAÇÃO DE ARTES CINEMATOGRAFICAS DE COIMBRA E DO CENTRO DE ESTUDOS CINEMATOGRAFICOS DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA, TENHO A HONRA DE ENDEREÇAR A V. EXA. O CONVITE PARA ESTAR PRESENTE NA CERIMÓNIA DE ABERTURA, QUE TERÁ LUGAR NO DIA 24 DE NOVEMBRO DE 2018, PELAS 21H45, EM COIMBRA, NO TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE.

VENHO TAMBÉM POR ESTE MEIO AGRADECER TODO O APOIO DISPONIBILIZADO AO FESTIVAL CAMINHOS DO CINEMA PORTUGUÊS QUE VAI DECORRER ENTRE OS DIAS 24 DE NOVEMBRO DE 2018 A 1 DE DEZEMBRO DE 2018.

GOSTARÍAMOS AINDA DE APROVEITAR A OCASIÃO PARA CONVIDAR V. EXA. PARA UM JANTAR ÀS 18H30 COM TODOS OS CONVIDADOS QUE IRÁ PRECEDER QUE VAI PRECEDER À CERIMÓNIA DE ABERTURA.

COM TODOS OS CONVIDADOS,

ESTAMOS DESDE JÁ DISPONÍVEIS PARA PRESTAR MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O EVENTO E APROVEITAMOS A OPORTUNIDADE PARA SUGERIR A V. EXA. UMA VISITA AO SÍTIO DO FESTIVAL EM: WWW.CAMINHOS.INFO.

NA EXPECTATIVA DE UMA RESPOSTA FAVORÁVEL AO SOLICITADO, APRESENTAMOS A V. EXA. OS NOSSOS MELHORES CUMPRIMENTOS.

ATENCIOSAMENTE,

VÍTOR FERREIRA
DIRETOR
E-MAIL: VITOR.FERREIRA@CAMINHOS.INFO
TLM: 917 274 016

ANEXO IV – PictH para Vídeo de Voluntariado

O festival Caminhos do Cinema Português é um dos festivais de cinema mais antigos de Portugal em actividade. É um festival com um interesse particular, o Cinema Português, e desde 1988 tem trazido a Coimbra as produções nacionais de maior relevo.

A sua organização é levada a cabo por uma estrutura voluntária, maioritariamente estudantes universitários. E tal como um filme, um festival é feito de cumplicidade entre os elementos da organização que têm responsabilidade em áreas tão distintas como o acolhimento de convidados, programação, enfim...todas as áreas possíveis!

O nosso grande foco está em conscientizar publicamente para o benefício da cultura, e do seu consumo, está na ligação emocional, na troca de experiências e na forma como se experiencia a arte e se podem reforçar e perpetuar os laços de comunidade e perpetuar a realidade cultural de um país e a sua afirmação no mundo.

Infelizmente, vivemos numa altura menos boa para a nossa cultura e é por isso que iniciativas como estas se tornam urgentes.

O festival tem cada vez mais assumido nas últimas edições, cada vez mais, um papel social não só de mobilizar e sensibilizar, mas acima de tudo despertar consciências, através de iniciativas conjuntas do festival com os parceiros. Um projecto assente no voluntariado, de jovens curiosos, conscientes e dispostos a valorizar o cinema português.

Será no recurso ao voluntariado que permite a este Festival sobreviver por tantos anos e continuar a desempenhar a sua grande função: promover o cinema português. É no trabalho desses jovens voluntários que assenta a sustentabilidade deste festival.

Somos uma equipa dinâmica e que se consegue agilizar para que o festival continue a desempenhar o seu papel fundamental de promover o encontro cultural do cinema português com o público.

ANEXO V – Inscrição Sophia Estudante

Antes de inscrever os seus filmes, relembramos:

Só pode inscrever 2 filmes por cada categoria

1. Só pode inscrever filmes com uma duração até 20 min.
2. Só entidades escolares oficiais podem concorrer aos Prémios Sophia Estudante.
3. **Preencher a Declaração de Cedência de Direitos e enviar juntamente com o filme, fotos e cartaz.**
4. **Terá que enviar uma cópia do filme, com a seguinte nomenclatura "TÍTULO DO FILME + Identificação da ESCOLA"**
5. **Deverá enviar 2 fotos de cena do filme + cartaz com 300 dpi's**

Caso tenha alguma dúvida ou problema técnico contacte: sophiaestudante@academiadecinema.pt
Fields marked with an * are required

Dados da Universidade

Nome da Universidade *

Universidade Aberta

Designação do Curso *

Cinematologia

Morada *

Rua Padre António Vieira, Edifício AAC, 1º Piso

Código Postal *

3000-315

Localidade *

Coimbra

Contacto Telefonico *

911 081 317

*Dados Técnicos***Nome do Filme *****A Costureirinha****Tipo de Filme ***

Escolher
Experimental Ficção Documentário Animação

Ano de Produção ***2018****Formato de Gravação ***

Escolher
DSLR Outro HDCAM 16 mm 4k

Outro**Cor/P&B ***

Escolher Cor Preto e Branco

Som *

Escolher Mono Stereo

Janela de Projecção *

Escolher 4:3 16:9 1:85:1 1:2:35

Língua *

português

Duração *

12 minutos

Sinopse em Português *

Ermelinda, uma mulher cansada e derrotada, costura e é esse o único sustento da casa onde mora com sua filha Maria, uma criança sensível que percebe que sua mãe está angustiada e a confronta.

A vida quotidiana dessa família é assombrada pelo espírito de uma costureira que é vista por Maria e relata à sua mãe. Ermelinda acostumada a histórias populares, despreza-a, até ver as suas convicções abaladas pelo medo de perder sua filha, o que lhe resta, para o desconhecido ou para a loucura.

Ficha Técnica do Filme

Nome do Realizador *

Telmo Martins

E-Mail do Realizador *

geral@caminhos.info

Contacto Telefónico *

Nome do Realizador 2

Nome do Realizador 3

Argumento *

Teresa Isabel Queirós

Director de Fotografia *

Jorge Pelicano

Dados do Produtor

Nome do Produtor *

Vítor Ferreira

Morada *

Rua Padre António Vieira, Edifício AAC, 1º Piso

Código-Postal *

3000-315

Localidade *

Coimbra

Telefone *

911 081 317

E-Mail *

tiago.santos@caminhos.info

Instruções de envio de link de Download

Na caixa abaixo deve colocar um link único com os seguintes itens:

1. [Declaração de Cedência de Direitos](#)
2. Enviar uma cópia do filme, com a seguinte nomenclatura "TÍTULO DO FILME + Identificação da ESCOLA"
3. Deverá enviar um ficheiro mp4, codec h264, Bit rate- 2000 bits/s

4. Deverá enviar 2 fotos de cena do filme + cartaz com 300 dpi's

Pode colocar um link de [wetransfer](#), [from smash](#) (ou outra plataforma similar), link de vimeo com opção de download (sem opção de download não será aceite).

Caso não envie todos os materiais descritos nos pontos anteriores, a sua inscrição não será considerada. Caso a produção do filme não tenha produzido um dos pontos descritos atrás deverá enviar um e-mail para sophiaestudante@academiadecinema.pt a comunicar essa questão.

Caso tenha alguma dúvida ou problema técnico contacte: sophiaestudante@academiadecinema.pt

Link de Download *

Ao inscrever o seu filme no Prémio Sophia Estudante está a concordar com o regulamento do Prémio Sophia Estudante *

ANEXO V – Inscrição Sophia Estudante

RELATÓRIO CCP XXIV

□

<u>01. memória descritiva</u>	<u>2</u>
<u>02. apresentação institucional</u>	<u>3</u>
<u>02.01 comissão de honra</u>	<u>4</u>
<u>02.02 mensagens</u>	<u>5</u>
<u>02.03 equipas de júri</u>	<u>8</u>
<u>02.03.01 sel. caminhos</u>	<u>9</u>
<u>02.03.02 sel. ensaios</u>	<u>13</u>
<u>02.03.03 imprensa CISION</u>	<u>15</u>
<u>02.03.04 FICC</u>	<u>16</u>
<u>02.03.05 público</u>	<u>17</u>
<u>02.04 regulamentos</u>	<u>18</u>
<u>02.05 dir. e equipa</u>	<u>18</u>
<u>03. execução</u>	<u>19</u>
<u>03.01 análise</u>	<u>19</u>
<u>03.02 programa geral</u>	<u>19</u>
<u>03.03 mapa de audiências</u>	<u>19</u>
<u>03.04 selecção caminhos</u>	<u>19</u>
<u>03.05 selecção ensaios</u>	<u>19</u>
<u>03.06 júniores</u>	<u>19</u>
<u>03.07 juvenis</u>	<u>19</u>
<u>03.08 séniores</u>	<u>19</u>
<u>03.09 mundiais</u>	<u>19</u>
<u>03.10 nos trilhos dos naturalistas</u>	<u>19</u>
<u>03.11 reposições</u>	<u>19</u>
<u>03.12 mastersessions</u>	<u>19</u>

<u>03.13 formação</u>	<u>19</u>
<u>03.14 investigação</u>	<u>19</u>
<u>03.15 visita de estudo</u>	<u>19</u>
<u>03.16 cerimónia de abertura</u>	<u>19</u>
<u>03.17 cerimónia de encerramento</u>	<u>19</u>
<u>03.18 palmarés</u>	<u>19</u>
<u>04. impacto económico e social</u>	<u>20</u>
<u>04.01 estratégias de comunicação</u>	<u>20</u>
<u>04.01.01 conceito gráfico</u>	<u>20</u>
<u>04.01.02 comunicação digital</u>	<u>20</u>
<u>04.01.03 plano de meios</u>	<u>20</u>
<u>04.01.04 assessoria de comunicação</u>	<u>20</u>
<u>04.01.04.01 análise de comunicação</u>	<u>20</u>
<u>04.01.04.02 clipping</u>	<u>20</u>
<u>05. análise de produção</u>	<u>20</u>
<u>05.01 geral</u>	<u>20</u>
<u>05.02 programação</u>	<u>20</u>
<u>05.03 acolhimento</u>	<u>20</u>
<u>05.04 tesouraria</u>	<u>20</u>
<u>05.05 conclusão</u>	<u>20</u> □

01. memória descritiva

Os Caminhos do Cinema Português na sua 24.^a edição procuraram continuar a ser súpula dos diferentes caminhos que a cinematografia nacional percorre. A competição passou por duas secções; a Seleção Caminhos é dedicada a toda a cinematografia nacional de produção profissional consagrando nesta secção todos os géneros cinematográficos, e a Seleção Ensaios, de âmbito internacional, é dedicada a filmes produzidos em contexto académico ou de formação técnica e profissional, dando tanto um primeiro espaço de exibição além academia, como permite um olhar comparativista sobre o futuro do cinema português e o internacional. O Público é o factor central deste festival atribuindo igualmente um prémio. Como forma de reforçar a cinematografia oferecida a públicos específicos o festival promove ainda a realização de secções paralelas, não competitivas, como os Outros olhares, alimentandos o derrube do cânone e a procura de novas linguagens, os Mundiais, os Júniores e Juvenis com o objectivo de captar um público jovem para o cinema português e os Séniores oferecendo uma filmografia que, para além de uma componente cultural tenha igualmente um papel importante de cariz social e de integração na sociedade.

Além da exibição, o festival é um espaço de formação e criação artística; MasterSessions: Sessões de Debate com convidados especiais além dos intervenientes nos filmes projectados sobre uma dada temática e o Simpósio Fusões no Cinema: Simpósio internacional dedicado à discussão da representação das artes no cinema.

Na sua vigésima quarta edição o festival comprovou a vivacidade da cinematografia nacional, recebendo recebemos 326 propostas nacionais num total de 762. Destas, foram programadas 167 – 21,92% de aceitação – com 99 obras nacionais presentes nas duas secções competitivas: Caminhos e Ensaios. Na globalidade apresentaram-se 62 sessões atingindo os 9814 espectadores.

Os prémios decididos pelas cinco equipas de Júri; Caminhos, Ensaios, FICC, Imprensa CISION e Público, que avaliaram as duas secções competitivas, resultaram 26 premiações das quais “Cabaret Maxime”, de Bruno de Almeida, foi o filme que mais galardões alcançou, nomeadamente Melhor Banda Sonora, para Manuel João Vieira, Melhor Realização, para Bruno de Almeida, Melhor Direção Artística, para João Torres, Melhor Actor Secundário para John Wentiniglia e o Grande Prémio do Festival. Destaque ainda para “Até que o Porno nos Separe” de Jorge Pelicano que na sua primeira exibição alcançou o prémio de Melhor Documentário Universidade de Coimbra e o Prémio do Público Chama Amarela, “Por Tua Testemunha” de João Pupo com os Prémios de Melhor Argumento Adaptado e de Melhor Actor para Fernando Rodrigues, “Aparição”, de Fernando Vendrell, que conquistou os prémios de Melhor Atriz Secundária e Melhor Guarda-Roupa, “Maria”, de Catarina Neves Ricci, com os prémios de Melhor Atriz e Menção Honrosa do Júri FICC, Anteu, de João Vladimiro, premiado com o Prémio Melhor Comunicação e Promoção Ivity Brand Corp. e Melhor Curta-Metragem Turismo do Centro, “Entre Sombras”, de Mónica Santos e Alice Guimarães, Melhor Animação e Menção Honrosa do Júri de Imprensa CISION e, finalmente, para “Terra Franca”, de Leonor Teles, que alcançou os prémios D. Quijote da Federação Internacional de Cineclubes e o Prémio de Melhor Longa-Metragem de Ficção Europcar.

O festival Caminhos do Cinema Português é um dos festivais de cinema mais antigos em Portugal em atividade. É um festival com um interesse particular, o Cinema Português, e desde 1988 tem trazido a Coimbra as produções nacionais de maior relevo. Desde a sua 5.^a edição, em 1997, tem premiado a cinematografia nacional na Seleção Caminhos colocando em competição direta os mais prestigiados cineastas nacionais a par com as mais jovens revelações.

Foi um dos primeiros festivais nacionais a promover o Cinema jovem Português que se produz nas academias, através da Seleção Ensaios (outrora denominada Ensaios Visuais), permitindo hoje estabelecer um olhar comparativo entre a produção académica nacional e estrangeira.

O festival apresenta ainda várias secções paralelas dando a conhecer cinematografias menos difundidas.

Seleção

Caminhos

Nesta seleção poderá encontrar as principais obras produzidas em Portugal, em concurso para os principais prémios do festival.

Seleção Ensaios

Nesta seleção poderá encontrar os filmes produzidos em contexto académico, num espaço para todos os realizadores, que em Portugal e a nível internacional, almejam ser os criadores de amanhã.

Caminhos Mundiais

Esta secção não competitiva, integrando curtas-metragens, documentários, filmes experimentais, animação e longas metragens, permitirá uma introdução à cinematografia dos cinco continentes.

Caminhos **Júniors**

Esta atividade paralela é dedicada à captação e educação do público jovem para o cinema português. Os mais pequenos têm direito a experimentar, in loco, muitos minutos de pura magia, quiçá pela primeira vez.

Juvenis & **Séniors**

O Cinema estreita os laços entre o tempo e o espaço proporcionando momentos íntimos de convívio e vivência entre a narrativa e o espectador.

Outros Olhares

Espaço reservado a outros olhares sobre a prática e o exercício cinematográfico, alimentando o derrube do cânone e a procura de novas linguagens.

MasterSessions

Sessões de Debate com convidados especiais além dos intervenientes nos filmes projetados sobre uma dada temática.

Cinemalogia - Curso de Cinema

Serviço Pedagógico, com tutoria de especialistas do cinema nacional, que aborda todos os passos da produção cinematográfica desde a Ideia ao Filme.

Fusões no Cinema

Simpósio internacional dedicado à discussão da representação das artes no cinema.

02. apresentação institucional

A organização da 24.^a edição do festival não depende apenas do esforço da organização. É um trabalho de conjunto que se opera de mãos dadas com a sociedade nacional. Nesse sentido contamos com uma Comissão de Honra que apadrinha cada edição do festival e com um vasto painel de jurados que constituem as várias equipas de Júri constituídas por personalidades de relevo da sociedade nacional. Sem eles e sem os proponentes que todos os anos nos enviam as suas mais recentes criações artísticas seria impossível percorrer os caminhos do Cinema Português.

02.01 comissão de honra

A Comissão de Honra da 24.^a edição do festival é constituída por individualidades de vários quadrantes da sociedade, que têm por incumbência o desenvolvimento da Sociedade Portuguesa, do meio Cultural e Cinematográfico, da Academia e Cidade de Coimbra.

Sua Excelência O Presidente da República Portuguesa
Dr. Marcelo Rebelo de Sousa

Sua Excelência o Presidente da Assembleia da República
Dr. Eduardo Ferro Rodrigues

O Primeiro-Ministro
Dr. António Costa

A Ministra da Cultura
Dra. Graça Fonseca

Magnífico Reitor
da Universidade de Coimbra
Prof. Doutor João Gabriel Silva

Vice-Reitor para a Cultura e Comunicação da Universidade de Coimbra
Prof. Doutor Luís Filipe Menezes

Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra
Doutora Carina Gomes

Presidente da Entidade Regional Turismo do Centro de Portugal
Pedro Machado

Presidente do Conselho Directivo do Instituto do Cinema e Audiovisual – I.P.
Presidente do Conselho Directivo do Instituto do Cinema e Audiovisual – I.P.
Luís Chaby Vaz

Director do Teatro Académico de Gil Vicente
Fernando Matos Oliveira

Presidente da Federação Portuguesa de Cineclubes
António Costa Valente

Presidente da Direção Geral da Associação Académica de Coimbra
Alexandre Amado

02.02 mensagens

Sua Excelência o Presidente da Assembleia da República
Eduardo Ferro Rodrigues
Com o seu Alto Patrocínio:

Coimbra é uma cidade de cultura. A cultura faz-se dos incentivos do Estado central mas não dispensa as iniciativas dos poderes locais e da sociedade civil. Assim se democratiza o acesso à cultura e se promove o desenvolvimento dos territórios. O Festival Caminhos do Cinema Português, promovido pela Associação de Artes Cinematográficas de Coimbra e do Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica de Coimbra, é um excelente exemplo de territorialização da oferta cultural, pela longevidade mas também pela qualidade da sua programação. Em nome da Assembleia da República, saúdo a Associação Caminhos do Cinema Português, desejando os maiores sucessos para a edição deste ano.

Sua Excelência a Ministra da Cultura
Graça Fonseca

O Festival Caminhos do Cinema Português que comemora este ano a sua 24^a edição, tem-se constituído como um espaço enriquecedor de divulgação da cinematografia portuguesa nos seus diversos géneros, promovendo o debate entre os criadores nacionais e internacionais e o encontro com outras visões do cinema internacional. Ao longo dos anos, a organização deste festival tem desafiado os seus participantes – realizadores, produtores e técnicos, académicos e estudantes e o público em geral – a pensar sobre o mundo, propondo uma reflexão abrangente e diversificada sobre a atualidade e o cinema português. A aposta na formação e na partilha de conhecimento, em articulação com as universidades, os agentes locais e os espetadores representa um investimento de todos os intervenientes no acesso à cultura e aprofundamento do diálogo sobre os diversos instrumentos de uso criativo, técnico e simbólico da criação cinematográfica. Saudamos a XXIV Edição do Festival Caminhos do Cinema Português e louvamos o Centro de Estudos Cinematográficos, a mais antiga secção cultural da Associação Académica de Coimbra e a Associação Caminhos do Cinema Português pela sua realização.

Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra
Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra
Prof. Doutor João Gabriel Silva

A persistência do festival Caminhos do Cinema Português em dar palco ao cinema português é um exemplo de uma qualidade que é essencial para se ter impacto duradouro. O cinema, como outras formas de arte, comunicação e entretenimento, precisa dessa continuidade, que saúdo com respeito e admiração.

Vice-Reitor para a Cultura e Turismo da Universidade de Coimbra
Luís Filipe Menezes

Coimbra foi sempre, ao longo dos séculos, uma cidade aberta para o mundo, alimentada pela diversidade das suas gentes, mas também pela sua unidade. Unida nesta diversidade foi e é caldo de cultura, onde a tolerância, pluralidade e irreverência o faz também indutor da construção do futuro. A sua história não é de saudosismo mas sim de permanente mudança. O festival Caminhos do Cinema Português reflete esta realidade tão intrínseca à cidade. Ao longo de quase 24 anos o festival soube reconstruir-se ao longo dos anos sendo hoje o evento de destaque de promoção e divulgação do cinema que se faz em Portugal. O sucesso obtido reflete-se nas sucessivas mostras e este ano será um ano de evidente crescimento. Tem sido

um percurso contínuo, fruto do desejo inicial de alguns e do trabalho de muitos, desde os fundadores até aos atuais organizadores, pelo que é devido um enorme agradecimento a todos pelo empenho e paixão colocados na preparação de cada edição. “Atrevamo-nos a sonhar” e que este desejo consolidado se perpetue por muitos anos. Numa altura em que se começa a preparar uma candidatura de Coimbra a Capital Europeia da Cultura em 2027, unamo-nos para avivar este caldo de cultura onde Coimbra terá caído quando era pequena... e preparemo-nos para, em conjunto, moldarmos o futuro.

Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra
Carina Gomes

Coimbra prepara-se para receber mais uma edição do festival Caminhos do Cinema Português, um momento significativo da programação cultural da nossa cidade. Em 2018, este evento, dinamizado em contexto académico, reafirma as suas extraordinárias características que o tornam um dos mais prestigiados festivais do país: as de promover, preservar, desenvolver e defender a produção cinematográfica de língua portuguesa. É, por isso, com muito gosto que a Câmara Municipal de Coimbra felicita o Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica de Coimbra pela realização da XXIV edição dos Caminhos do Cinema Português, desejando a todos os que nele participam um encontro e um intercâmbio profícuos.

Presidente da Entidade Regional Turismo do Centro de Portugal
Pedro Machado

A Turismo Centro Portugal está, mais do que nunca, sensível à importância da Indústria Cinematográfica na promoção turística de um destino, em particular, do Centro de Portugal. O Turismo Cinematográfico é um poderoso aliado na criação da imagem e na promoção de um destino, possibilitando que este ganhe notoriedade. Além disso, estimula a motivação dos turistas para conhecer os lugares e destinos que veem nos ecrãs; ajuda a captar novos segmentos de mercado; e, finalmente, permite criar novos produtos turístico-culturais. O Festival Caminhos Cinema Português é, desde 1988, um festival de enorme prestígio que celebra a arte cinematográfica e dá um contributo incomensurável à missão de construção da notoriedade da marca Centro Portugal, dentro e fora de fronteiras. Por tudo isto, um grande bem-haja à organização deste evento!

Presidente do Conselho Directivo do Instituto do Cinema e Audiovisual – I.P.
Luís Chaby Vaz

Sendo difícil e simultaneamente satisfatória e ingrata a tarefa das equipas de programadores dos festivais, é com grande satisfação que vemos refletidas nesta 24.ª edição do Caminhos do Cinema Português a qualidade e a diversidade da produção nacional. Naquela que é referida pela organização como sendo uma das edições “com mais inscrições e horas de visionamento de sempre”, é oferecido um programa bem delineado que, contando apenas com a Seleção Caminhos - exclusivamente dedicada ao cinema português - e a Seleção Ensaios - para produções em contexto académico -, apresenta 181 obras a concurso, entre animação, documentário e ficção. Contudo, muito mais há para ver e experienciar no Caminhos do Cinema Português, como as secções não competitivas “Outros olhares” e “Mundiais” ou os espaços dedicados a públicos específicos, como os “Júniors”, “Juvenis” e “Séniors”, que aqui descobrem uma programação pensada à sua medida, ou ainda a formação e a criação artística, que encontram o seu espaço nas MasterSessions com convidados especiais e criadores das obras; no serviço pedagógico Cinemalogia e no Simpósio Internacional Fusões no Cinema. E toda esta oferta do Caminhos deve ser vista e vivida, como montra e espaço de fruição de um cinema que é o nacional e que se quer para as pessoas e para o mundo.

Esperamos que o 24.º Caminhos do Cinema Português seja mais uma grande edição, cumprindo com o seu compromisso assumido de ser “a súpula dos diferentes caminhos que a cinematografia nacional percorre”.

Director do Teatro Académico de Gil Vicente
Fernando Matos Oliveira

O Teatro Académico de Gil Vicente tem mantido uma relação estreita e empenhada com o projecto Caminhos do Cinema Português, uma iniciativa do Centro de Estudos Cinematográficos/AAC. O TAGV saúda o regresso auspicioso dos Caminhos, um evento que acolhe desde a primeira hora. Em nenhum outro lugar pode o público da cidade e do país conhecer e confrontar, a cada ano, a mais recente cinematografia portuguesa, nos seus diversos formatos e tradições expressivas, desde projetos de formação, passando pela animação, pelo documentário, pela curta e longa-metragem. Num país marcado pela síndrome do inacabado e por uma vida cultural com dificuldades em manter projetos no tempo, esta edição é prova da perseverança dos seus organizadores, que assim contribuem para tornar pública e visível a força criativa e produtiva do cinema português.

Presidente da Federação Portuguesa de Cineclubes
António Costa Valente

PT é uma sigla. Abrangente mas focada, é de cá. Para ela correm todos os momentos, projetos, intenções, polémicas e uma particular energia...a PT.

Aqui, pelo centro do país, formou-se o hábito, em cada novembro, de olhar o que de PT o nosso cinema foi construindo.

Durante muitos anos por Coimbra passava a quase totalidade da produção cinematográfica portuguesa e assim era fácil fazer um ponto de situação.

Hoje a produção cinematográfica foi-se multiplicando em todas as geografias e naturalmente que também no espaço PT. Coimbra tem por isso e hoje a difícil missão de continuar a ser ponto de encontro sem que o espaço temporal já não permita essa totalidade de visionamento do nosso cinema.

Uma escolha, com todas as suas particularidades, reúne em mais um ano um cinema de Portugal que irá ser distinguido pelos Prémios D. Quijote da Federação Internacional de Cineclubes.

Trata-se de uma relevância de contexto internacional num festival de escolha PT.

Trata-se igualmente de um reconhecimento da cinematografia nacional no âmbito do movimento cineclubista mundial, construindo por isso uma aproximação do nosso cinema a culturas e vivências sociais e criativas globalmente amplificadas.

Não menor, é também a valorização do movimento cineclubista a este projeto de Coimbra.

CAMINHOS é um mapa para o cinema PT que ao longo do ano enraíza exposições cineclubistas que complementam os dias de novembro.

A Federação Portuguesa de Cineclubes tem por isso as melhores razões para poder caminhar ao lado deste projeto entre festival e cineclube, numa clara perspetiva de construção de um sempre maior “espaço” de cinema PT onde a palavra “qualidade” se possa encaixar com prazer.

Grande vida ao CAMINHOS, o que quase equivale a dizer... grande vida ao cinema PT!
Presidente da Direção Geral da Associação Académica de Coimbra

02.03 equipas de júri

Júri Caminhos

Catarina Alves Costa
Isabel Ruth
Joana Pais de Brito
João Cabral
João Rui Guerra da Mata
José Cid
Marcantonio del Carlo
Marco Martins
Nuno Garcia

Júri FICC/IFFS

Konrad Domaszewski
Sukayna Najmudin
Tiago Cerveira

Júri Imprensa CISION

Fátima Lacerda
Nuno Gonçalves
Vasco Câmara

Júri Ensaios

Benedita Pereira
Diogo Amaral
Luís Ismael
Ricardo Esteves
Tomás Baltazar

02.03.01 sel. caminhos

O Júri da Seleção Caminhos é constituído por um painel de individualidades, tanto nacionais como estrangeiras, de reconhecido mérito pela sua contribuição para o desenvolvimento do Cinema, Cultura ou da sociedade em geral. A este painel de jurados compete avaliar a cinematografia nacional, selecionada para competição, consagrando nesta secção todos os géneros cinematográficos. Os filmes presentes na Seleção Caminhos concorrem a 6 prémios oficiais, entre eles o Grande Prémio do Festival, e os Prémios Técnico-Artísticos.

Catarina Alves Costa
Realizadora / Investigadora

Catarina Alves Costa é realizadora e antropóloga. Realizou, entre outros filmes, Senhora Aparecida (1994), Swagatam (1998) Mais Alma (2000), O Arquitecto e a Cidade Velha(2004), Nacional 206 (2009) Falamos de António Campos (2010) Pedra e Cal (2016). Estudou Antropologia Social, fez o Mestrado em Antropologia Visual no Granada Centre for Visual Anthropology da Universidade de Manchester, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian e o Doutoramento na Universidade Nova de Lisboa com a tese Camponeses do

Cinema. Representações da Cultura Popular no Cinema Português. Em 2000 fundou, com Catarina Mourão, a produtora Laranja Azul onde produziu filmes de Daniel Blaufuks, Sílvia Firmino e João Ribeiro, entre outros. É Professora Auxiliar da Universidade Nova de Lisboa e Coordenadora do Mestrado em Antropologia – Culturas Visuais. Coordena o NAVA (Núcleo de Antropologia Visual e da Arte), Linha temática do Centro em Rede em Antropologia / CRIA. Ensina também nos mestrados e doutoramentos da Universidade de São Paulo, no Brasil, e na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Barcelona, assim como no Lisbon Docs, Fórum para a Produção de Documentários.

Isabel Ruth
Actriz

Isabel Ruth foi para Lisboa aos 12 anos, onde começou a estudar ballet. Em 1958, partiu para Londres onde frequentou a Royal Ballet School. De regresso a Portugal, ingressou no Grupo Experimental de Ballet (mais tarde Ballet Gulbenkian). Ingressou no teatro por volta de 1970, depois de se estreiar em *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa, dirigida por Fernando Amado. Trabalhou depois com Ribeirinho, José Wallenstein, Fernando Heitor, Diogo Dória, Jorge Listopad, entre outros. No âmbito internacional, uma curta-metragem com Pascal Aubier em França foi o ponto de partida para trabalhar com vários realizadores europeus. Instalou-se em Itália, em 1967, onde se tornou amiga de Pier Paolo Pasolini e de Bernardo Bertolucci, participando em diversas curtas metragens. Foi dirigida por Pasolini, protagonizou duas longas-metragens (uma, *Il Ritorno*, realizada por Leonello Massobrio, outra, *H2S* de Roberto Faenza). Depois de uma longa viagem ao Oriente, viveu em Espanha e, em 1973, regressou a Portugal. Só em 1979 reapareceu no teatro (em *Éden* Cinema de Marguerite Duras, encenado por Fernando Heitor) e no cinema encarnou a rainha D. Teresa no filme *O Bobo* (José Álvaro Morais). Considerada uma das maiores atrizes do cinema português, é presença fetiche na cinematografia de Paulo Rocha e trabalhou regularmente com Manoel de Oliveira, tendo sido ainda dirigida por João Botelho, José Álvaro Morais, Jorge Silva Melo, Lauro António, Jorge Cramez, Eduardo e Ann Guedes, Manuel Mozos, Raúl Ruiz, Margarida Gil, Fernando Lopes, Teresa Villaverde, Pedro Costa, Raquel Freire, Cláudia Tomaz e Catarina Ruivo. Em 1995, no Festival de Cinema em Moscovo "Faces of Love", é eleita a melhor atriz pelo seu desempenho no filme *Pax*, de Eduardo Guedes (1994). Voltou a filmar em Itália com Tonino de Bernardi. No final de 1999, a Cinemateca Portuguesa faz-lhe uma homenagem e João Bénard da Costa dedica-lhe o livro *A dupla vida de Isabel Ruth*. Em 2007, recebeu o Globo de Ouro como Melhor Atriz, pela sua interpretação em *Vanitas*, de Paulo Rocha (2005). A 27 de março de 2018, foi feita Comendadora da Ordem do Infante D. Henrique.

Joana Pais de Brito
Actriz

Joana Pais de Brito nasceu em Lisboa, em 1983, e teve a sua formação, como atriz, na escola William Esper Studio, em Nova Iorque, onde concluiu o curso de dois anos. Antes iniciar a sua viagem como atriz, Joana foi Terapeuta Ocupacional, e trabalhou dois anos, num serviço de reabilitação psico – social, do qual guarda gratas memórias. A partir de 2011, torna-se atriz profissional, e desde essa data tem participado nos mais diversos projectos em teatro, televisão e cinema, entre os quais se destacam, o programa "Camada de Nervos" (Canal Q), a curta-metragem "Celeste" e a longa-metragem "A Mãe é que Sabe". Em 2014 ganhou o prémio melhor de melhor atriz, no *Shortcutz Lisboa*, com a curta-metragem "Chico Malha", e em 2017, o de melhor atriz secundária com a longa-metragem "A Mãe é que Sabe", no festival *Caminhos do Cinema Português*. Mais recentemente, fez parte do elenco principal do programa "Donos Disto Tudo" (RTP1), integrou o elenco da longa metragem "A Fábrica de Nada", e participou nas séries "Madre Paula" (RTP1) e "Os Idiotas" (RTP2). Neste momento, está entre Paris e Lisboa, e encontra-se a preparar as personagens das três curtas-metragens, em que participará ainda este ano, respectivamente, dos realizadores José-Maria Norton, Nuno Rocha e Diogo Lopes. Foi com

grande entusiasmo que recebeu o convite para integrar o júri do festival Caminhos do Cinema Português, o único que festival do país que celebra, exclusivamente, o Cinema nacional.

João Cabral

Actor

Nasceu em 1961 em S. Miguel. Tem a licenciatura em teatro do Conservatório Nacional de Lisboa (1980-85) e o mestrado em Teatro da ESAD. Em 1982 começou a sua actividade como actor. Em televisão salienta o seu trabalho nas produções “Mau Tempo no Canal”, “A Banqueira do Povo”, “Jornalistas”, “A Mulher do Ministro”, “Jura”. No cinema participou em filmes de João Canijo, Rosa Coutinho Cabral, Fernando Lopes, Jorge António, Fernando Matos Silva, Francisco Manso. No teatro participou em peças encenadas por Mário Feliciano, Rosa Coutinho Cabral, Carlos Avilez, Diogo Dória, José António Pires e São José Lapa entre outros. Dirigiu e encenou o Grupo de Teatro do ISCSP e o grupo Ultimato de Teatro universitário da FPCEUL. Foi professor de Expressão Dramática e do Curso Profissional de Artes Performativas na Escola Secundária Passos Manuel. Fez parte das equipas de dobragens de Teresa Madruga, de Teresa Sobral e de Cláudia Cadima.

João Rui Guerra da Mata

Realizador / Director de Arte

João Rui Guerra da Mata nasceu em Lourenço Marques, Moçambique. Passou os seus anos formativos em Macau, na China, então uma colónia portuguesa. Estudou e trabalhou em Design Gráfico e Tipografia em Lisboa, onde reside actualmente. Trabalha em cinema desde 1995 como art director, production designer, actor, assistente de realização, argumentista e realizador. Em 2003 foi convidado pela Escola Superior de Teatro e Cinema a desenhar o programa da disciplina de Art Direction/Production Design, até aí inexistente. Foi professor da referida disciplina de 2004 a 2011. Em 2012 realizou a sua primeira curta-metragem a solo, O QUE ARDE CURA, premiada na competição do Festival Internacional de Cinema de Locarno. Apresentada em vários festivais de cinema, integrou uma projecção especial do Festival Internacional de Turim sobre “A voz humana” de Jean Cocteau, sendo exibida juntamente com “Una Voce Umana” (1948) de Roberto Rossellini com Anna Magnani e “The Human Voice” (1966) de Ted Kotcheff’s com Ingrid Bergman. Co-realizou várias curtas e a longa A ÚLTIMA VEZ QUE VI MACAU (2012) com o seu companheiro e colaborador artístico habitual, João Pedro Rodrigues, sendo IEC LONG (2014) a curta mais recente da dupla, fazendo parte de um corpo de trabalho a que gostam de chamar os seus “filmes asiáticos”. Também trabalhou como argumentista em várias longas e curtas, sendo a última, O ORNITÓLOGO (2016), realizada por Rodrigues. Em 2016, o Centro Pompidou de Paris dedicou-lhe uma Retrospectiva Completa e Instalação (25/11/2016-2/01/2017), em conjunto com Rodrigues. Outras retrospectivas internacionais incluem duas retrospectivas itinerantes no Japão - Athénée Français em Tóquio, Yokohama, Yamaguchi Centre for Arts and Media, Quioto, Osaka - IndieTokyo, 2013/2015; The Road to Macao - The Floating Worlds of João Pedro Rodrigues and João Rui Guerra da Mata, Harvard Film Archive, (2015); Taipei International Film Festival (2015); Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro (2017); Around “The Ornithologist”, Harvard Film Archive (2017); FilmMadrid (2017). Em 2016, SAN MA LO 270, MACAU, projecto para a sua nova longa-metragem asiática que desenvolve actualmente, foi premiado no Crouching Tigers Project Lab do 1º International Film Festival & Awards - Macau. Os seus filmes fazem parte das colecções de várias cinematecas e museus, destacando-se a colecção permanente do Museum of Modern Art (MoMA).

José Cid

Músico

José Cid (1942) é um cantor, compositor, instrumentista e produtor musical português. Iniciou a sua carreira aos 14 anos de idade ao integrar o grupo “Os Babies”, criado em 1955. Foi aos 17 anos que se estrou no mundo da composição, criando a música “Andorinha”, com fortes influências de jazz. Terminado o secundário no Colégio Portugal, em 1960, ingressou no

ensino superior na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Abandonou o curso cinco anos mais tarde, sem conseguir terminar o primeiro ano. Contudo, o tempo que lá passou não foi em vão, tendo integrado três grupos: “Conjunto Orfeão”, “Trio los Dos” e “Os Claves”. Após uma audição, José Cid foi convidado a juntar-se ao grupo, que viria mais tarde a chamar-se “Quarteto 1111”, e foi como vocalista e teclista deste que se destacou no panorama musical. O cantor foi um concorrente assíduo do Festival da Canção, tendo a sua primeira interpretação acontecido com a música “Balada de D. Inês”, em 1968, juntamente com o “Quarteto 1111”. Mais tarde, em maio de 71, editou o seu primeiro álbum solo, ao qual deu o seu nome próprio, e lançou a EP “Lisboa Perto e Longe”. Depois das várias músicas levadas ao Festival da Canção, venceu com “Um Grande, Grande Amor” e qualificou-se em sétimo lugar no Festival Europeu. Posteriormente, regressou com o tema “Morrer de amor por ti”, ficando em segundo lugar. Em 1988, conquistou o primeiro lugar numa edição especial, com a composição “Se eu te pudesse abraçar”, apresentada por José Gonçalo. Nesse ano lançou também o disco “Oda a Frederico Garcia Lorca”, que reúne as guitarras de Coimbra e a poesia de Lorca. Para além do Festival da Canção, colaborou noutros projetos associados à RTP como a “Música Portuguesa” e “O Natal com José Cid”. Participou, ainda, no disco solidário “Abraço a Moçambique”. Em 2009 lançou o álbum “Coisas do Amor e do Mar”, que inclui o tema, distinguido com um Emmy Award, “Mais um dia”. José Cid foi ainda galardoado, nesse mesmo ano, com o prémio de consagração de carreira pela Sociedade Portuguesa de Autores, tornando-se o primeiro artista musical a recebê-lo. Não só a nível nacional foi conhecido e reconhecido. O cantor participou, dois anos seguidos, no World Popular Song Festival em Tóquio; foi premiado no Festival Yamaha; estreou o Festival OTI, em Madrid E foi reconhecido pela Billboard com o álbum “10 000 anos entre Vénus e Marte”; gravou em Cannes e Los Angeles e obteve sucesso nos mercados australiano e sul-africano. Lançou o seu último álbum, até ao momento, em 2015, intitulado “Menino Prodígio”.

Marcantonio del Carlo

Actor

Marcantonio Del Carlo, 16-11-1965, de nacionalidade italiana, licenciado pela Escola Superior de Teatro e Cinema, autor, ator, encenador e realizador desde 1989 com trabalho reconhecido no teatro, cinema e televisão.

Marco Martins

Realizador

Marco Martins (1972) estudou na Escola Superior de Teatro e Cinema, tendo depois completado a sua formação nos Estados Unidos, em escrita de argumento, na Tisch School of Arts. Em 1999 co-fundou a Ministério dos Filmes, produtora de publicidade distinguida com vários prémios e menções nacionais e internacionais e com quem se estreia na produção de ficção para televisão com SARA, uma série de oito episódios com estreia marcada para Outubro de 2018, na RTP2. Os dois primeiros episódios desta série foram exibidos, pela primeira vez, no festival IndieLisboa 2018. O trabalho de Marco Martins abrange diversas áreas incluindo cinema, artes plásticas e teatro. Os seus filmes têm sido apresentados nos principais Festivais Internacionais, tendo ganho em 2005 a Quinzena dos Realizadores no Festival de Cannes (Prix Regard Jeune) com “[Alice](#)”. Foi premiado também em festivais como Mar del Plata, Rotterdam ou London Raindance Film Festival, entre outras distinções como o Fassbinder Award (European Discovery of the Year). Em 2006 realizou a curta-metragem “Um ano mais longo”, escrita em parceria com Tonino Guerra, presente na Competição Oficial do Festival de Veneza. “São Jorge”, o seu filme mais recente, esteve em competição no Festival de Veneza, onde o actor Nuno Lopes ganhou o Leão de Ouro (Horizons Award) tendo depois estreado comercialmente em vários países. Foi, tal como “Alice”, pré-seleccionado para concorrer ao Óscar de melhor filme estrangeiro, e ainda para o Prémio Goya. Em Portugal, “São Jorge” foi galardoado com vários prémios da Sociedade Portuguesa de Autores,

incluindo o de Melhor Filme Português de 2017 e recebeu sete prémios Sophia da Academia Portuguesa de Cinema. No campo das artes plásticas colaborou com vários artistas, destacando-se a vídeo-instalação multicanal “Twenty One - The Day the World Didn’t End”, co-realizada com o artista italiano Michelangelo Pistoletto e exibida no Museu do Louvre, integrando a retrospectiva Year One - Earthly Paradise, e também o filme “Insert”, co-realizado com a artista portuguesa Filipa César, trabalho que venceu o Prémio BES Arte e Finança e o prémio de Melhor Realizador no Festival IndieLisboa (2011). No Teatro fundou, em 2007, com Beatriz Batarda, a companhia Arena Ensemble que, desde então, tem apresentado espetáculos de forma regular nos principais teatros nacionais. A sua obra para palco divide-se entre o trabalho clássico de texto com uma forte componente coreográfica e projectos comunitários, como é o caso do seu último projecto, “Provisional Figures Great Yarmouth”, estreado recentemente no Festival de Norwich & Norfolk.

Nuno Garcia

Colorista

Nuno Garcia nasceu em Lisboa onde se formou em Realização de cinema, mas tendo começado a estagiar na antiga CEE centro de edição especial, rapidamente se apaixonou pela pós produção. Começa como assistente de Telecinema e durante 2 anos tem a função de auxiliar o colorista **sénior** na colocação dos rolos de película 16mm e 35mm, fazer grading one light para os editores montarem. Passado esse tempo e já como sénior colorista tira vários cursos na Rank Cintel e DaVinci com Stuart Black Jones, Davinci 888 dui, DaVinci 2k e SpiritTelecine na empresa LightFilm. Executando trabalhos para todas as produtoras nacionais e estrangeiras de publicidade, cinema, telefilmes, clipes de música. Trabalhando directamente com as equipas de edição, composição de imagem e 3D.

02.03.02 sel. ensaios

O Júri da Seleção Ensaio avaliou os filmes seleccionados, produções realizadas em contexto académico ou de formação técnica e profissional, atribuindo dois prémios; o Melhor Ensaio Nacional e o Melhor Ensaio Internacional. O festival pretende com esta secção conferir um espaço de diálogo estreito a todos os realizadores, que em Portugal e a nível Internacional, almejam ser os criadores de amanhã, bem como um olhar comparativo entre as culturas e perspectivas cinematográficas.

Benedita Pereira

Atriz

Benedita Pereira nasceu e cresceu no Porto e foi lá também que nasceu e cresceu o seu amor pelo teatro e pela representação. Fez teatro desde criança, e chegou mesmo a pisar o palco do Teatro Nacional São João com 13 anos. Fez algumas participações em televisão, ainda em adolescente até que com 17 anos foi escolhida para protagonista de uma série juvenil que viria a ser o fenómeno “Morangos com Açúcar”. A partir daí, a sua carreira em televisão foi lançada e protagonizou outras telenovelas de horário nobre e participou em espetáculos de teatro. Aos 22 anos, muda-se para Nova Iorque para estudar representação no Lee Strasberg Theater and Film Institute. Apaixona-se pela cidade e pelas possibilidades que ela representa. Volta a Portugal em 2009 para protagonizar a série de comédia “Ele é Ela”, que lhe vale o prémio de Melhor Actriz de Série no ano seguinte, mas logo depois regressa a Nova Iorque para ficar alguns anos a estudar com a professora Polina Klimovitskaya e investir numa carreira internacional e diversificada. Fez teatro, aliando-se a diferentes companhias independentes, cinema e publicidade e aproveitava as férias em Portugal para participar em séries/telenovelas como “Salazar”, “Maternidade” e “Mar Salgado”. Em 2013, foi júri do New York Portuguese Short Film Festival. Em 2015, Benedita volta a Portugal para protagonizar “Santa Bárbara” na

TVI e é nomeada para Melhor Atriz. Regressa depois aos EUA e participa em 3 filmes independentes em Los Angeles e São Francisco, a comédia dramática “I Hate The Man in My Basement”, e os suspense/thrillers “Ascension” e “Lasso”. Seguem-se projectos de teatro em Portugal, primeiro no Teatro do Bairro com “O Homem” de João Telmo, e depois nos Teatros Nacionais do Porto e Lisboa com “Os Últimos Dias da Humanidade” de Karl Kraus. Volta à televisão em 2017 com a comédia “Sim, Chef!” Na RTP1 que teve 2 temporadas. Entre as temporadas participa na série americana “Blacklist” onde contracena com James Spader. Mais recentemente, entrou em 2 episódios da série “Versailles”, filmada em Paris e que passa em 180 países, como Infanta Isabella de Braganza. Este ano também protagonizou o filme “Quero-te Tanto” de Vicente Alves do Ó, com estreia marcada para 2019. Benedita vive entre Lisboa e Nova Iorque/Los Angeles, fala 4 línguas e tem o sonho de trabalhar nos 4 cantos de mundo.

Diogo Amaral

Ator

Diogo Amaral é um dos mais promissores actores da sua geração. Iniciou a sua carreira em 2001, com a novela “Sonhos Traídos”, da TVI, à qual se seguiu o papel de protagonista em “Morangos com Açúcar”, em 2003. Desde então já integrou o elenco de inúmeros projectos como Fascínios, Equador, Espirito Indomável, Jardins Proibidos ou Belmonte, nomeado para Melhor Telenovela nos Emmy Internacionais. Actualmente é um dos protagonistas de “Vidas Opostas”, na SIC. Em 2016 regressou aos ecrãs do cinema com “Perdidos” de Sérgio Graciano e, já em 2018, dá vida a D. Pedro de Portugal na longa-metragem de António Ferreira, “Pedro e Inês” - possivelmente, o papel mais desafiante da sua carreira.

Luís

Ismael

Realizador / Produtor

Luís Ismael, cujo verdadeiro nome é Luís Miguel da Rocha Ferreira, é um cineasta, argumentista e ator português. Confessa que começou a interessar-se por fazer cinema aos 17 anos de idade. Luís nasceu em Valongo, no Porto, a 20 de novembro de 1971. É particularmente conhecido pelo seu trabalho na trilogia “Balas e Bolinhos”, cujo primeiro filme estreou em 2001 e o último, mais recentemente, em 2012. Luís Ismael dirigiu, escreveu e inclusivamente participou como personagem nos filmes. O cineasta não se cinge somente aos filmes, em 2009 realizou e argumentou uma curta- metragem intitulada “consequências”. Luís Ismael já participou também noutras atividades paralelas com humoristas, nomeadamente com Fernando Rocha e Óscar Branco. Óscar caracteriza o seu trabalho como “cinema que podemos chamar nosso” (2018). Mais recentemente na sua carreira, Luís Ismael realizou um filme de comédia português em Janeiro de 2018, intitulado de “Bad Investigate”, que estreou em Janeiro do presente ano.

Ricardo

Esteves

Youtuber & Designer

Ricardo Esteves é um jovem entertainer, humorista, músico e designer gráfico. Nasceu em Coimbra no ano de 1993, onde estudou Artes Visuais e veio, mais tarde, a iniciar uma promissora carreira como YouTuber em 2012, plataforma onde criou mais de 1300 vídeos para mais de 50 mil seguidores, tendo-se especializado assim na área das artes audiovisuais e na respetiva manipulação digital, edição e composição de imagem, abrangendo fotografia, vídeo, som e design. Fundou um podcast humorístico onde entrevistou figuras conhecidas, escreveu guiões e músicas originais, gravou anúncios, deu concertos, e marcou presenças em escolas e eventos oficiais, programas de televisão, revistas, jornais e rádios. Apaixonado pelo cinema, pela fotografia, pela música e pelas artes multimédia no geral, visa aprofundar cada vez mais o seu leque de conhecimentos e de competências nestas áreas. Actualmente, estuda Comunicação e Design Multimédia na Escola Superior de Educação de Coimbra e trabalha como designer gráfico em freelance.

Tomás Baltazar

Montador

Tomás Baltazar possui uma licenciatura em Som e Imagem pela Universidade Católica do Porto, uma pós-graduação em Edição de Cinema e Televisão pela Escola de Cinema e Televisão Septima Ars de Madrid, tendo ainda frequentado o Cumbria Institute of the Arts, em Carlisle, Reino Unido. Estreou a curta metragem “um dia cabouqueiros” no IndieLisboa2015, competição nacional. A sua segunda curta-metragem, “Descalço” (2010) estreou no Festival Luso-Brasileiro de Santa Maria da Feira, onde venceu o prémio “Onda Curta RTP2”. Com uma já longa carreira em montagem, montou cerca de 40 filmes desde 2005, entre longas, curtas, documentários e ficção de realizadores como Edgar Pêra, Rodrigo Areias, Miguel Clara Vasconcelos, Raquel Freire, Aya Koretzky, André Gil Mata, João Trábulo, Vincent Lefort, Sofia Marques, Albano Silva Pereira, Júlio Alves ou Jorge Quintela, João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata, Tiago Afonso, António Borges Ferreira, Nathalie Mansoux, Pilar Palomero, Manel Raga Raga. Estes filmes foram exibidos e premiados em festivais como Doclisboa, IndieLisboa, Roterdão, Visions du Réel, Rio de Janeiro, São Paulo, Chicago, Cinesul, Guadalajara, Sevilha, Vila do Conde, Festival Internacional de cinema Curitiba, Fantasporto ou Documenta Madrid, Seul, Berlim.

02.03.03 imprensa CISION

O Júri de Imprensa CISION é constituído por um painel de individualidades, quer nacionais, quer estrangeiras, de reconhecido mérito e provenientes de diferentes órgãos de comunicação social. Este prémio visa distinguir uma obra cinematográfica portuguesa de qualquer género e metragem, presente na Seleção Caminhos, promovendo o filme vencedor junto da imprensa escrita, radiofónica e televisiva, aos níveis universitário, regional e nacional. No interesse de uma maior visibilidade e reconhecimento público da cinematografia nacional, o Prémio de Imprensa CISION visa premiar o rigor e a ousadia estética, tanto no plano narrativo, como a nível da imagem cinematográfica. Pretende-se, assim, valorizar a produção nacional numa perspectiva artística, que é uma das suas valências mais expressivas.

Fátima Lacerda

Jornalista / Programadora

Fátima Lacerda é carioca, radicada em Berlim desde 1988 e testemunha ocular da queda do Muro. Entre 1998 e 2004 atuou como cantora no projeto “Fátima Lacerda & Band” incluindo uma premiação do Ministério da Cultura do Brasil no edital “Copa da Cultura” em 2006 resultante com apresentações no Sesc de São Paulo. Estudou Letras, Português e Literatura Americana na Universidade Santa Úrsula no Rio de Janeiro, curso básico de Ciências Políticas na Faculdade Livre de Berlim e Estudo de Gestão Cultural e de Mídia, na Faculdade de Música Hanns Eisler com especialização em Patrocínio Cultural e Assessoria de Imprensa. Atuou como Assessora de Imprensa na exposição a céu aberto em Alexanderplatz, “20 Jahre Mauerfall” no contexto do aniversário de 20 anos da queda do Muro de Berlim. Entre 2010 e 2014 atuou como Curadora da Mostra "Perspectiva America Latina" na Oficina das Culturas em Berlim (Werkstatt der Kulturen). É jornalista Free lance para os principais meios de comunicação da imprensa brasileira (O GLOBO, A FOLHA, Estado de São Paulo). Desde 2013 mantém um Blog no portal do "Estadão": "Todos os caminhos levam a Berlim". Desde Abril de 2016 é colaboradora para o portal "Melhor Futebol do Mundo" do Esporte Interativo. É integrante da equipe de redatores do Blog inberlin.de, que consta na lista dos dez mais lidos Blogs da capital alemã com as pautas cinema, gastronomia italiana, música e festivais em geral. Desde Agosto atua como apresentadora e coordenadora da Q & A da Mostra "Cinema na Embaixada" em Berlim.

Nuno Gonçalves
Cinemundo

Nuno Gonçalves é licenciado em Ciências Históricas pela Universidade Lusíada de Lisboa. Iniciou o percurso profissional numa empresa multinacional, da área do grande consumo em Madrid, Amesterdão, Colónia, e mais tarde em Portugal. Foi Diretor de Marketing da Edivideo (representante dos catálogos das Majors americanas Paramount, Universal, Dreamworks e 20th Century Fox). Posteriormente foi Director Comercial de Distribuição e Exibição da Filmes Castello Lopes, representante à época dos catálogos da 20th Century Fox e Miramax na distribuição para cinema. A partir de 1999 integra os quadros da Lusomundo, inicialmente como Director de Marketing e posteriormente como Director Comercial, tendo mais tarde sido nomeado Director Geral. Com a compra da Lusomundo pela PT Portugal e com o posterior split para a ZON, é nomeado Administrador Executivo da ZON Lusomundo Audiovisuais. Desde janeiro de 2015 é partner da Cinemundo.

Vasco

Câmara

Jornalista

Vasco Câmara é desde 2007 editor do suplemento cultural Ípsilon do jornal PÚBLICO, integrando a equipa de críticos de cinema do jornal, de que é enviado especial nos Festivais de Cannes e de Veneza. Autor do texto “O Cinema Acossado”, que abriu o catálogo “Cinema Português Anos 90” dedicado à retrospectiva organizada no Rio de Janeiro, Brasil, entre 1 e 13 de Novembro de 1994. Autor de “O Homem da Câmara de Filmar”, texto incluído na monografia dedicada ao documentarista norte-americano Ross McElwee no âmbito do ciclo organizado pelo DocLisboa 2005. Leccionou Jornalismo Cultural no Mestrado de Jornalismo da Universidade Nova de Lisboa.

02.03.04 FICC

O Júri FICC é composto por cinéfilos de qualquer país do mundo, seleccionados de entre as candidaturas das várias Federações Nacionais de Cineclubes, atribuindo o prémio D. Quijote. Concorrem a este prémio os filmes ausentes de diálogo, falados ou com legendas em inglês ou francês, presentes na Selecção Caminhos. O Prémio D. Quijote é um prémio da IFFS – Federação Internacional de Cineclubes atribuído em Festivais de Cinema seleccionados, promovendo o filme vencedor em todo o mundo através da rede de cineclubes. A base para a selecção são a filosofia movimento cineclubista, como base o Plano de Tabor, dos Direitos do Público e da utopia Quijote.

Konrad Domaszewski
Produtor

Konrad Domaszewski é licenciado em Direito pela Universidade de Varsóvia e em Estudos Fílmicos pela Universidade Jagiellonian, em Cracóvia. Em 2006, no Orange Factor Film Festival, em Cracóvia, ficou reconhecido pela curta-metragem independente “What The Author Had in Mind”, um projecto com Michal Domaszewski. Foi o assistente de realização do êxito polaco “Ciacho” (realizado por Patryk Vega em 2010). No festival 48 Hours Film Project Warsaw, em 2012, o seu filme “How Many Degrees In A Warm Voice?” foi premiado em 6 distinções, nomeadamente filme do ano. Criou o estúdio de cinema independente Sashimodo Pictures (cuja produção é fundamentalmente curtas-metragens, videoclipes e programas). O objectivo é evoluir continuamente enquanto artista para que não se torne limitado a nenhum género fílmico. Gosta de Cronenberg, Polanski, Scorsese, Jodorowsky e tantos outros realizadores. Em 2014 foi membro do júri no Jameson Cinefest, 11ª edição do Miskolc

International Film Festival e em 2017 foi também jurado na 24ª edição do Etiuda & Anima International Film Festival.

Sukayna Najmudin
Programadora

Sukayna Najmudin é membro no "Cinema for all" desde 2017. Ela juntou-se ao quadro após ter voluntariado durante 5 anos na unidade fílmica da universidade de Sheffield onde se empenhou de alma e coração na comunidade de cinema. Como presidente do comitê da unidade fílmica, trabalhou arduamente com a sua equipa para criar um espaço fílmico que fosse inclusivo e enquanto membro ela tem trabalhado com o resto dos colaboradores para incentivar mais jovens para o movimento. Sukayna acredita que o Cinema deve ser algo fácil de se ter acesso porque tem o poder de aproximar pessoas.

Tiago Cerveira
Realizador / Fotógrafo

Tiago Cerveira é licenciado em Comunicação Social. Foi jornalista mas a paixão pelo documentário independente foi mais forte. Actualmente documenta, através da fotografia e vídeo, o património imaterial e material da Serra da Estrela e Beira Serra portuguesa. A dicotomia que dá o nome ao projeto do fotógrafo e realizador - O Meio e a Gente - está intrinsecamente ligada aos aspetos e características identitárias desta região do país. Realizou vários documentários antropológicos sobre a vida rural, exibidos e premiados em festivais de cinema. Enquanto fotógrafo já fez várias exposições individuais e colectivas. Conta com várias publicações em vários órgãos de comunicação nacionais e internacionais. Após o grande incêndio do passado dia 15 de Outubro 2017 tem focado o seu trabalho no pós-fogo onde se destaca com a websérie documental "15 memórias do fogo", exibida na TVI24.

02.03.05 público

O Prémio do Público - Chama Amarela - foi entregue mediante o escrutínio e o cálculo da média aritmética ponderada expressa pelos espectadores, em boletim de voto próprio, no final de cada sessão da Selecção Caminhos.

02.04 regulamentos

1. Definição

1. Os Caminhos do Cinema Português são um festival generalista de cinema focado na cinematografia contemporânea portuguesa, sendo um evento singular em Portugal, pela forma como promove a exibição, discussão e a prática cinematográfica através da realização de secções competitivas, secções paralelas, retrospectivas cinematográficas e acções pedagógicas e de formação profissional no plano teórico-prático.
2. O festival é idealizado por amantes e profissionais do mundo cinematográfico e visa dar visibilidade às diferentes produções nacionais, nos seus distintos registos técnicos e temáticos.
3. Ao nível conceptual os Caminhos do Cinema Português caracterizam-se por uma amplitude de registos que são o fidedigno registo do panorama

da produção cinematográfica nacional anual, promovendo-se como um ponto de encontro de “todo o cinema português”.

4. Os Caminhos do Cinema Português pretendem ser aquilo que o nome transmite, a sùmula dos diferentes caminhos que a cinematografia nacional percorre. Não existe um só caminho, disso mesmo nos damos conta quando os podemos enumerar, a saber: cinema de autor, cinema comercial, cinema para crianças e a vídeo arte. O cinema português enquadra-se nos mais variados escalões etários e registos estilísticos de que a história do cinema nos pode dar conta.
5. O festival é uma iniciativa co-organizada pela Caminhos do Cinema Português – Associação de Artes Cinematográficas de Coimbra e pelo Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica de Coimbra.
6. Os Caminhos do Cinema Português consideram que a duração de curta-metragem é inferior a 40 minutos.
7. A 24.^a edição do festival decorrerá 23 de Novembro a 1 de Dezembro de 2018

1. Objectivos

1. Os Caminhos do Cinema Português têm como finalidade geral do projecto reforçar o acesso à cultura cinematográfica Portuguesa, promovendo a sua divulgação, e os elementos para a sua comparação e compreensão.
2. Em cada edição o projecto deverá reforçar os laços de comunidade e identidade local existentes, promovendo a integração numa identidade e comunidade nacional.
3. O festival pretende promover os elementos para a comparação e compreensão da cinematografia portuguesa no contexto global, olhando aos contextos de produção cinematográfica profissional, académica e da cinéfilia em geral.

1. Secções

Competitivas

O festival Caminhos do Cinema Português apresenta duas secções competitivas, nomeadamente a Selecção Caminhos e a Selecção Ensaios.

1. A Selecção Caminhos é dedicada a toda a cinematografia nacional de produção profissional consagrando nesta secção todos os géneros cinematográficos.
2. A Selecção Ensaios é dedicada a filmes produzidos em contexto académico ou de formação técnica e profissional (Escolas de Cinema, Audiovisual e Multimédia do Ensino Secundário e Superior) e pretende conferir um espaço a todos os realizadores, que em Portugal e a nível Internacional, almejam ser os criadores de amanhã.
3. As obras a apresentar em cada uma das secções competitivas serão o resultado de uma pré-selecção da responsabilidade da organização.

1. Admissão

1. Apenas serão admitidos a concurso os filmes de produção ou co-produção nacional maioritárias e minoritárias, cuja conclusão tenha ocorrido depois do término do prazo de recepção de inscrições de filmes da edição transata do festival, isto concluídos após 1 de setembro de 2017.
2. Podem ainda inscrever-se todos os filmes que mesmo produzidos em data anterior à supracitada que não tenham sido ainda objecto de exibição em circuitos comerciais ou alternativos.
 1. Por circuitos alternativos entenda-se que o filme percorreu um circuito sendo distribuído por cineclubes, auditórios municipais, universidades ou outros espaços públicos num total superior a duas exibições.

3. Não serão aceites para competição títulos que tenham sido exibidos em televisão ou disponíveis por vontade do autor ou produtor em sítios da internet.
4. Nas secções paralelas são admitidos filmes produzidos nos últimos três anos.
 1. Na retrospectiva não se aplicam limites em relação ao ano de produção das obras participantes.
5. Aceitam-se produções internacionais na Seleção Ensaios e nas secções paralelas **Júniors** e Mundiais.
 1. Os filmes com diálogos em língua estrangeira deverão ser legendados em Português.
 2. As obras internacionais poderão ser legendadas em Inglês ou Francês
 3. Os filmes internacionais propostos aos Caminhos **Júniors** serão exclusivamente em língua portuguesa ou sem diálogos e adequados à faixa etária dos 4 aos 10 anos de idade
6. Não há limite quanto ao número de obras que cada realizador/produtor pode inscrever no festival, desde que respeitem as normas do presente regulamento.
7. As inscrições decorrem obrigatoriamente na plataforma FilmFreeway, pelo sítio www.filmfreeway.com/festival/Caminhos.
8. Não serão aceites filmes já inscritos e/ou seleccionados em edições anteriores do Festival.
9. É da responsabilidade dos proponentes indicar a categoria em que concorrem no acto de inscrição.
10. É da responsabilidade do festival a selecção de todos os filmes programados.
11. Qualquer filme inscrito poderá integrar outras sessões ou secções do festival.
12. Aceitam-se inscrições nos seguintes formatos:
 1. Na Seleção Caminhos, Seleção Ensaios e secções paralelas:
 1. BLU-RAY (sistema PAL)
 2. Ficheiros PRORES 422 HQ ou superior, DNxHD. H264 ou HEVC poderão ser aceites pontualmente
 3. DVD (sistema PAL). Este formato tem qualidade bastante limitada pelo que não é recomendado.
 2. Na Seleção Caminhos serão também aceites produções em película nos formatos 16mm e 35mm ou em vídeo no formato BETA SP
 3. O festival não aceita cópias de exibição em outros formatos e suportes para além dos especificados.

1. Prazos

1. A data limite de inscrição de Filmes e envio de Cópias para pré-selecção do Festival é 31 de julho de 2018. Os filmes seleccionados serão notificados até 30 de setembro de 2018.
 1. O festival não garante o visionamento e apreciação de filmes recebidos após o prazo de inscrição.
2. A data limite para o envio de cópias para exibição é o dia 30 de outubro de 2018.
3. O festival não efectuará qualquer pagamento de aluguer de cópia relativo à exibição de filmes em competição.
4. Custos de Inscrição
 1. Até 31 de maio: gratuito em todas as categorias.
 2. De 31 de maio a 30 de junho

1. Longas Metragens – 10€
2. Curtas-Metragens – 5€
3. De 30 de junho a 31 de julho
 1. Longas-Metragens – 20€
 2. Curtas-Metragens – 10€
4. Os custos de inscrição para estudantes inscritos no ano lectivo de 2017–2018, que apresentem certificado de matrícula, são reduzidos em 50%. Estes deverão contactar a organização nesse sentido pelo email ensaios@caminhos.info enviando o nome do(s) filme(s) e certificado de matrícula.

2. Aceitação

1. Os proponentes serão informados da aceitação das suas obras e terão de enviar, via e-mail ou correio, os seguintes elementos:
 - Biofilmografia do Realizador;
 - Cópia de exibição e Cópia em Vídeo (DVD/BLU-RAY) do filme (obrigatoriamente via correio);
 - Ficha Técnica Completa do Filme;
 - Fotografia do Realizador, de Cena, do Filme e Poster do Filme;
 - Trailer ou Excerto de 2 minutos do filme;
1. O envio dos materiais, quando a opção for via eletrónica, deverá ser efetuado para:
 - filmes@caminhos.info se aceite na Selecção Caminhos, Juvenis e Séniores, Retrospectiva, Reposições e Outros Olhares ;
 - ensaios@caminhos.info se aceite na Selecção Ensaios;
 - juniores@caminhos.info se aceite nos Caminhos **Júniors**;
 - producao@caminhos.info nas restantes Secções

O Assunto deverá conter o nome do(s) filme(s) proposto(s) e o nome do Realizador.

1. A cópia de exibição (DVD/BLU-RAY) para projecção deverá ser enviada para:
 Caminhos do Cinema Português
 “NOME DA SECÇÃO EM QUE PARTICIPA”
 Rua Padre António Vieira, Edifício AAC – 1º Andar
 3000-315 Coimbra

1. Transportes e Seguros das Obras

1. Os Portes de Envio das Cópias de Exibição dos filmes seleccionados serão cobertos pelo Festival, sendo que a sua devolução é da responsabilidade do proponente.
2. O proponente deverá, aquando do envio das cópias de exibição, indicar o meio pelo qual deseja que estas sejam devolvidas. No caso de omissão dessa indicação, as cópias serão devolvidas pela transportadora do festival a expensas destes.
3. Todos os filmes a exhibir nas secções competitivas deverão permanecer no festival até ao seu fim, só se procedendo à sua devolução após o término do mesmo.
4. A organização responsabiliza-se pelo seguro das cópias desde a sua chegada até à sua devolução.

1. Júri

1. Cada Júri será constituído por um painel de individualidades, tanto nacionais como estrangeiras, de reconhecido mérito pela sua

- contribuição para o desenvolvimento do Cinema, Cultura ou da sociedade em geral.
2. A constituição de cada equipa de Júri será anunciada no sítio do festival atempadamente.
 3. O Júri pode decidir a atribuição de Menções Honrosas, até ao máximo de uma por cada Prémio.
 1. Não serão atribuídas menções honrosas aos Prémios Técnico-Artísticos.
 4. O Júri não atribuirá Prémios em *ex aequo*.
 5. Das decisões do júri serão lavradas atas justificando as opções tomadas.
 1. É reservado ao Júri o direito à não atribuição de qualquer um dos Prémios em competição sob justificação em ata de reunião.
 6. Os filmes presentes na Selecção Caminhos serão avaliados pelas seguintes equipas:
 1. Júri Caminhos
 2. Júri da Federação Internacional de Cineclubes / IFFS
 1. O Júri FICC é composto por cinéfilos de qualquer país do mundo, selecionados de entre as candidaturas das várias Federações Nacionais de Cineclubes.
 2. Apenas são elegíveis ao prémio D. Quijote da FICC/IFFS os filmes ausentes de diálogo, falados ou com legendas em inglês ou francês, presente na Selecção Caminhos.
 3. Filmes premiados por um Júri FICC de outro festival não poderão ser considerados a este prémio.
 3. Júri de Imprensa CISION
O Júri de Imprensa CISION será constituído por um painel de individualidades, quer nacionais, quer estrangeiras, de reconhecido mérito e provenientes de diferentes órgãos de comunicação social.
 4. Público
-
- Os filmes presentes na Selecção Ensaios serão avaliados por um júri que avaliará a competição nacional e a competição internacional

1. Prémios

1. Os filmes presentes nas Secções Competitivas do festival concorrem aos seguintes prémios:
 1. Selecção Caminhos – Prémios Oficiais
 1. Grande Prémio do Festival
 2. Prémio Melhor Longa-metragem de Ficção
 3. Prémio Melhor Curta-metragem Turismo do Centro
 1. O Prémio de Melhor Curta-Metragem é atribuível a qualquer género cinematográfico em competição.
 4. Prémio Melhor Documentário Universidade de Coimbra
 5. Prémio Melhor Animação
 6. Prémio Revelação
O Prémio Revelação deverá premiar o trabalho de novos intervenientes no panorama

cinematográfico nacional que se destaquem inequivocamente do ponto de vista qualitativo em qualquer área artística, tendo participado no máximo em duas longas-metragens ao longo da sua carreira.

1. Seleção Caminhos – Prémios Técnico-Artísticos
Ao Júri competirá ainda, de entre o conjunto de obras em exibição na Seleção Caminhos, atribuir os seguintes prémios independentemente da duração da obra:

1. Melhor Actor;
2. Melhor Actor Secundário;
3. Melhor Actriz;
4. Melhor Actriz Secundária;
5. Melhor Direcção Artística;
6. Melhor Fotografia;
7. Melhor Guarda Roupas;
8. Melhor Realizador;
9. Melhor Caracterização;
10. Melhor Montagem;
11. Melhor Som;
12. Melhor Argumento Original;
13. Melhor Argumento Adaptado;
14. Melhor Banda Sonora Original;
15. Melhor Comunicação e Promoção.

1. Serão elegíveis a este prémio apenas os filmes que anexarem na sua candidatura no FilmFreeWay pelo menos o Póster, *Press Kit* Electrónico (EPK) e *Trailer*, valorizando-se as candidaturas que incluam Planos de Comunicação, de Marketing, *Making Of* ou *Behind The Scenes*, *Clipping* de imprensa ou outros itens relevantes para a avaliação.

2. Prémio Don Quijote / Júri IFSS – Federação Internacional de Cineclubes

O Prémio D. Quijote é um prémio da IFFS – Federação Internacional de Cineclubes atribuído em Festivais de Cinema seleccionados, promovendo o filme vencedor em todo o mundo através da rede de cineclubes. A base para a selecção são a filosofia movimento cineclubista, como base o Plano de Tabor, dos Direitos do Público e da utopia Quijote.

1. Prémio do Júri de Imprensa CISION;
Este prémio visa distinguir uma obra cinematográfica portuguesa de qualquer género e metragem, presente na Seleção Caminhos, promovendo o filme vencedor junto da imprensa escrita, radiofónica e televisiva, aos níveis universitário, regional e nacional.

Serão tidos em conta, na valorização artística de cada obra cinematográfica, os seguintes critérios de avaliação:

- a) A qualidade cinematográfica do filme no seu conjunto.
- b) O ritmo e a consistência da montagem apresentados pelo filme.

- c) A expressividade e qualidade da fotografia e do som.
- d) A coerência estética da obra cinematográfica no seu esquema estrutural.
- e) A harmonização das imagens na relação com o som e/ou banda sonora original do filme.

No interesse de uma maior visibilidade e reconhecimento público da cinematografia nacional, o Prémio de Imprensa CISION visa premiar o rigor e a ousadia estética, tanto no plano narrativo, como a nível da imagem cinematográfica. Pretende-se, assim, valorizar a produção nacional numa perspectiva artística, que é uma das suas valências mais expressivas.

1. Prémio do Público – Chama Amarela
Este prémio será entregue mediante o escrutínio e o cálculo da média aritmética ponderada expressa pelos espectadores, em boletim de voto próprio, no final de cada sessão da Selecção Caminhos.

1. Selecção Ensaios

- 1. Melhor Ensaio Nacional
- 2. Melhor Ensaio Internacional

2. Os prémios podem incluir uma componente monetária ou em espécie, dependendo dos patrocinadores do Festival.

1. Secções Paralelas

Como forma de reforçar a cinematografia oferecida a públicos específicos o festival promove ainda a realização de secções paralelas, não competitivas, nomeadamente:

1. **Júniors**

A captação de um público jovem para o cinema português é fundamental, pelo que desta forma os Caminhos **Júniors** pretendem manter um espaço reservado à participação das escolas no festival. Esta secção apresenta-se como um serviço educativo, tendo por base que apenas a experimentação in loco de muitos minutos de pura magia para estas crianças tornará possível a criação de hábitos de consumo desde a infância no que diz respeito ao cinema português.

1. Juvenis

O cinema tem um importante papel na instrução cultural do seu espectador. Existem filmes que, devido à sua ligeireza temática e técnica, servem meramente para entreter quem o vê, fazendo esquecer, não pensar, não conhecer. Os Caminhos propõem-se com esta secção a levar ao público juvenil uma filmografia relevante para a construção de juízo crítico e conhecimento da cinematografia portuguesa contemporânea que possa vir a integrar o Plano Nacional de Cinema.

1. Séniores

Os Caminhos do Cinema Português conscientes de que, nos dias de hoje, é cada vez mais difícil encontrar iniciativas em que este segmento da população possa participar. Pretende-se oferecer uma filmografia que, para além de uma componente cultural tenha igualmente um papel importante de cariz social e de integração na sociedade.

1. Mundiais

Nesta secção oferece-se ao público uma programação heterogénea cruzando ficção, documentário e animação no formato de curta e longa metragem ao longo de um eixo temático predominante.

1. Retrospectiva

As retrospectivas pretendem olhar criticamente para a história e para os intervenientes do Cinema Português promovendo-se os marcos históricos da linguagem e da inovação técnica e artística.

1. Reposição

As reposições têm como objectivo oferecer uma segunda exibição a títulos de qualidade singular inscritos nas Secções Competitivas do festival possibilitando que o Público e as equipas de Júri possam rever e re-analisar alguns dos filmes mais marcantes que são propostos ao festival para competição.

1. Outros

Os Caminhos são um espaço plural e de confluência do Cinema Português. Nesse sentido promove-se um espaço reservado a outros olhares sobre a prática e o exercício cinematográfico promovendo o derrube do cânone e a procura de novas linguagens.

1. Lista Prioritária de Festivais e Prémios

Os filmes seleccionadas para o festival Caminhos do Cinema Português poderão concorrer ao Sub-programa de Apoio à Divulgação e Promoção Internacional de Obras Nacionais, solicitando apoio financeiro destinado a suportar despesas com a promoção e participação, na medida em que o festival integra a Lista de Festivais Prioritários do ICA I.P.

1. Outras Disposições

1. Os filmes inscritos no festival serão incluídos na videoteca do Festival, ficando as entidades organizadoras autorizadas a usá-las nas suas actividades, durante e após o festival, em brochuras, publicidade, internet, e ainda para outros fins promocionais ou educacionais, salvo indicação expressa em contrário no momento da candidatura.
2. Todos os filmes seleccionados poderão ser consultados durante o festival por profissionais acreditados junto da organização.
3. Para qualquer outra utilização da obra, será sempre solicitado o consentimento por escrito dos respectivos autores.

1. Casos Omissos

1. À Comissão Organizadora do festival reserva-se o direito de decidir sobre os casos não previstos no presente Regulamento bem como proceder a necessárias alterações, dando conhecimento atempado a todos os interessados.
2. Decidir condições excepcionais que permitam a seleção de um filme que não respeite integralmente as cláusulas deste Regulamento.

1. Disposição Final

A inscrição para pré-selecção e participação nas diferentes secções competitivas e paralelas do festival Caminhos do Cinema Português implica a leitura deste Regulamento Oficial bem como a sua aceitação

02.05 dir. e equipa

Vítor Ferreira

Diretor do Festival

Vítor Ferreira nasceu em Heidelberg na Alemanha, em 1975. É Licenciado em Línguas Modernas Alemão e em Turismo é Mestre em Política Cultural Autárquica, especializou-se em Gestão e Programação do Património Cultural e em Altos Estudos de Turismo, Lazer e Cultura na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e em Marketing e Comunicação no Instituto Politécnico de Coimbra. Atualmente é Doutorando em Geografia Humana na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Com larga experiência no domínio dos eventos culturais, integra enquanto Diretor, a organização do Festival Caminhos do Cinema Português, sendo Diretor do evento desde 2001. Foi, entre outros, Tesoureiro da Direção da Federação Portuguesa de Cineclubes, representante do Conselho Cultural da Associação Académica de Coimbra no Conselho Consultivo do Teatro Académico Gil Vicente entre Janeiro de 2001 e Janeiro de 2003, membro do Júri do Instituto do Cinema Audiovisual e Multimédia no 1º e 2º Concursos de Apoio Financeiro Seletivo à Produção de Longas-metragens de Ficção em 2006 e membro do Júri do Instituto do Cinema e Audiovisual no Concurso Primeiras Obras Longas-metragens de Ficção em 2015.

Presentemente, é Investigador Auxiliar no Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT) das Universidades de Coimbra, Porto e Minho, e no Centro de História da Sociedade (CHSC) e da Cultura da Universidade de Coimbra, realizando investigação no domínio do Património Cultural, nomeadamente das Políticas, Intervenções e Representações deste em contexto urbano europeu.

Atualmente é Doutorando em Geografia Humana na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Vice-Director
Tiago Santos

Secretariado Geral
Júlia Pereira

Coordenação de Programação
João R. Pais

Programação – Secções Competitivas
Coord. Sel. Caminhos
João R. Pais

Sel. Caminhos – Gestão de Cópias
Francisco Frutuoso

Sel. Ensaios – Coord. Geral
António Pita
Zhang Qinzhe

Curadoria
Ricardina Estefânia Oliveira

Programação – Secções Paralelas
Júniors
Ana Andrade

Juvenis

João R. Pais

Séniiores

João R. Pais

Mundiais

Isabel Brazinha

António Simão

Rita Resende

Seleção das Competições

João Pais, António Pita

Outros Olhares

Marcelo Ventura

Gestão de Votos do Público

Rui Sousa

Direção de Produção

Diogo Salgado

Mariana Amorim

Auxiliar de Produção

Carolina Santos

Rita Moutela

Adriana Moreira

Auxiliar de Produção Caminhos Júniores

Ana Cristina Pedro

Ana Teresa Rodrigues

Filipa Silva

Julieta Gomes

Afonso Carvalho

Diogo Teixeira

Joana Fernandes

Patrícia Nóias

Viviana Andrade

Beatriz Dias

Barbara Costa

Catarina Abreu

Luísa Duarte

Ana Filipe Costa

Mariana Galvão

Rita Alves

Marcações de grupos

Miguela Cristina Almeida Moreira

Apresentação das Cerimónias

Carolina Santos
Diogo Carvalho

Apresentação das Sessões

Catarina Torres
Mónica Rego
Octávia Pinheiro
Luísa Duarte
Ana Filipa Ferreira
Paulo Cardoso
Bruna Cardoso
João Silva
Sofia Gonçalves
Patrícia Troca

Assistência de Sala

Sérgio Rebelo
Inês Marques
Ricardo Sacadura
Manuel Masseno
Ana Beatriz Silva
Ana Santos
Eduarda Fidalgo
Luís Amaral
Inês Dias
Helena Costa
Beatriz Henriques
Cristina Lourenço
José Júnior
Maria João Henriques
Inês Manuel Silva
Sara Costa
Patrícia Troca
Raquel Mateus
Juliya Benkalouich
Raquel Mateus

Divulgação Geral

André Santos

Coordenadora do Acolhimento

Susana Vasco

Auxiliar de Produção Acolhimento

Tânia Romano
Margarida Marques

Miguela Moreira
Beatriz Henriques
Inês Silva
Patrícia Troca
Sara Costa
Gustavo Ramos
Mariana Galvão
Beatriz Monteiro
Helena Santos
Inês Dias
Ana Alves Moreira
Letícia Cruz
Filipa Silva
Ivo Fernandes
Julieta Gomes
Diogo Teixeira
Afonso Carvalho
Inês Carvalho
Júlia Guimarães
Maria Santiago
Rita Teles Marques
Inês Sofia Marques
Luísa Duarte
Inês Marques
Inês Santana
Ana Filipa Ferreira
Maira Veiga
Logística
Nuno Quelhas

Coord. Geral Comunicação e Imprensa
Sara Inês Graça

Vice-Coord. Geral Comunicação e Imprensa
Catarina Magalhães

Assessoria de Imprensa
Mélanie Fernandes
Gestão de Redes Sociais
Margarida Augusto
Redatores
Ana Lage
Ana Sofia Neto
Andreia Nogueira
Beatriz Grave
Francisco Madaíl
Júlia Bertassoni
Pedro Terrantez
Rita Flores
Rita Ferreira
Vanessa Novais

Identidade e Programa de Design
Bürokratic

Coordenação Geral Design Gráfico e Multimédia

Joana Dias
Catálogo
Jorge Silva
Hugo Pereira

Designers

Patrícia Ferreira
Joana Carregado
Ana Nogueira
Filipa Resende

Coord. Geral Fotografia e Video-Reportagem

Sara Santos

Reportagem Fotográfica

Rafael Araújo
Pedro Marques
Raquel Medeiros
Diana de Pao
Joana Carregado
António Miguel Godinho
Sofia Martins Fernandes
Tiago Fernandes
Aleksandra Kuznetcova
Gabriela Maria Vaz Dias
Patrícia Martins
Ana Alves Moreira
Francisca Costa e Sousa
Rita Resende

Reportagem Vídeo

António Miguel Godinho
Joana Carregado
Aleksandra Kuznetcova
Ana Alves Moreira
Patrícia Martins
Ricardo Júnior
Rita Resende

Traduções

Igor Matheus Moreira
Ana Teresa
Mariana Sofia Caldwell
Ana Cristina Brás Pedro
Maria Régio

Francisca Maria Lima Ribeiro
Maria Miguel Marques

Simpósio
Co-Produção Universidade Aberta
Coord. Geral
Tiago Santos
José António Moreira
Produção
Cátia Lemos

Coord. Cinemalogia
Margarida Augusto
Martim Santos
Cláudia Bonina
Paulo Duarte

MasterSessions
Co-Produção LIPA / UC
Coord. Geral
Tiago Santos
Sérgio Dias Branco
Produção
António Pita
Joana Filipa Dias
Mariana Amorim
Júlia Pereira

Web site e Apoio Informático
Tiago Santos
Marcelo Ventura
Francisco Frutuoso
Sara Inês Graça
Sérgio Rebelo
Ivo Amaro
Apoio informático
Gabriel Oliveira Pinto
Rui Sousa

Consultor Jurídico
Gonçalo Melo Ribeiro

03. execução

03.01 análise

03.02 programa geral

24 de Novembro

Seleção Caminhos - TAGV

15h00

Turno do Dia, de Pedro Florêncio - 1:58:18

17h30

20-02-80, de Jerónimo Rocha - 0:04:44

O Quadro, de Paulo Araujo - 0:12:59

O Coração Revelador, de São José Correia - 0:10:03

Inversão, de Miguel Ângelo - 0:10:32

Calipso, de Paulo M. Oliveira e Pedro Martins - 0:15:15

Estranha Casa na Bruma, de Guilherme Daniel - 0:15:00

Segredo da Casa Fechada, de Teresa Garcia - 0:29:58

21:45

Cerimónia de Abertura

Como Fernando Pessoa salvou Portugal, de Eugène Green - 0:27:00

Caminhos Magnétykos, de Edgar Pêra 1:29:00

Seleccção Ensaaios - Cinemas NOS Alma Shopping

17:30

Onde o Verão Vai (episódios da juventude), de David Pinheiro Vicente - 0:21:00

Manuel Casimiro: Pintar a Ideia, de Isabel Gomes - 1:27:27

Caminhos Mundiais

Mini-Auditório Salgado Zenha

22:00

Goldfish, de Yorgos Angelopoulos - 0:14:21
Mabata Bata, de Sol de Carvalho - 1:13:15

Outros Olhares - Mini-Auditório Salgado Zenha

17:30

Os motivos de Reinaldo, de Ricardo Vieira Lisboa - 0:08:00
Cimbalino, de Jerónimo Rocha - 0:21:34
Antígona, de SillySeason - 0:13:44
Pixel Frio, de Rodrigo Areias - 0:15:00
Antes que a noite venha – Falas de Antígona, de Joaquim Pavão - 0:39:34

25 de Novembro

Seleção Caminhos - Teatro Académico de Gil Vicente

15h00

Anteu, de João Vladimiro - 0:29:00

A Árvore, de André Gil Mata - 1:44:00

17h30

Madness, de João Viana - 0:12:24
Pele de Luz, de André Guiomar - 0:18:36
O Canto do Ossobó, de Silas Tiny - 1:23:37

21:45

Terra Amarela, de Dinis M. Costa - 0:18:00

Carga, de Bruno Gascon - 1:53:00

Seleção Ensaios - Cinemas NOS Alma Shopping

17:30

Materia, de Marina Jigalova-Ozkan - 0:15:16
Roots, de Dennis Tsai - 0:13:30
Os Estrangeiros, de Rita Al Cunha - 0:15:00
Not Another War Movie, de Stephanie Koussa - 0:20:00
Without Water, de Eneós Çarka - 0:07:11

Caranguejo Homem, de Wallyson Mota, Aline Pellegrini - 0:17:46

Caminhos Mundiais - Mini-Auditório Salgado Zenha

22:00

John 746, de Ana Vijdea - 0:30:00

Eduardo Galeano Vagamundo, de Felipe Nepomuceno - 1:11:35

Outros Olhares - Mini-Auditório Salgado Zenha

17:30

Mother's day, de Rita Figueira - 0:07:29

Maria Sem Pecado, de Mário Macedo - 0:28:16

Tempo Comum, de Susana Nobreb - 1:04:00

26 de Novembro

Seleccção Caminhos - Teatro Académico de Gil Vicente

15h00

Sombra Luminosa, de Francisco Queimadela e Mariana Caló - 0:22:00

Quantas Vezes Tem Sonhado Comigo?, de Júlia Buisel - 0:17:47

O Homem-Pykante, de Edgar Pêra - 1:15:00

17h30

Entre Sombras, de Mónica Santos e Alice Guimarães - 0:13:25

Nevoeiro, de Daniel Veleoso - 0:15:00

A Casa, de Rui Simões - 1:18:00

21h45

Agouro, de David Doutel e Vasco Sá - 0:15:00

Russa, de João Salaviza e Ricardo Alves Jr. - 0:19:57

Terra Franca, de Leonor Teles - 1:20:00

Seleccção Ensaios - Cinemas NOS Alma Shopping

17:30

Sou, de Miguel Saraiva Braga - 0:13:02

Rabo Negro, de Tiago Silva - 0:25:49

Histórias de Lobos, de Agnes Meng - 0:22:27

Back Home, de Haruka Motohashi - 0:12:50

Laura, de Guilherme Franco - 0:16:00
24 Memórias Por Segundo, de Carlos Miranda - 0:20:33
The War of the Worlds, de Roberto Garcia - 0:02:10
Mariposas, de Adrian Carey - 0:03:00

Caminhos Mundiais - Mini-Auditório Salgado Zenha

22:00

Trauma Industries, de Jethro Massey - 0:13:00
From On High, de Dawn Westlake - 0:07:43
Hijos de la revolucion, de Luciana Sérvulo da Cunha - 1:36:00

Outros Olhares - Mini-Auditório Salgado Zenha

17:30

The art of losing, de Cristina Ferreira Gomes - 0:39:34
my hands are never empty, de Miguel Munhá - 1:16:00

Seleção das Competições - Cinemas NOS Alma Shopping

22h00

Amantes na Fronteira, de Atsushi Funahashi - 2:18:00

27 de Novembro

Seleção Caminhos - Teatro Académico de Gil Vicente

15h00

28 de Outubro, de Tiago Albuquerque - 0:10:41
Aparição, de Fernando Vendrell - 1:55:00

17h30

Porque é este o meu ofício, de Paulo Monteiro - 0:10:17
California, de Nuno Baltazar - 0:13:45
Pródigo, de João Lourenço - 0:10:58
Os Dois Irmãos, de Francisco Manso - 1:34:00

21h45

Maria, de Catarina Neves Ricci - 0:29:00
Cabaret Maxime, de Bruno de Almeida - 1:28:00

*Seleção Ensaios - Cinemas NOS Alma Shopping***17:30**

Son of A Dancer, de Georges Hazim - 0:21:00
Vidas Cinzas, de Leonardo Martinelli - 0:15:00
Obsession, de Lusia Zhai - 0:13:25
Aula de Natação, de Gonçalo Viana - 0:04:45
Man of the Venice of the North, de Konstantin Alexandrov - 0:13:30
Receptor, de Emmanoel Ximendes - 0:19:30

*Caminhos Mundiais - Mini-Auditório Salgado Zenha***22:00**

Bystander, de Sheyda Kashi - 0:08:00
Colour Cage, de Daniel Reascos - 0:15:00
The oak Tree, de Yiannis DOP - 0:23:20
9023, de Sotiris Petridis - 0:07:35
Iku Manieva, de Isaac Ruiz Gastélum - 0:07:30
Yover, de Edison Sanchez - 0:14:04
The Calling, de Mariakenzi Lahlou - 0:23:52

*Outros Olhares - Mini-Auditório Salgado Zenha***17:30**

Exposição, de Luis Azevedo - 0:11:22
Histórias de Fantasmas, de Carlos Pereira - 0:13:32
Lupo, de Pedro Lino - 1:14:30

Seleção das Competições - Cinemas NOS Alma Shopping

22h00

Vidas Cinzas, de Leonardo Martinelli - 0:15:00
Rabo Negro, de Tiago Silva - 0:25:49
Caminhos Magnétykos, de Edgar Pêra - 1:29:00

28 de Novembro*Seleção Caminhos - Teatro Académico de Gil Vicente*

15h00

Desempregato, de Sara Marques - 0:04:54
Peregrinação, de João Botelho - 1:45:00

17h30

Ensaio sobre a morte, de Margarida Madeira - 0:05:43

Equinócio, de Ivo M. Ferreira - 0:19:20
Os Mortos, de Gonçalo Robalo - 0:27:56
Bostofrio, où le ciel rejoint la terre, de Paulo Carneiro - 1:10:00

21h45

Aquaparque, de Ana Moreira - 0:15:58
3 Anos Depois, de Marco Amaral - 0:13:00
Leviano, de Justin Amorim - 1:42:00

Seleção Ensaios - Cinemas NOS Alma Shopping

17:30

Satán, de Carlos Tapia - 0:17:14
A Costureirinha, de Telmo Martins (coord.) - 0:12:00
Flor do Gás, de João Castela - 0:12:40
Onikuma, de Alessia Cecchet - 0:12:02
Wishbutton, de Vladimir Kvetnoy - 0:25:00
Calipso, de Paulo M. Oliveira e Pedro Martins - 0:15:15
Casas Caiadas, de Kyle Sousa - 0:16:30
Cinzas, de Célia Fraga - 0:15:00

Caminhos Mundiais - Mini-Auditório Salgado Zenha

22:00

Beat, de Anna Ozar - 0:02:00
Who They Are, de DJ Furth - 0:04:04
¿Eres tú, papá?, de Rudy Riverón Sánchez - 1:46:33

Outros Olhares - Mini-Auditório Salgado Zenha

17:30

Orquidea, de Sandy Lorente - 0:26:00
Sousa Martins, de Justine Lemahieu - 1:21:20

Seleção das Competições - Cinemas NOS Alma Shopping

22:00

Pedro e Inês, de António Ferreira - 2:00:23

29 de Novembro

Seleção Caminhos - Teatro Académico de Gil Vicente

15h00

Descobrimo a Variável Perfeita, de Rafael Almeida - 0:15:00

Soldado Milhões, de Gonçalo Galvão Teles e Jorge Paixão da Costa - 1:25:02

17h30

Amantes na Fronteira, de Atsushi Funahashi - 2:18:00

21h45

Praça Paris, de Lúcia Murat - 1:50:00

Seleção Ensaios - Cinemas NOS Alma Shopping

17:30

Amor, Avenidas Novas, de Duarte Coimbra - 0:20:00

Margem, de Joel Brandão - 0:23:00

SHE.TEMA.OHA, de Cristiana Forte - 0:24:50

For you, de Kataryna Wisniowska - 0:17:23

Um Marco no Futebol, de José Caetano - 0:10:00

Comments, de Jannis Alexander Kiefer - 0:04:58

Success, de Valentin Suntsov - 0:07:36

Celeste, de Francisco Pereira Coutinho - 0:10:00

Caminhos Mundiais - Mini-Auditório Salgado Zenha

22:00

The Remains, de Manoj Babu Pant - 0:16:27

Paraíso, de João Ricardo Oliveira - 0:27:55

The Boat, de Petrus Cariry - 1:12:00

Outros Olhares - Mini-Auditório Salgado Zenha

17:30

Orson Welles, de Luís Azevedo - 0:05:44

O Espectador Espantado, de Edgar Pêra - 1:10:07

*Seleccção das Competições - Cinemas NOS Alma Shopping***22:00**

20-02-80, de Jerónimo Rocha - 0:04:44
O Quadro, de Paulo Araujo - 0:12:59
Flor do Gás, de João Castela - 0:12:40
Onikuma, de Alessia Cecchet - 0:12:02
Casas Caiadas, de Kyle Sousa - 0:16:30
A Estranha Casa na Bruma, de Guilherme Daniel - 0:15:00
O Segredo da Casa Fechada, de Teresa Garcia - 0:29:58

30 de Novembro*Seleccção Caminhos - Teatro Académico de Gil Vicente*

15h00

Razão entre dois volumes, de Catarina Sobral - 0:08:08
Pedro e Inês, de António Ferreira - 2:00:23

17h30

Por Tua Testemunha, de João Pupo - 0:18:00
Luana, de Pedro Magano - 0:23:00
Mariphasa, de Sandro Aguilar - 1:26:00

21h45

Letters from Childhood, de José Magro - 0:02:46
Anjo, de Miguel Nunes - 0:24:00
Self Destructive Boys, de André Santos e Marco Leão - 0:27:00
Até que o porno nos separe..., de Jorge Pelicano - 1:30:00

*Seleccção Ensaios - Cinemas NOS Alma Shopping***17:30**

In Between Spaces, de Don Senoc - 0:18:30
If the worlds spinned Backwards, de Leonardo Martinelli - 0:05:00
The way of the shaman drum , de João Meirinhos - 0:12:24
The Theory of Evolution, de Ting Hang Yip - 0:24:55
Mictlan, de Leon Landazuri - 0:09:54
FIFO, de Sasha Ferbus - 0:12:00

The Dance of Amal, de Rami Al Rabih - 0:07:30
No Sleeping, de Emmanuel Levy - 0:05:58
Creating Neptune, de Sebastião Varela - 0:06:38
Slumberous, de Sara Eustaquio - 0:06:00
Primeira Noite, de André Rodrigues - , 0:05:01

Caminhos Mundiais - Mini-Auditório Salgado Zenha

22:00

Medulla Oblongata, de Roberto Nascimento - 0:07:33
The dilemma, de Antonio Zucherino - 0:12:48
Strawberry Jam, de Carlos Vin Lopes - 0:24:20
Esto no es una despedida, de Gwenn Joyaux - 0:10:00
Nu, de Yang Ge - 1:04:15

Outros Olhares - Mini-Auditório Salgado Zenha

17:30

Inside Hou8e, de Margarida R.Nuno - 0:47:50
Fernando Lemos, de Rita Lopes Alves - 1:16:10
Seleção das Competições -Cinemas NOS Alma Shopping

22:00

Onde o Verão Vai (episódios da juventude), de David Pinheiro Vicente - 0:21:00
Leviano, de Justin Amorim - 1:42:00

1 de Dezembro

Seleção Caminhos - Teatro Académico de Gil Vicente

15h00

Entre o Verão e o Outono, de Maria Francisca Pinto - 0:03:30
Sleepwalk, de Filipe Melo - 0:14:35
Quando Pudermos, de Miguel Cardoso Faria - 0:19:40
Segunda-Feira, de Sebastião Salgado - 0:15:00
À Tarde, de Pedro Florêncio - , 0:56:54

*Seleção Ensaios - Cinemas NOS Alma Shopping***17:30**

Sleepless Nights..., de Maria Teixeira - 0:01:17
Quando Pudermos, de Miguel Cardoso Faria - 0:19:40
Segunda-Feira, de Sebastião Salgado - 0:15:00
À Tarde, de Pedro Florêncio - 0:56:54

*Seleção Ensaios - Cinemas NOS Alma Shopping***17:30**

Sleepless Nights..., de Maria Teixeira - 0:01:17

Irony, de Radheya Jegatheva - 0:07:53
Bruma, de Sofia Cachim - 0:06:00
O Chapéu, de Alexandra Allen - 0:04:50
Him&Her, de Nathalie Lamb - 0:07:47
Homesick, de Hila Einy, Yoav Aluf, Noy Bar, Bezalel - 0:07:15
Zeitgeist, de Oleg Kauz - 0:08:57
A Sweet Story, de Moritz Biene - 0:07:20
Drowning, de Pedro Harres - 0:05:00
Soulkeeper, de Théo Hoch - 0:10:11

*Outros Olhares - Mini-Auditório Salgado Zenha***17:30**

Os Maiores da Minha Rua, de Gabriel Coelho - 0:07:44
Pe San Lé, de Rosa Coutinho Cabral - 1:33:58

03.03 mapa de audiências

03.04 seleção caminhos

O Cinema, e o seu visionamento, foi desde sempre um fenómeno social, um prodígio dependente do movimento exterior num processo isócrono ao ritmo interior. Dentro de nós (imaginação e sonho) tudo é movimento, associado a um profundo e íntimo desejo de produzir

e libertar essa afluência emocional e visual ao encontro da catarse. No fundo pretendemos libertar-nos dos limites físicos da nossa condição material, apresentando-se o Cinema como o método de uma outra forma de existir, de ver sonhos, de conhecer mundos interiores e viajar para os exteriores.

A vida é um género de orquestra de formas e ritmos, de história e metahistória, tendo o espetador a grande tela para conciliar (ou até desassossegar) aquilo que consensualmente considera garantido, autêntico ou com uma estranha convicção de obrigatoriedade. Este ritmo cinematográfico, que apenas se cria se o vemos, fornece uma visão abrangente do que são os múltiplos mundos dos nossos autores cinematográficos e, em última instância, vão respondendo a Bazin (que impôs grandeza dos autores cinéfilos) sobre aquilo que será cinema.

Ao absorver a atenção do espetador o filme substitui o seu ritmo privado, abraçando-o e à sua velocidade, entrando em cada um e dando vida à obra que sai da tela diretamente para as discussões, especulações e até à crítica. Tem sido função da “Seleção Caminhos” em particular, e do nosso festival em geral, divulgar o melhor do que é produzido em Portugal, dando voz e imagem a todos os que alimentam a chama da criatividade desta arte.

A condição de programador dos Caminhos, chamamos condição por envolver um contexto e noção de uma conjectura atual constante, implica o sobrepor da razão geral à comoção individual, da conceção ampla ao gosto pessoal. O importante é levar o espetador à sala, apelar ao seu gosto individual que – segundo Bénard da Costa – tem de ser instruído por uma pedagogia cinematográfica, por ganho de prazer e consciência artística. Para nós resta-nos o gosto de mostrar e fazer gostar, não sendo esses sentimentos menores!

Programar é um dos passos finais desta “mise-en-scène”, onde se vê tudo e se mostra parte de acordo com quem vai ver. Nesta XXIV Edição do festival Caminhos do Cinema Português, continuamos a acreditar que os criadores cinematográficos devem ser sempre equiparados aos autores de todas as outras artes já historicamente estabelecidas e por isso tratados com o mesmo cuidado e consideração. Seja qual for o seu formato, género, localidade ou até suporte financeiro, seremos sempre um catálogo vivo das principais manifestações audiovisuais que marcaram o ano desde a nossa última edição.

Os Caminhos do Cinema Português defendem, tal como Peter Von Bah, que a projeção tem de ser “a” projeção, um acontecimento que o espetador se lembre “talvez toda a vida”, reservando a nossa equipa os melhores espaços e as melhores telas para esta secção competitiva que visa enaltecer, reconhecer e premiar todos os que produzem cinema em Portugal.

Desta forma, a “Seleção Caminhos” desta edição prosseguirá a dar o merecido destaque ao conjunto de animações, ficções e documentários nacionais (autonomamente da sua duração), naquela que por nós é considerada uma das edições mais ricas de sempre. É a possibilidade de o nosso espetador assíduo, e daquele que pela primeira vez nos conhecerá, continuar a aprender e capturar o significado desta linguagem universal cuja gramática se apresenta – apesar de por vezes complexa – a que mais é transversal entre o real e o ficcionado.

Desde os apelos ao que ocorre no país e no mundo, ao recordar do que sucedeu e até ao imaginar o que nunca aconteceu, esta é a oportunidade de em sala vermos sonhos dos nossos artistas, de olhos abertos e ouvidos atentos, com grande imagem, grande som e a possibilidade de conhecer in loco os principais intervenientes desta manifestação (e manifesto) pelas artes cinematográficas.

Segue a lista das obras presentes na “Seleção Caminhos” da XXIV Edição dos Caminhos, num dos anos com mais inscrições e horas de visionamento para analisar e selecionar de sempre. E agora, citando a programadora Iris Barry, vamos ver filmes!

Titulo	Realizador	Categoria	Produtora
Turno do Dia	Pedro Florêncio	Longa Doc	Zêzere

20-02-80	Jerónimo Rocha	Curta Ficção	Take It Easy Film
O Quadro	Paulo Araujo	Curta Ficção	Paulo Araújo
O Coração Revelador	São José Correia	Curta Ficção	Ukbar MVR
Inversão	Miguel Ângelo	Curta Ficção	EFE
Calipso	Paulo A. M. Oliveira, Pedro Martins	Curta Ficção	50cuts
A Estranha Casa na Bruma	Guilherme Daniel	Curta Ficção	Suspício Filmes
O Segredo da Casa Fechada	Teresa Garcia	Curta Ficção	CRIM
Como Fernando Pessoa salvou Portugal	Eugène Green	Curta Ficção	O Som e a Fúria
Caminhos Magnétykos	Edgar Pêra	Longa Ficção	Bando à Parte
Anteu	João Vladimiro	Curta Ficção	terratreme filmes
A Árvore	André Gil Mata	Longa Ficção	CRIM
Madness	João Viana	Curta Doc	Papaveronoir
Pele de Luz	André Guiomar	Curta Doc	Promarte / Real Ficção
O Canto do Ossobó	Silas Tiny	Longa Doc	Divina Comédia
Terra Amarela	Dinis M. Costa	Curta Ficção	B'lizzard / Kinética
Carga	Bruno Gascon	Longa Ficção	Caracol Protagonista
Sombra Luminosa	Francisco Queimadela, Mariana Caló	Curta Ficção	
Quantas Vezes Tem Sonhado Comigo?	Júlia Buisel	Curta Ficção	Real Ficção
O Homem-Pykante	Edgar Pêra	Longa Doc	Bando à Parte
Entre Sombras	Mónica Santos, Alice Guimarães	Animação	Animais AVPL
Nevoeiro	Daniel Veleoso	Curta Ficção	terratreme filmes
A Casa	Rui Simões	Longa Doc	Real Ficção

Agouro	David Doutel, Vasco Sá	Animação	Bando à Parte
Russa	João Salaviza, Ricardo Alves Jr.	Curta Ficção	KARÓ FILMES
Terra Franca	Leonor Teles	Longa Doc	Uma Pedra No Sapato
28 de Outubro	Tiago Albuquerque	Animação	Animanostra
Aparição	Fernando Vendrell	Longa Ficção	David & Golias
Porque é este o meu ofício	Paulo Monteiro	Animação	Animanostra
Califórnia	Nuno Baltazar	Curta Ficção	Nuno Baltazar
Pródigo	João Lourenço	Curta Ficção	Lightbox
Os Dois Irmãos	Francisco Manso	Longa Ficção	TAKE 2000
Maria	Catarina Neves Ricci	Curta Ficção	Ukar
Cabaret Maxime	Bruno de Almeida	Longa Ficção	Blackmaria et al
Desempregato	Sara Marques, André Matos	Animação	Take It Easy
Peregrinação	João Botelho	Longa Ficção	Ar de Filmes
Ensaio sobre a morte	Margarida Madeira	Animação	Pickle Films
Equinócio	Ivo M. Ferreira	Curta Ficção	ARQUIPÉLAGO FILMES
Os Mortos	Gonçalo Robalo	Curta Doc	Errar Filmes
Bostofrio, où le ciel rejoint la terre	Paulo Carneiro	Longa Doc	Paulo Carneiro
Aquaparque	Ana Moreira	Curta Ficção	CRIM
3 Anos Depois	Marco Amaral	Curta Ficção	Ukbar Filmes
Leviano	Justin Amorim	Longa Ficção	Promenade Productions

Descobrimo a Variável Perfeita	Rafael Almeida	Curta Ficção	ARTEiMANHA
Soldado Milhões	Gonçalo Galvão Teles, Jorge Paixão da Costa	Longa Ficção	Ukbar Filmes
Amantes na Fronteira	Atsushi Funahashi	Longa Ficção	Bando à Parte
Praça Paris	Lúcia Murat	Longa Ficção	Fado Filmes
Razão entre dois volumes	Catarina Sobral	Animação	Animanostra
Pedro e Inês	António Ferreira	Longa Ficção	Persona Non Grata Pictures
Por Tua Testemunha	João Pupo	Curta Ficção	terratreme filmes
Luana	Pedro Magano	Curta Ficção	Pixbee
Mariphasa	Sandro Aguilár	Longa Ficção	O Som e a Fúria
Letters from Childhood	José Magro	Curta Ficção	Cimbalino Filmes
Anjo	Miguel Nunes	Curta Ficção	Videolotion
Self Destructive Boys	André Santos, Marco Leão	Curta Ficção	Blackmaria
Até que o porno nos separe...	Jorge Pelicano	Longa Doc	Até ao Fim do Mundo
Entre o Verão e o Outono	Maria Francisca Pinto	Animação	Univ. Católica Portuguesa
Sleepwalk	Filipe Melo	Curta Ficção	Força de Produção
Quando Pudermos	Miguel Cardoso Faria	Curta Ficção	TAKE 2000
Segunda-Feira	Sebastião Salgado	Curta Ficção	Bro
À Tarde	Pedro Florêncio	Longa Doc	Zêzere

3.05 selecção ensaios

O nosso Festival segue o mote de ser uma montra de todo o cinema português, não podendo ser ignoradas as obras produzidas no seio das academias e escolas. Existe uma torrente anual constante de estudantes com vontade de criar ou, muitas das vezes, realizadores que voltam ao mundo académico para adquirir ou renovar novas competências no domínio da linguagem cinematográfica. Começa a ser muito ténue a linha que desarticula aquilo que consideramos cinema produzido em contexto profissional do que é produzido em contexto académico, mas sabemos que aquilo que os une é, sem dúvida, uma qualidade e originalidade surpreendentes. Assistir às sessões da Seleção Ensaios é sentir o sangue novo que sempre pautou o cinema (independentemente da idade do criador), é ser confrontado com técnicas e diálogos heterogéneos, ideias vanguardistas e inclusivamente conhecer novos intérpretes com performances inesperadas e por isso marcantes.

Para o espetador e cinéfilo em geral, estas sessões representam o aceder a mentes de jovens criadores, dando-lhes uma real noção dos valores e ideias que pautam atualmente este movimento artístico português e internacional e perceber as suas semelhanças e diferenças. É a oportunidade única de ver a semente que germina, as primeiras obras, as novas formas de olhar o cinema e o mundo.

A Seleção Ensaios é assim um caminhar pelo cinema português e internacional desenvolvido academicamente. Esta aparente dualidade serve de objeto de discussão, fornecendo uma linha invisível de linguagem cinematográfica que une os novos artistas por todo o mundo. É um responder, por vezes quase em jeito de manifesto fílmico, do estado atual das coisas em Portugal e no mundo.

Apresentamos a programação da Seleção Ensaios deste ano, com obras produzidas num contexto académico nacional e internacional num cruzamento inter-academias possibilitador de um olhar comparativo entre o futuro do cinema nacional e o seu posicionamento no mundo.

Título	Realizador	Categoria	Produtora	Duração
Onde o Verão Vai (episódios da juventude)	David Pinheiro Vicente	Curta Ficção	ESTC	0:21:00
Manuel Casimiro: Pintar a Ideia	Isabel Gomes	Longa Doc	MUI CONCEPT	1:27:27
Materia	Marina Jigalova-Ozkan	Curta ficção	High Courses for Scriptwriters and Film Directors	0:15:16
Roots	Dennis Tsai	Curta Documentário	Massachusetts College of Art and Design	0:13:30
Os Estrangeiros	Rita Al Cunha	Curta Documentario	Ao Norte / Plano Frontal Film Residency	0:15:00
Not Another War Movie	Stephanie Koussa	Curta Documentário	Institut d'études scéniques, audiovisuelles et cinématographiques à l'Université Saint-Joseph	0:20:00
The BlackGod	Grzegorz Paprzycki	Curta Documentário	Krzysztof Kieślowski Faculty of Radio and Television University of Silesia	0:30:00
Without Water	Eneos Çarka	Curta Documentário	University of Arts of Albania	0:07:11
Caranguejo Homem	Wallyson Mota, Aline Pellegrini	Curta Mockmentário	Academia Internacional de Cinema - São Paulo/Brasil	0:17:46

Sou	Miguel Saraiva Braga	Curta Doc	World Academy	0:13:02
Rabo Negro	Tiago Silva	Curta Doc	ESAD.CR	0:25:49
Histórias de Lobos	Agnes Meng	Curta Documentario	DocNomads/Lusofona	0:22:27
Back Home	Haruka Motohashi	Curta Documentário	The City of New York	0:12:50
Laura	Guilherme Franco	Curta ficção	UC	00:16:30
24 Memórias Por Segundo	Carlos Miranda	Curta Documentario	Kino-Doc	0:20:33
The War of the Worlds	Roberto Garcia	Curta Experiemntal	ecnologico de Monterrey	0:02:10
Mariposas	Adrian Carey	Curta Ficção	Airebedd Productions/ New York University Tisch	0:03:00
Son of A Dancer	Georges Hazim	Curta Ficção	Lebanese University	0:21:00
Vidas Cinzas	Leonardo Martinelli	Curta Documentario	Universidade Estácio de Sá	0:15:00
Give Me a Lighter	Gokhan Kaya	Curta ficção Documental	Dokuz Eylul University Film Design Department	0:30:00
Obsession	Lusia Zhai	Curta Ficção	Academy of Art University	0:13:25
Aula de Natação	Gonçalo Viana	Curta Ficção	U. Lusófona	0:04:45
Man of the Venice of the North	Kostantin Alexandrov	Curta Ficção	St. Petersburg State University of Film and Television	0:13:30
Receptor	Emmanoel Ximendes	Curta Experimental	Oficina de Cinema Indie do IFRS	0:19:30
Satán	Carlos Tapia	Curta Ficção	Ecole Cantonale d'art de Lausanne	0:17:14
A Costureirinha	Telmo Martins (coord.)	Curta Ficção	Caminhos Cinema Português	0:12:00
Flor do Gás	João Castela	Curta Ficção	Católica - Escola das Artes	0:12:40
Onikuma	Alessia Cecchet	Curta Ficção	Syracuse University	00:12:00
Wishbutton	Vladimir Kvetnoy	Curta Ficção	High Courses for Script Writers and Film Directors	0:25:00
Casas Caiadas	Kyle Sousa	Curta Ficção	Católica - Escola das Artes	0:16:30
Cinzas	Célia Fraga	Curta Ficção	ESAP	0:15:00
Amor, Avenidas Novas	Duarte Coimbra	Curta Ficção	ESTC	0:20:00
Margem	Joel Brandão	Curta Ficção	Católica - Escola das Artes	0:23:00
SHE.TEMA.OHA	Cristiana Forte	Curta Ficção	Baltic Film and Media School	0:24:50

For you	Kataryna Wisniowska	Curta Doc	Polish National Film School in Lodz	0:17:23
Um Marco no Futebol	José Caetano	Curta Ficção	UBI	0:10:00
Comments	Jannis Alexander Kiefer	Curta Ficção	University Potsdam Babelsberg	0:04:58
Success	Valentin Suntsov	Curta Ficção	The Boris Shchukin Theatre Institute	0:07:36
Celeste	Francisco Pereira Coutinho	Curta Ficção	Loyola Marymount University	0:10:00
In Between Spaces	Don Senoc	Curta Ficção	University of the Philippines Film Institute	0:18:30
If the worlds spinned Backwards	Leonardo Martinelli	Curta Ficção	Universidade Estácio de Sá	0:05:00
O Caminho do Tambor Xamã	João Meirinhos	Curta Doc	U. OF MANCHESTER	0:12:24
The Theory of Evolution	Ting Hang Yip	Curta Ficção	Taipei National University of the Arts	0:24:55
Mictlan	Leon Landazuri	Curta ficção	Universidad Autónoma de la Ciudad de México	0:09:54
FIFO	Sasha Ferbus	Curta Ficção	Mediadiffusion	0:12:00
The Dance of Amal	Rami Al Rabih	Curta Experimental	University Lumière 2/ Prague Film School	0:07:30
No Sleeping	Emmanuel Levy	Curta ficção	Wajda Film School, Warsaw Poland	0:05:58
Creating Neptune	Sebastião Varela	Curta Exp	Kingston School of Art	0:06:38
Slumberous	Sara Eustaquio	Curta ficção	CalArts	0:06:00
Primeira Noite	André Rodrigues	Curta Ficção	ETIC	0:05:01
Sleepless Nights...	Maria Teixeira	Curta Animação	Film University Babelsberg KONRAD WOLF	0:01:17
Irony	Radheya Jegatheva	Curta Animação	Curtin University	0:07:53
Bruma	Sofia Cachim	Curta Animação	Católica - Escola das Artes	0:06:00
O Chapéu	Alexandra Allen	Curta Animação	IPCA	0:04:50
Him&Her	Nathalie Lamb	Curta Animação	Filmakademie Baden-Württemberg	0:07:47
Homesick	Hila Einy, Yoav Aluf, Noy Bar, Bezalel	Curta Animação	Academy of Arts And Design	0:07:15
Zeitgeist	Oleg Kauz	Curta Animação	Filmakademie Baden-Württemberg	0:08:57
A Sweet Story	Moritz Biene	Curta Animação	Film University Babelsberg KONRAD WOLF	0:07:20
Drowning	Pedro Harres	Curta Animação	Babelsberg Film University	0:05:00
Soulkeeper	Théo Hoch	Curta Mockmentário	Paris 1 Panthéon Sorbonne University	0:10:11

03.06 **júniore**s

Realizador	Género	Produtora	E-mail Submissão	Ano Produção	Duração
Joaquin Braga	Animação	Animac Joaquin Braga	animac3d@gmail.com	2017	0:08:00
Natalia Hermida	Animação	Chapman Univeristy	yheo96@gmail.com	2018	0:10:15
Tariq Rimawi	Animação	Tariq Rimawi	t_rimawi@yahoo.com	2016	0:05:30
Hermes Mangialardo	Animação	Plas Media Srl	hermesmangialardo@gmail.com	2018	0:02:00
Agrupamento de escolas Dr. Mário Fonseca - Nogueira	Animação	Casa Museu de Vilar	casamuseuvilar@gmail.com	2018	0:02:41
Escola EBS 2,3 S Miguel Torga - Sabrosa	Animação	Casa Museu de Vilar	casamuseuvilar@gmail.com	2018	0:01:46
Associação Instantes Mutantes	Animação	Casa Museu de Vilar	casamuseuvilar@gmail.com	2018	0:01:54
Alexandra Allen	Animação	Instituto Politécnico do Cávado e do Ave	xana_allen@hotmail.com	2017	0:04:50
EB Lousada Este - Caíde de Rei	Animação	Casa Museu de Vilar	casamuseuvilar@gmail.com	2017	0:02:33
André Letria	Animação	Animamostra		2007	00:08:00
Doosun Shin	Animação	Ringling College Art and Design	doosunshin@gmail.com	2015	0:02:18
Ani NTU	Animação	Nanyang Technological University - School Of Art, Design And Media, Singapore	anisubmissions@ntu.edu.sg	2014	0:05:29

03.07 juvenis

O cinema tem um importante papel na instrução cultural do seu espectador. Existem filmes que, devido à sua ligeireza temática e técnica, servem meramente para entreter quem o vê, fazendo esquecer, não pensar, não conhecer. Nesta programação especial para o público juvenil, foram selecionadas obras que graças ao seu argumento e harmonia estética despertam a contemplação ao interior, ao meio e à cultura portuguesa, agindo como instrumento de inspiração e reflexão para todos os jovens que irão assistir às sessões. Por o cinema fazer crescer e cogitar, é premente a sua divulgação junto dos mais jovens.

Algumas destas sessões foram programada com o escopo de atrair e instruir alunos do 3º Ciclo e Ensino Secundário, tanto na área do cinema como na arte e cultura portuguesas em geral. Será cumulativamente uma oportunidade de verem em grande tela as mais recentes e relevantes produções portuguesas e de conhecerem os intervenientes do filme: do realizador aos actores.

26 de Novembro - "O Homem-Pykante:Diálogos Kom Pimenta" de Edgar Pêra

27 de Novembro - "A Aparição" de Fernando Vendrell

28 de Novembro - "Peregrinação" de João Botelho

29 de Novembro - "O Soldado Milhões" de Gonçalo Galvão Teles e Jorge Paixão da Costa

30 de Novembro - " Pedro e Inês" de António Ferreira

03.08 **séniore**s

"O Soldado Milhões" de Gonçalo Galvão Teles e Jorge Paixão da Costa - 29 nov pelas 15:00 (TAGV)

A sessão será gratuita para os utentes de lares e centros de dia do distrito de Coimbra. Conscientes de que, nos dias de hoje, é cada vez mais difícil encontrar iniciativas em que este segmento da população possa participar, acreditamos que esta iniciativa é uma mais-valia para o festival que, para além de uma componente cultural, também tem um papel importante de cariz social e de integração na sociedade.

03.09 mundiais

Na 24.ª edição do Caminhos do Cinema Português, a programação da secção Caminhos Mundiais pretende apresentar aos espetadores, por meio de filmes vindos dos vários continentes, a ideia de um mundo bastante crítico acerca de si próprio e cada vez mais aberto à diversidade, com personagens em constante processo de autodescoberta.

Entre artistas anónimos ou de renome, revoluções ou homenagens aos de outrora, esta seleção mostra que o cinema continua a ser uma poderosa forma de difusão e debate de ideias. Enquanto as distopias hiperbolizam um determinado aspeto negativo presente na sociedade, tornando, assim, uma possível mensagem política ainda mais forte, há filmes que não necessitam de se afastar de uma representação mais próxima da nossa realidade, por vezes ficcionada, para fazer passar a sua mensagem. Neste conjunto de filmes há ainda espaço para refletir sobre a relação do ser humano com o desconhecido e o sobrenatural, em histórias que adquirem um cunho alegórico bastante forte.

No caminho programático, os filmes foram-se entrelaçando tocando e desafiando-se num conjunto ora uniforme na forma e diverso nos temas, ora de conteúdo semelhante mas de contornos formais distintos.

Estes Caminhos do Cinema Mundial procuram ainda ultrapassar as barreiras do politicamente correto e exploram a sexualidade dos personagens, aliada a demonstrações de amor que não vêm fronteiras nem se restringem a rótulos.

Goldfish	Yorgos Angelopoulos	Curta Ficção	SOUL Productions	0:14:21
Mabata Bata	Sol de Carvalho	Longa Ficção	Promarte, Bando à Parte	1:13:15
John 746	Ana Vijdea	Curta Doc	Filmes do Gajo	0:30:00
Eduardo Galeano Vagamundo	Felipe Nepomuceno	Longa Doc	Nepomuceno Filmes	1:11:35
Trauma Industries	Jethro Massey	Curta Ficção	Local Films	0:13:00
From On High	Dawn Westlake	Curta Ficção	Ron de Cana Productions	0:07:43
Hijos de la revolucion	Luciana Sérvulo da Cunha	Longa Doc	Bharati Filmes	1:36:00
Bystander	Sheyda Kashi	Animação	N/A	0:08:00
Colour Cage	Daniel Reascos	Curta Ficção	INCINE	0:15:00
The oak Tree	Yiannis DOP	Curta Ficção	CESARA STUDIO	0:23:20
9023	Sotiris Petridis	Curta Ficção	N/A	0:07:35
Iku Manieva	Isaac Ruiz Gastélum	Curta Ficção	METAXINEMA	0:07:30
Yover	Edison Sanchez	Curta Ficção	ANTRUM FILMS	00:14:15.000
The Calling	Mariakenzi Lahlou	Curta Ficção	Loukkos Film	0:23:52
Beat	Anna Ozar	Curta Ficção	N/A	0:02:00
Who They Are	DJ Furth	Curta Ficção	N/A	0:04:04
¿Eres tú, papá?	Rudy Riverón Sánchez	Longa Ficção	Eres Tu Papa Ltd	1:46:33
The Remains	Manoj Babu Pant	Curta Ficção	Simal Cinema Pvt. Ltd.	0:16:27

Paraíso	João Ricardo Oliveira	Curta Ficção	In Vino Veritas Produções	0:27:55
The Boat	Petrus Cariry	Longa Ficção	Iluminura Filmes	1:12:00
Medulla Oblongata	Roberto Nascimento	Curta Doc/Fic	Chillbox Creative	0:07:33
The dilemma	Antonio Zucherino	Curta Ficção	Mas Ruido	0:12:48
Strawberry Jam	Carlos Vin Lopes	Curta Ficção	The Worldrooms	0:24:20
Esto no es una despedida	Gwenn Joyaux	Curta Ficção	N/A	0:10:00
Nu	Yang Ge	Longa Ficção	N/A	1:04:15

03.10 outros olhares

Na sua célebre obra *A República*, Platão descreve-nos uma caverna onde seres humanos se encontram agrilhoados, não tendo nunca vivenciado nada além desse espaço concreto. Nessa mesma caverna encontra-se uma fogueira que projeta sombras da realidade exterior. Assim, tendo apenas tido contacto com essas sombras, os seres que se encontram na caverna acabam por ter como garantido que estas sejam a própria realidade. Podemos afirmar que esta descrição que o filósofo grego faz na sua Alegoria da Caverna é semelhante àquela que o público francês em 1895 sentiu quando os irmãos Lumière fizeram a sua primeira exibição do cinematógrafo com a obra *L'Arrivée d'un train en gare de La Ciotat*. Quando um comboio filmado se aproximou das margens do enquadramento da câmara, o público gritou criando uma comoção: todos sentiram que iriam ser atropelados. Não há então uma distinção entre o que é a realidade concreta e a representação desta mesma realidade. A partir daqui a ilusão do cinema, e a criação de uma suposta realidade, é perseguida constantemente, sendo impulsionada pelas inovações de cineastas como o americano Griffith, o russo Eisenstein ou mais tarde com a introdução de técnicas de procura do naturalismo na representação, como é o Método de Stanislavsky.

Com o tempo surgiram também movimentos, géneros e estilos cinematográficos que romperam com esta ideia da procura do naturalismo e de uma realidade ilusória do cinema. Podemos mencionar como exemplo o desenvolvimento do *cinéma vérité* e a sua procura de retratar a verdade tal como ela é, sem qualquer tipo de manipulação, um cinema livre de encenação. É de observar as constantes quebras da quarta parede, o facto de o realizador entrar no filme, não como Orson Welles ou Keaton fariam no passado representando uma personagem, mas sim tal como é, ou o captar dos mecanismos do cinema (câmaras, luzes, o staff etc), eliminando a transparência do cinema: o público é distanciado da obra que assiste, não crê ver a realidade mas sim a representação da realidade. De igual modo, é importante referenciar o surgimento do cinema experimental com a sua procura da abstração de uma realidade concreta.

Nesta edição do Festival Caminhos do Cinema Português introduzimos uma outra secção: "Outros Olhares". Nesta criteriosa seleção procuraremos observar obras significativas da produção nacional nos parâmetros do documental e do experimental, permitindo assim, como a própria nomenclatura indica, que o público encontre outros e novos olhares que atualmente encaram o cinema e a realidade.

Título	Realizador	Género	Produtora	Ano Produção	Duração
Os motivos de Reinaldo	Ricardo Vieira Lisboa	Curta Doc	Próprio	2017	0:08:00
Cimbalino	Jerónimo Rocha	Curta Exp	take it easy film	2017	0:21:34
Antígona	SillySeason	Curta Exp	SillySeason	2018	0:13:44
Pixel Frio	Rodrigo Areias	Curta Exp	Bando À parte	2018	0:15:00
Antes que a noite venha - Falas de Antígona	Joaquim Pavão	Longa Exp	Mares do Sul	2018	0:39:34
Mother's day	Rita Figueira e Vânia Oliveira	Curta Animação	Escola Superior de Media Artes e Design	2017	0:07:29
Maria Sem Pecado	Mário Macedo	Curta Doc	73collective	2016	0:28:16
Tempo Comum	Susana Nobre	Longa Doc	terratreme filmes	2018	1:04:00
The art of losing	Cristina Ferreira Gomes	Curta Exp	Mares do Sul	2018	0:39:34
Nunca as Minhas Mãos Ficam Vazias	Miguel Munhá	Longa Doc	DuplaCena	2018	1:16:00
Exposição	Luis Azevedo	Curta Doc	Kino Gang Films		0:11:22
Histórias de Fantasmas	Carlos Pereira	Curta Doc		2018	0:13:32
Lupo	Pedro Lino	Longa Doc	Ukbar filmes	2018	1:14:30
Orquidea	Sandy Lorente	curta doc	Calach Films	2017	0:26:00
Sousa Martins	Justine Lemahieu	Longa Doc	Ukbar Filmes	2018	1:21:20
Orson Welles	Luis Azevedo	curta doc	MUBI	2018	0:05:44
O Espectador Espantado	Edgar Pêra	Longa exp	Bando à Parte	2016	1:10:07
Dentro do Cas8	Margarida Rodrigues	Longa Doc	-----	2017	0:47:50
Fernando Lemos	Jorge Silva Melo	longa doc	Artistas Unidos	2018	1:16:10
Os Maiores da Minha Rua	Gabriel Coelho	curta / escola	ESAD Matosinhos	2018	0:07:44

Pe San Le	Rousa Coutinho Cabral	longa doc	art8/ nocturno filmes/ Maria Paula Monteiro	2018	1:33:58
-----------	-----------------------	-----------	---	------	---------

03.11 reposições (selecção das competições)

Título	Realizador	Categoria	Produtora	Duração
Amantes na Fronteira	Atsushi Funahashi	Longa Ficção	Bando à Parte	2:18:00
Vidas Cinzas	Leonardo Martinelli	Curta Documentario	Universidade Estácio de Sá	0:15:00
Rabo Negro	Tiago Silva	Curta Doc	ESAD.CR	0:25:49
Caminhos Magnétykos	Edgar Pêra	Longa Ficção	Bando à Parte	1:29:00
Pedro e Inês	António Ferreira	Longa Ficção	Persona Non Grata Pictures	2:00:23
20-02-80	Jerónimo Rocha	Curta Ficção	Take It Easy Film	0:04:44
O Quadro	Paulo Araujo	Curta Ficção		0:12:59
Flor do Gás	João Castela	Curta Ficção	Católica - Escola das Artes	0:12:40
Onikuma	Alessia Cecchet	Curta Ficção	Syracuse University	0:12:02
Calipso	Paulo A. M. Oliveira	Curta Ficção	50cuts	0:15:00
Casas Caiadas	Kyle Sousa	Curta Ficção	Católica - Escola das Artes	0:16:30
A Estranha Casa na Bruma	Guilherme Daniel	Curta Ficção	Suspício Filmes	0:15:00
O Segredo da Casa Fechada	Teresa Garcia	Curta Ficção	CRIM	0:29:58
Onde o Verão Vai (episódios da juventude)	David Pinheiro Vicente	Curta Ficção	ESTC	0:21:00
Leviano	Justin Amorim	Longa Ficção	Promenade Productions	1:42:00

03.12 mastersessions

As MasterSessions são espaços de debate promovidos pelo festival que respondem a um conjunto de temáticas definidas em torno dos eixos curatoriais presentes na programação de

cada edição, promovendo-se assim um espaço de reflexão em interacção com os diferentes públicos.

Promover e premiar o cinema português tem sido a nossa missão desde 1988, mas a sensibilização dos públicos para o nosso cinema não se pode fazer apenas pela projecção no grande ecrã. Desta forma os Caminhos caracterizam-se não só pela heterogeneidade da sua programação, mas também do leque de actividades que propõe anualmente. A formação de públicos, passa tanto pelo ensino, pelo consumo, bem como pela discussão daquilo que é o nosso cinema. Nesta 24.ª edição, em co-organização com o LIPA/UC, estão programadas três sessões *MasterSessions*;

26 Nov. **A representação da crise no cinema português nos festivais de cinema europeus**

Os mais pessimistas dizem que Portugal sempre viveu em estado de crise. De uma forma mais ou menos evidente, o sentimento de crise tem marcada a cultura portuguesa dos últimos dois séculos. O cinema não foge a essa circunstância, particularmente na última década, cuja crise económica e social recente tem tido influência direta na produção de cinema em Portugal, mas também nos seus modos de produção. As questões relacionadas com as políticas públicas, a viabilidade económica e a circulação internacional, entre outras, voltaram em força às agendas mediáticas.

O objetivo desta mesa pretende debater e refletir sobre o atual estado do cinema português a partir do contexto da crise económica e social e sobre a sua influência sobre as perspectivas futuras.

Filipa Reis

Filipa Reis é licenciada em Gestão de Empresas pela Universidade Católica Portuguesa, tendo completado na mesma universidade uma pós-graduação em Cinema e Televisão. Frequentou o Mestrado em Desenvolvimento de Projecto Cinematográfico na Escola Superior de Teatro e Cinema. Funda, em 2008, em conjunto com o seu companheiro e realizador João Miller Guerra a sua própria produtora, onde desenvolve projectos de cinema sob o nome UMA PEDRA NO SAPATO e produz programas de televisão com a marca VENDE-SE FILMES. DJON ÁFRICA, a sua primeira longa metragem, co-realizada com João Miller Guerra, teve estreia mundial na secção Tiger Awards, no Festival Internacional de Roterdão em 2018 e ganhou o prémio FIPRESCI do júri e uma menção honrosa no Festival Internacional do Uruguai. Juntos, realizaram os filmes FORA DA VIDA (Melhor Curta-metragem Competição Nacional - IndieLisboa 2015), O INDISPENSÁVEL TREINO DA VAGUEZA, FRAGMENTOS DE UMA OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA, BELA VISTA (Melhor Curta-metragem Internacional, no FIDOCs e Menção Honrosa MiradasDoc 2013), CAMA DE GATO (Melhor Curta-metragem Portuguesa - IndieLisboa 2012 e Prémio Revelação - Festival de Cinema Luso-Brasileiro de Santa Maria da Feira 2012), NADA FAZI (Prémio Cinema Português, Melhor Filme - Fantasporto 2012 e Prémio do Público - CórteX 2012), ORQUESTRA GERAÇÃO e LI KÉ TERRA (Grande Prémio Longas-Metragens Nacionais - DocLisboa 2010 e Menção Especial do Júri - MiradasDoc 2011). Os filmes por si produzidos têm sido exibidos e premiados em festivais como Berlim (Urso de Ouro 2016), Roterdão, Cannes (L'ACID 2018), Festival Internacional do Rio de Janeiro, BAFICI, Cinéma du Réel (prémio SCAM 2018), Mar del Plata, Festival do Uruguai, FIDMarseille, IDFA, DOKLeipzig, Oberhausen, Visions du Réel, Olhar de Cinema Curitiba, Clérmond-Ferrand, New Directors/New Films, Moscow FF, Janela Internacional de Cinema Recife, Hong Kong, FilmFest Munchen, FICUNAM, Festival dei Popoli, Edinburgh IFF, Sheffield, Melbourne FF, Durban IFF entre muitos outros.

Paulo Cunha
Professor/Investigador/Programador

Paulo Cunha é Doutor em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra, docente de Cinema na Universidade da Beira Interior, investigador do CEIS20-UC e programador no Cineclube de Guimarães e nos festivais internacionais de cinema Curtas Vila do Conde e Porto/Post/Doc.

Saúl Rafael
Marketing Cinematográfico

Saúl Rafael trabalha na NOS Lusomundo Audiovisuais desde 2001, tendo iniciado funções na área de Produção e transitado depois para a área de Marketing, onde lidera a equipa de Marketing dedicada à promoção do cinema português e Warner. Tem como objetivo pessoal e profissional colocar a quota de mercado do cinema português em Portugal acima dos 10%.

28 Nov. **Novas Propostas Formais no Cinema Contemporâneo**

O cineasta Edgar Pêra reage ao epíteto de “experimentalista”, por acreditar que categoriza o seu cinema como não canónico, como marginal no cinema português – que o arreda para um lugar quase externo. Pelo contrário, sente que o trabalho que realiza se pode enquadrar num campo central do cinema português, o que é comprovável, por exemplo, pelo facto de, ao longo da sua carreira de realizador, ter recebido encomendas institucionais para assinalar momentos relevantes do país ou para prestar tributo a importantes figuras da nossa cultura. O que é um cinema “experimental”, se fizer parte de um padrão reconhecido e perpetuado? Referir-se-á a expressão apenas a aspectos técnicos? Em que lugar da reflexão que a interrogação suscita se poderá integrar o papel do espectador? (O que seria, por exemplo, um “espectador experimental”?)

Alexandre Oliveira
Produtor

Trabalha há mais de 20 anos em cinema, inicialmente como diretor de produção e atualmente como produtor da Ar de Filmes. Integrou também o Departamento de Programação da Cinemateca Portuguesa.

Ana Isabel Soares
Professora

Doutorada em Teoria da Literatura pela Universidade de Lisboa (2003) e Professora Auxiliar na UAlg, onde ensina desde 1996, tem lecionado disciplinas de áreas de História do Cinema, Cinema e Literatura, e Literatura Inglesa. Desenvolveu pós-doutoramento sobre poesia e cinema documental português, no Programa em Teoria da Literatura (FLUL), com bolsa da FCT (2009-2010). Tem publicado artigos e orientado seminários em universidades nacionais e internacionais, sobre cinema português e sobre poesia portuguesa contemporânea. É membro integrado do CIAC - Centro de Investigação em Artes e Comunicação. É membro fundador e foi a primeira presidente da AIM - Associação de Investigadores da Imagem em Movimento. Desempenhou funções no Ministério da Educação e Ciência (2011-2012), onde colaborou na preparação do Plano Nacional de Cinema, e no Camões - Instituto de Cooperação e da Língua (2013-2014). Traduziu, com Merja de Mattos-Parreira, a epopeia finlandesa, *Kalevala* (Dom Quixote, 2013) e publicou outras traduções literárias, de autores estrangeiros para língua portuguesa e nacionais para língua inglesa.

Fausto Cruchinho Pereira
Universidade de Coimbra

Doutor em Estudos Artísticos, área de especialização em Estudos Fílmicos e da Imagem, pela Universidade de Coimbra. Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Curso de Estudos Artísticos. Investigador Integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra. Grupo Correntes Artísticas e Movimentos Intelectuais.

30 Nov. **O valor de uma marca do/no Cinema Português**

A Produção de Cinema em Portugal atravessa uma fase de mudança. Verifica-se um progressivo aumento de co-produções internacionais e sobretudo o país tem se revelado um polo de atratividade para produções oriundas de países de grande produção cinematográfica. O Programa PICPortugal veio oficializar a vontade do governo de atrair grande produções cinematográficas ao nosso País, explorando a grande diversidade natural, patrimonial, geográfica e social que é possível de encontrar num país de apenas 92 mil quilómetros quadrados. Assim, o registo imagético é moldado por um país que se adapta a novas circunstâncias de produção, bem como pela forma diferente de olhar à nossa realidade. De que forma estas produções externas podem valorizar o país? Irá o seu registo modificar o “estilo cinematográfico nacional”? De que forma é que o produto “Portugal” poderá ser valorizado pela sua experiência no cinema?

Edson Athayde
Publicitário

Desde 1985, Edson passou por várias agências de publicidade no Brasil, Espanha e Portugal, até que em 2014 assumiu a liderança da FCB Lisboa como CEO e Diretor Criativo Executivo. Com nacionalidade portuguesa desde 2004, é o criativo publicitário mais premiado a trabalhar no país. O seu currículo conta com mais de 700 prémios nos festivais mais importantes da área, incluindo 8 leões em Cannes. Há já vários anos que Edson estuda o uso

do storytelling como ferramenta de comunicação na publicidade, no jornalismo e nas redes sociais. Paralelamente à sua carreira na indústria publicitária, fez consultoria especializada em marketing político para importantes figuras do panorama político em Portugal. É professor, produtor musical, apresentador de programas de televisão, guionista para cinema, televisão e teatro. Escreve crónicas regularmente para diversas publicações e editou até agora 12 livros, entre os quais dois romances. Em 2014, venceu o primeiro Concurso Nacional de Roteiros Aguinaldo Silva, no Brasil. O seu seminário sobre storytelling já passou por diversos países e foi assistido por mais de dez mil pessoas.

Jorge Pelicano
Realizador/Produtor

Frequenta o mestrado de Comunicação e Jornalismo, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Em 2012, deixou o Jornalismo e está atualmente a trabalhar como Realizador de Documentários na produtora Até ao Fim do Mundo onde acabou recentemente o seu último trabalho - *Pára-me de repente o pensamento*.

Luís Filipe Menezes
Vice-Reitor da Universidade de Coimbra para a Cultura e Turismo

Luís Filipe Menezes é Professor Catedrático no Departamento de Engenharia Mecânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC) e membro do Centro de Engenharia Mecânica da Universidade de Coimbra (CEMUC). Concluiu o doutoramento em 1995 e prestou provas para obtenção do título de Agregado em 2003. Os seus interesses de investigação prendem-se com a física e mecânica das grandes deformações, mecânica computacional, conformação de chapas metálicas, modelação mecânica e simulação numérica, identificação e calibração de modelos constitutivos, algoritmos de optimização, programação e algoritmia. Está integrado num grupo de investigação do CEMUC na área da mecânica computacional em tecnologia. Foi coordenador científico de doze projetos de investigação com financiamento externo, todos na área de mecânica computacional, tendo participado, enquanto investigador, em mais de duas dezenas de projetos. É autor de cerca de 3 centenas de publicações, incluindo monografias, artigos em revistas e congressos internacionais, em temas relacionados com a sua área de investigação. É autor de vários programas de simulação numérica de processos tecnológicos. De entre os vários prémios atribuídos a si e à sua equipa destaca-se o prémio científico Europeu ESAFORM Scientific Prize, atribuído pela European Scientific Association for Material Forming em 1999. Foi coordenador científico do projeto que ganhou o Concurso Nacional de Inovação BES em 2007, no setor dos Processos Industriais. De 2005 a 2009 foi vice-presidente do Conselho Científico da FCTUC sendo desde essa data Subdiretor da FCTUC. Exerceu as funções de coordenador do CEMUC entre 2005 e 2010. Foi, de 2010 a 2013, membro nomeado do Conselho Científico das Ciências Exactas e das Engenharias da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

03.13 formação (Cinemalogia)

O curso de cinema “Cinemalogia”, criado em 2011, promovido pelos Caminhos do Cinema Português e pela Universidade Aberta, constituiu-se como um evento de referência na formação cinematográfica, com uma abordagem teórica, mas sobretudo prática. A sua especificidade modular permite que este projecto se destine ao público em geral, ávido de compreender a ilusão criada pela sétima arte, como profissionais que aqui veem a oportunidade de aprofundar especialidades com peritos da área cinematográfica e audiovisual. Apresentando-se agora na sua 9.^a edição, este curso tem respondido a necessidades de formação na área das ciências cinematográficas com uma grande componente prática, atuando complementarmente à oferta da maioria das instituições de ensino superior da região centro e também das necessidades de públicos das regiões metropolitanas do Porto e Lisboa. Evolutivamente a complexidade do curso acompanhou a oferta de um programa didático na generalidade do que é uma produção cinematográfica, aprofundando-se na especificidade de múltiplas áreas do conhecimento cinematográfico que se conjugam no grande ecrã como; a imagem e o som, em todas as etapas da produção de um filme; a direcção de arte; a direcção de actores; o casting; o planeamento da rodagem e a distribuição do filme.

Este projeto pedagógico actua numa lógica de formação intensiva, em horários pós-laborais, com uma vertente profissionalizante, permitindo aproximar as comunidades académicas com especialistas do cinema e audiovisual, resultando na produção própria de obras cinematográficas em cada edição do curso. A organização além do ensino teórico-prático de cinema, seguindo uma abordagem científica, com certificação pedagógica da Universidade Aberta, recrutando reputados especialistas do Cinema Português, tem igualmente procurado valorizar a experiência e percurso dos seus alunos promovendo o seu trabalho no circuito de festivais. De igual forma esta forma de distribuição de produções próprias é também internacionalizadora do Cinema e do território de Coimbra, sendo dado a conhecer a festivais por todo o mundo como (Kansas (EUA), Vigo (ES), Padova (IT), Talin (ES), Sopot (PL), Somerset (UK), Lamar (EUA),...), bem como pelo nosso país (Avanca, Figueira da Foz, Famalicão, Trofa, Viseu...).

Pretende-se, de forma similar às edições anteriores, que o curso seja capaz de produzir uma obra fílmica cuja qualidade lhe permita a participação em eventos cinematográficos de relevo, contribuindo para o enriquecimento curricular e profissional dos formandos

Para o ano lectivo de 2018/2019, os Caminhos do Cinema Português apresentam um formato do curso consolidado, apostando numa formação sólida no percurso ‘da ideia ao filme’. O plano modular, constituído por 460 horas, apresenta um conjunto de etapas já abordadas aprofundadamente em outras edições, conjugado com novos desafios como a reportagem de eventos cinematográficos, a interpretação para cinema, a análise de narrativas olhando aos contextos de produção, uma aprofundada abordagem à pré-produção ou ainda a elaboração e planeamento de comunicação. É com base na experiência de edições anteriores e da colaboração de todos os formandos, que surge esta nova edição renovada e reforçada em torno das etapas essenciais para a aprendizagem, desenvolvimento, produção e distribuição de uma curta-metragem.

03.14 investigação (Simpósio)

O 5.º Simpósio Internacional Fusões no Cinema irá decorrer entre 23 e 24 de novembro de 2018, em São João da Madeira, com o apoio da Câmara Municipal de São João da Madeira.

Esta 5.^a edição do Simpósio será co-organizada pelos Caminhos do Cinema Português e pela Unidade de Desenvolvimento dos Centros Locais de Aprendizagem (UMCLA) da Universidade Aberta, sendo que todas as propostas de trabalhos apresentados passarão por um processo de revisão por pares, realizado sob a forma de análise cega (blind-review), de modo a garantir a isenção e imparcialidade da avaliação. Os trabalhos submetidos serão publicados em livro de

actas sendo que os trabalhos mais relevantes serão publicados num número futuro da ICONO14 editorial.

Os Caminhos Film Festival e a Universidade Aberta convidam-no a submeter propostas de comunicação, em português, inglês ou castelhano, que não excedam os 1500 caracteres (incluindo espaços), nas seguintes linhas temáticas (que poderão ser alargadas a outras) do Simpósio:

Linha 1 – A Fusão das Artes no Cinema

As relações entre as diferentes artes e o cinema: -Arquitetura; – Literatura / Argumentismo; – Interpretação /Representação; – Música; – Fotografia; – Artes Plásticas.

Linha 2 – Cinema e Tecnologia

A evolução tecnológica e a forma como o Cinema chega ao Espectador: -A legendagem, dobragem e audiodescrição; -As Novas tecnologias, Internet e cinema; -Os suportes, formatos e os novos media;

Linha 3 – Cinema, Investigação e Educação

Cinema em diferentes ambientes pedagógicos (online e presenciais); Cinema e Investigação em Contexto Educativo; Práticas de Cinema na Escola; Cinema e Novas Tecnologias em Educação; Cinema e Redes Sociais em Contextos Formais e Informais de Aprendizagem; Produção de Objetos de Aprendizagem (OA) Audiovisuais com Fins Educativos e recorrendo à Linguagem Cinematográfica.

Linha 4 – Cinema e Televisão

Abordagens teóricas, sobre a produção audiovisual em geral, incluindo todos os géneros e plataformas de difusão, enquadrando-a num contexto contemporâneo nacional e internacional; A análise das relações entre realização e produção de conteúdos cinematográficos e televisivos; Cinema e Televisão mundos paralelos ou interligados.

Convidam-se todos os docentes a participar (sem comunicação), gratuitamente, no Simpósio, sendo que os inscritos poderão ter acesso a um Certificado de Formação acreditado pelo CCPFC com 1 crédito para professores dos Ensinos Básico e Secundário com o título “Fusões no Cinema”. O Simpósio terá uma duração de 25 horas, sendo que 10 horas serão presenciais, nos dias 23 e 24 de novembro e 15 horas serão em ambiente online na semana seguinte, com conferências em ambiente virtual de especialistas internacionais.

Convidam-se todos os docentes a participar (sem comunicação), gratuitamente, no Simpósio, sendo que os inscritos poderão ter acesso a um Certificado de Formação acreditado pelo CCPFC com 1 crédito para professores dos Ensinos Básico e Secundário com o título “Fusões no Cinema”. O Simpósio terá uma duração de 25 horas, sendo que 10 horas serão presenciais, nos dias 23 e 24 de novembro e 15 horas serão em ambiente online na semana seguinte, com conferências em ambiente virtual de especialistas internacionais.

03.15 visita de estudo (houve?)

03.16 cerimónia de abertura

03.17 cerimónia de encerramento

03.18 palmarés

Vencedores da XXIV edição:

Prémios Selecção Caminhos

GRANDE PRÉMIO DO FESTIVAL | Cabaret Maxime de Bruno de Almeida
 PRÉMIO DO PÚBLICO CHAMA AMARELA | Até que o porno nos separe de Jorge Pelicano
 MELHOR LONGA-METRAGEM DE FICÇÃO EROPCAR | Terra Franca de Leonor Teles
 MELHOR CURTA-METRAGEM | Anteu de João Vladimiro
 MELHOR DOCUMENTÁRIO | Até que o porno nos separe de Jorge Pelicano
 MELHOR ANIMAÇÃO | Entre Sombras de Mónica Santos e Alice Guimarães
 MELHOR ACTOR | Fernando Rodrigues - Por sua Testemunha
 MELHOR ACTOR SECUNDÁRIO | John Wentinmiglia - Cabaret Maxime
 MELHOR ACTRIZ | Valerie Bradell - Maria
 MELHOR ACTRIZ SECUNDÁRIA | Rita Martins - Aparição
 PRÉMIO REVELAÇÃO | Mónica Chen - Califórnia
 MENÇÃO HONROSA | Grace Passô - Praça Paris
 MELHOR DIRECÇÃO ARTÍSTICA | João Torres - Cabaret Maxime
 MELHOR DIRECÇÃO FOTOGRAFIA | João Ribeiro - A Árvore
 MELHOR GUARDA-ROUPA | Patrícia Doria - Aparição
 MELHOR REALIZADOR | Bruno de Almeida - Cabaret Maxime
 MELHOR CARACTERIZAÇÃO | Catarina Santiago - A Estranha Casa na Bruma
 MELHOR MONTAGEM | Marco Amaral e João Braz - 3 Anos Depois
 MELHOR SOM | Artur Cyaneto, Emílio Alicante - Caminhos Magnétykos
 MELHOR ARGUMENTO ORIGINAL | Eugène Green - Como Fernando Pessoa Salvou Portugal
 MELHOR ARGUMENTO ADAPTADO | João Pupo - Por Tua Testemunha
 MELHOR BANDA SONORA ORIGINAL | Manuel João Vieira - Cabaret Maxime
 MELHOR COMUNICAÇÃO E PROMOÇÃO | IVITY CORP | Anteu de João Vladimiro
 PRÉMIO D. QUIJOTE – FICC | Terra Franca de Leonor Teles
 MENÇÃO HONROSA – FICC | Maria de Catarina Neves Ricci
 MELHOR FILME – PRÉMIO IMPRENSA CISION | BOSTOFRIO de Paulo Carneiro
 MENÇÃO HONROSA – PRÉMIO IMPRENSA | Entre Sombras de Mónica Santos e Alice Guimarães

Prémios Selecção Ensaios

MELHOR ENSAIO NACIONAL | Um Marco no Futebol, de José Caetano
 MENÇÃO HONROSA | Manuel Casimiro - Pintar a Ideia de Isabel Gomes
 MELHOR ENSAIO INTERNACIONAL | Vidas Cinza de Leonardo Martinelli
 MENÇÃO HONROSA | In Between Spaces de Don Senoc

04. impacto económico e social

04.01 estratégias de comunicação

04.01.01 conceito gráfico

04.01.02 comunicação digital

04.01.03 plano de meios

04.01.04 assessoria de comunicação

04.01.04.01 análise de comunicação

04.01.04.02 clipping

05. análise de produção

05.01 geral

05.02 programação

05.02.01 Análise das secções competitivas

05.03 acolhimento

O Acolhimento a todos os convidados do festival não é uma tarefa simples. Implica estar encarregue de cuidar e propiciar o melhor acolhimento, desde o alojamento, à marcação de refeições, e acompanhar as necessidades individuais de jurados, convidados e jornalistas que participaram nesta edição do festival. Uma das maiores dificuldades nesta edição foi acompanhar o processo que já tinha sido anteriormente feito do qual eu não tinha conhecimento. Apesar de ser uma área complexa e trabalhosa o facto de ter muitos voluntários nem sempre ajuda, tornando o trabalho mais confuso e desmotivante para os mesmos. Por ser uma área tão importante num festival deve ser trabalhada com alguma antecedência entre o grupo de acolhimento. A comunicação entre o Acolhimento e as diversas áreas do festival, bem como briefings de equipa são imprescindíveis para o sucesso e progresso do Caminhos do Cinema Português.

05.04 tesouraria

05.04.01. Justificação dos Desvios Orçamentais

05.05 conclusão